

**Incorporando a Feminilidade Carioca:
Beleza, Corpo e Rivalidade**

Isabella Souza Rocha

**Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres.
As Mulheres na Sociedade e na Cultura.**

Julho, 2020

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em *Estudos sobre as Mulheres. Mulheres na Sociedade e na Cultura*, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Sara Dalila Aguiar Cerejo

Dedico esta dissertação para aquele que me acompanha e meu eterno professor, Kelison
Castello Branco Rocha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à FCSH, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, por ajudar a tornar realidade o meu sonho de mestrado no âmbito dos Estudos de Género. É também com enorme gratidão que agradeço a minha orientadora, a Professora Doutora Dalila Cerejo, que me direccionou quando acreditei que este trabalho estava por perdido. Obrigada por acreditar em mim e pela sua dedicação.

Sobretudo, agradeço as 30 mulheres que participaram das entrevistas, na qual sem a vossa participação este trabalho jamais seria possível. Obrigada pelo vosso tempo e por acreditarem nesta dissertação.

Cursar um mestrado e aceitar que o Oceano Atlântico me separa da minha amada família, não foi fácil, mas encontrei pessoas que me receberam de coração aberto, pessoas que não imaginava que fariam parte da minha vida novamente, como Raphael Lima, quem me deu abrigo por quase um ano e teve a generosidade de ajudar-me neste trabalho. Outras duas pessoas que foram importantes para esta dissertação são: Pedro Henriques, que, com toda paciência e cuidado me auxiliou na estruturação desta dissertação e Isadora Sales, que me deu grande suporte entre os altos e baixos que uma dissertação pode psicologicamente causar, além, claro, das orientações sobre o tema. Obrigada, Isa! Agradeço também as amigas que construí e as amigas que desconstruí neste curto período de tempo, pois essas experiências foram fundamentais para o meu crescimento pessoal. E, claro, que eu não podia deixar de agradecer às minhas parceiras de luta e aquelas que me ensinam diariamente o verdadeiro valor da amizade: Andressa Costa, Camila Savelli, Beatriz Mattos, Thayná Siciliano e Zíngara Lofrano. Amo muito vocês!

Agradeço ao meu irmão e amigo, Marcelo Loureiro, que há 18 anos me dá suporte emocional e académico. Obrigada por você me incentivar há tantos anos pela busca do conhecimento, pois se hoje termino esta etapa da minha vida, foi graças ao seu apoio. Agradeço também à minha irmã e melhor amiga que me incentivou antes, durante e no fim deste trabalho, obrigada Rafaela Polillo. Durante este tempo longe de casa, outra mulher foi muito importante, Pina Polillo, que sempre me manteve informada sobre os acontecimentos do mundo, da minha cidade maravilhosa e do meu amado Bairro Santa Genoveva.

Agradeço ao meu padrinho e tio, Ricardo Antônio e Souza, pela dedicação e amor. Meus planos não seriam possíveis sem a sua ajuda, obrigada por embarcar nas minhas

aventuras há 28 anos. À minha madrinha, Laura Weiss, que foi fundamental na minha instalação aqui, em Lisboa, além de ter me dado força nas principais etapas da minha vida.

À minha vó, Dona Infancia que me apoiou quando soube do resultado do mestrado e por mais que doesse ficar longe da sua única neta disse: ‘A gente cria os filhos para voar’. Essa mulher de 85 anos é meu maior exemplo de feminista. Agradeço também ao meu vôzinho, Seu João, que durante uma conversa de Páscoa, disse que eu deveria ir para onde houvesse oportunidade de crescer. O interessante é que os dois fizeram o mesmo movimento que eu fiz há dois anos: saíram de vossas terras na procura de algo melhor, hoje, estou eu cá em vossa terrinha tão amada, onde reencontrei minha família portuguesa que me acolheu com tanto amor. Obrigada, vó e vô, por acreditarem no meu desejo de estudar fora e por terem me trazido até aqui. Para mim, foi a melhor viagem da minha vida. Amo tanto vocês!

Agradeço também a pessoa que se tornou a maior incentivadora desta dissertação, que me apoiou quando acreditei que estava tudo perdido, que repetia para mim que ‘faltava pouco’ e que me respeitou durante os momentos de criação. Além disso, obrigada por ter embarcado comigo nesta aventura, passamos tantas coisas juntos e na distância que é difícil pôr em palavras. Obrigada, Roberto Lima Félix, te amo!

Agradeço ao meu maior exemplo de mulher, Lúcia de Fátima e Souza. Essa guerreira que eu tenho a orgulho de chamar de mãe é aquela que tem os melhores conselhos que fazem eu erguer a cabeça, ela esteve sempre ao meu lado durante meu percurso acadêmico e profissional. Nossa relação de amizade é fruto da troca de conversas e dos desafios que apareceram em nossas vidas, que por mais que tenham sido duros, nossa relação se fortaleceu ainda mais. Afinal, tivemos o melhor professor que nos preparou para esses desafios e mesmo longe fisicamente continua conosco. Amo muito vocês dois!

RESUMO

Incorporando o Feminino: Rivalidade, Corpo e Beleza

Isabella Souza Rocha

Esta dissertação tem como objetivo a análise da construção dos modelos de feminilidade e como a sua incorporação tem consequências na percepção de crenças e modelos da sociedade brasileira heteronormativa dominante. O estudo analisou 30 mulheres que residem no Rio de Janeiro, cuja rotina e vivência dos modelos de gênero apontam para lógicas sustentadas na incorporação da feminilidade baseada no culto do corpo, o que reflete a sustentação dos padrões de beleza vigentes, dos complexos de corpo e da rivalidade feminina.

PALAVRAS-CHAVE: feminilidade, mulher, rivalidade, corpo, beleza

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the construction of femininity models and how their incorporation has consequences on the perception of belief and models of the dominant heteronormative Brazilian society. The study analyzed 30 women residing in Rio de Janeiro, the experience of gender models aimed at the logics sustained in the incorporation of femininity based on the cult of the body, what reflects the support of beauty standards, body complexes and female rivalry.

KEYWORDS: femininity, woman, rivalry, body, beauty

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Capítulo 1: A Construção da Feminilidade	6
1.1. Feminilidade na Europa Ocidental (A.C. – Idade Moderna)	6
1.2. A mistura do pecado: formação da mulher brasileira	12
1.3. A contínua propagação do modelo mundial da feminilidade tradicional	13
1.4. O Corpo violão: exploração, imposição e obsessão	17
Capítulo 2: Conceitualização Teórica e Operacionalização dos Conceitos	20
2.1. Pilares teóricos e metodológicos	20
2.2. Escolhas analíticas e metodológicas	21
2.3. Indicadores e dimensões de análise	24
Capítulo 3: Da construção à imposição da feminilidade	28
3.1. O ser feminino: imposição da beleza	30
3.2. O corpo domesticado: comparações e obsessões	41
3.3. Fábrica dos milagres: biomédica do corpo	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
APÊNDICES	66

INTRODUÇÃO

As crenças, os modelos e os valores sociais que determinam a ‘naturalidade’ do papel da feminilidade são comuns no Ocidente e são evidenciados em diversas expressões: ‘isso é coisa de mulher’; ‘isso não é coisa de menina’; ‘tenha modos, você é menina’; ‘que prendada, já podes até casar’; ‘isso não pega bem para uma mulher’; ‘a maquiagem é a melhor amiga de toda mulher’. Os exemplos são diversos, mas é importante ressaltar que os papéis de gênero e a sua segregação são produções milenares, reproduzidos naturalmente através de atos performativos (Butler, 2003). Durante séculos, as mulheres foram marcadas por um percurso de subalternização ao serem posicionadas como seres do segundo sexo e submissas aos homens (Beauvoir, 1970). Paralelamente, o corpo feminino foi repreendido e tolhido pela Igreja e pelo Estado (Federici, 2017), o que delineou a formação do ‘ser mulher’, gerando reflexos na atualidade.

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a produção e a reprodução de modelos, valores e crenças da feminilidade tradicional do Rio de Janeiro, Brasil. Também será analisada de que forma o conceito é assimilado por mulheres da cidade e como esses mesmos modelos de feminilidade se constituem como veículo de reprodução da heteronormatividade hegemônica que, por sua vez, se fundamenta por meio da rivalidade feminina e dos padrões vigentes de beleza e corpo. Dessa forma, para entender melhor o cenário e estudar o impacto do conceito na vida social, foi importante a realização de entrevistas que contribuíram para analisar de forma eficiente esses modelos, crenças e valores relacionados com a feminilidade tradicional, através das experiências vivenciadas por mulheres na sociedade heteronormativa brasileira.

Também foram traçados outros objetivos específicos. O objetivo específico número 1 foi analisar através dos questionamentos o período da infância das entrevistadas para perceber as diferentes formas de modelos, valores e crenças que foram incorporados através de brincadeiras, conversas, escolas, amigos/as e atitudes incentivadoras e repressoras dos familiares. Durante esta análise, foi importante perceber elementos que determinam os papéis de gênero: como a entrevistada foi incentivada a se vestir, a se arrumar e a se comportar.

O objetivo específico número 2 foi analisar de que forma a vaidade reforça a assimilação de determinados padrões de feminilidade, que, por sua vez, reproduzem lógicas da heterossexualidade dominante. Dessa forma, as entrevistadas foram questionadas sobre como os elementos relacionados com a vaidade foram apresentados em suas vidas,

nomeadamente através da identificação de formas de incentivo ou repreensão para assumir a feminilidade.

O objetivo específico número 3 teve o intuito de analisar como as entrevistadas foram socializadas num determinado ideal de padrão de beleza. Para tal, foi importante perceber a influência dos/as amigos/as, dos familiares e da mídia na construção da percepção de beleza. Além disso, foi analisado como foi a inserção da entrevistada ao culto à beleza.

O objetivo específico número 4 desta investigação foi analisar se os padrões de beleza, que são incorporados pelas mulheres, podem desencadear complexos de corpo e rivalidade feminina com impacto na (re)produção de uma heteronormatividade vigente. Este objetivo está ligado à ideia sustentada por Goldenberg (2011) que defende que os padrões de beleza podem gerar complexos de corpo, devido à obsessão de incorporar as características dos modelos determinados na sociedade. Já a rivalidade feminina é relacionada por Wolf (1992) como uma das causas da incorporação dos padrões de beleza, e por isso, também foi explorado nas narrativas.

O objetivo específico número 5 foi identificar aspectos particulares nos quais assenta a construção dessas lógicas de rivalidade feminina. A este respeito, tentou-se perceber, por exemplo, se as mulheres competem entre si pela atenção e preferência masculina ou se as entrevistadas frequentemente sentem inveja e desconfiança em relação a outras mulheres.

A escolha da metodologia qualitativa se sucedeu pela necessidade de este ser um tema que requer a identificação de lógicas, valores sociais e subjetividades cujo aprofundamento só pode ser feito a partir de uma análise qualitativa (Lisboa, 2016). Esta dissertação teve o interesse em específico de entrevistar mulheres do Rio de Janeiro, pois, segundo Goldenberg (2011), as mulheres do Rio sofrem pressões culturais pelo culto ao corpo, o que gera uma obsessão pelo corpo musculoso e atlético. Para encontrar as entrevistadas, uma publicação em uma rede social convidou mulheres da cidade do Rio a participar de conversas no âmbito da temática da feminilidade (beleza, corpo, relacionamentos e rivalidade feminina). Por isso, em princípio, uma amostragem por conveniência foi feita. Isto é, foram selecionadas mulheres que se mostraram mais acessíveis e disponíveis a colaborar com a pesquisa (Freitag, 2018). Outro método utilizado foi a amostragem por bola de neve, pois as primeiras entrevistadas indicaram outras mulheres que gostariam de participar do trabalho (Vinuto, 2014). Deste modo, o número de selecionadas chegou a 30 participantes, o que determinou uma estratégia por saturação, pois os depoimentos passaram a não fornecer novas informações para o estudo (Glaser & Strauss, 1967). Por isso, estabeleceu-se a quantidade máxima de participantes. Elas têm entre 18 a 65 anos e são mulheres que apresentam alguma

diversidade sociocultural e socioeconômica. As entrevistas foram conduzidas por perguntas previamente semiestruturadas.

O tema desta dissertação parte de um interesse pessoal, pois nasci e cresci no Rio de Janeiro. Até meus 26 anos vivenciei diversos mecanismos de controle que o corpo feminino sofre na sociedade carioca. Lembro-me de uma adolescência cheia de imposições que determinavam como o meu corpo e a minha aparência deveriam ser. Essas imposições geraram em mim e em outras mulheres do meu ciclo de amizade compulsividades e obsessões em relação à aparência. Além disso, observava que estar dentro do padrão de beleza da cidade do Rio gerava um certo grau de competição entre as mulheres, como se surtisse uma disputa em quem seria a mais bela do bairro, a mais bonita da escola e a mais gostosa da praia, o que era, constantemente, normalizado pela crença da rivalidade feminina.

As percepções no âmbito das preocupações com a aparência e com o corpo foram sendo vistas com mais facilidade quando tive contato com mulheres de fora do Brasil e percebi que elas têm relações diferentes com o corpo. Depois de inúmeras conversas informais relacionadas com o corpo, observei que existia uma forma menos preocupada e neurótica de ‘estar no padrão’, ou seja, não existia a necessidade de exibir corpos torneado e músculos desenvolvidos – bumbuns, coxas e quadris salientes, barriga chapada e seios firmes.

Outro ponto relevante que me fez ter interesse pelo tema foram as constantes comparações que sofro por ser mulher brasileira, mas não apresentar características que remetem ao biótipo comum à imagem da brasileira. Porém, apesar de ser lida como europeia, percebi um tratamento diferenciado quando meu sotaque denunciava minha origem, o que foi vivenciado em Portugal. Depois, percebi através de experiências com amigos e amigas, no trabalho e com familiares portugueses o quanto o estereótipo da mulher brasileira é relacionado ao corpo saliente, à sexualidade e ao imaginário da ‘ladra de maridos’¹. Concepções sustentadas através das crenças e do passado colonial entre Brasil e Portugal (Gomes, 2013).

A partir de então, decidi estudar de maneira aprofundada a população de mulheres do Rio para tentar entender por que as cariocas são preocupadas com a aparência e, principalmente, com o corpo. Neste percurso de entender as questões com o corpo e as consequências geradas pela imposição de arquétipos pré-moldados, notei que seria

¹ A associação é antiga, já que na época do Brasil colônia muitos portugueses iam para o ‘Novo Mundo’ e casavam-se com brasileiras (Gomes, 2013). Mas o estigma ganhou força em 2003, com o movimento ‘Mães de Bragança’, que protestaram na intenção de expulsar as brasileiras da cidade, pois alegavam que as brasileiras ‘roubaram seus maridos’ (Correia, 2014).

importante traçar a perpetuação de determinados ideais de beleza do corpo e da aparência que reforçam as concepções destinadas a agradar aos modelos vigentes da sociedade heteronormativa brasileira.

Esta dissertação apresenta, num primeiro momento, um breve resumo sobre os principais acontecimentos do percurso da construção da feminilidade na Europa Ocidental e no Brasil através da lógica da sociedade heteronormativa dominante. Em seguida, o trabalho apresenta de forma aprofundada a estrutura utilizada no guião de entrevistas e como se realizou a seleção das mulheres entrevistadas. Para auxiliar a análise dos depoimentos, uma tabela de indicadores foi construída (Quivy & Campenhoudt, 1995) com o propósito de perceber quais indicadores que estiveram mais presentes nas narrativas das entrevistadas.

O desenvolvimento desta investigação se realizou conforme a análise de conteúdo dos depoimentos das entrevistadas com base nos autores e autoras sobre o tema acerca da feminilidade. Para tal, assuntos relacionados sobre as representações da mulher (Beauvoir, 1970); valorização da beleza, da educação feminina e a sustentação da rivalidade feminina (Wolf, 1992), representações do corpo e compulsividade pelos modelos femininos (Goldenberg, 2011) e arquétipos de representação de papéis de gênero (Butler, 2003) foram relacionados como forma de sustentação teórica. Para finalizar este trabalho, análises serão apresentadas com a intenção de responder de forma satisfatória ao objetivo principal e aos objetivos específicos desta dissertação.

É importante salientar que esta dissertação segue as normas do acordo ortográfico da Língua Portuguesa em vigor no Brasil. Por isso, algumas palavras e expressões utilizadas no vocabulário local do Rio de Janeiro serão mantidos com o propósito de não deturpar as narrativas das entrevistas. Como alternativa, vocabulários e expressões portuguesas serão expostas no texto com objetivo de elucidar o leitor e a leitora. Além disso, este trabalho seguiu normas da linguagem inclusiva. Diferente de algumas dissertações tradicionais que seguem estilos acadêmicos clássicos, conforme a exigência das academias portuguesas, esta investigação teve a preocupação de abordar os dois gêneros ao longo do texto. Uma das razões para isso é que esta dissertação faz parte do Departamento de Estudos sobre as Mulheres, o que torna justo a utilização da norma.

O tema desta dissertação – *A construção da feminilidade e as consequências de incorporá-la na sociedade heteronormativa dominante* – é de grande importância para as Ciências Sociais, pois tem relevância de conhecimento público. O enfrentamento de concepções sociais de gênero que continuam a contribuir para a subjugação das mulheres deve ser uma preocupação de todos os homens e de todas as mulheres. Mas, e como diz

Bourdieu (1993) se todo o dominado é agente ativo da sua própria dominação, então as mulheres que tiverem acesso a este trabalho poderão indagar-se e refletir sobre comportamentos, ações, preferências, gostos, beleza, relações com o corpo e relacionamentos com outras mulheres e outros homens. Além disso, é importante levar em conta a necessidade da academia torna-se mais interventora na desconstrução e análise dos comportamentos naturalizados do cotidiano de homens e mulheres.

Capítulo 1: A Construção da Feminilidade

Este capítulo pretende expor a construção da feminilidade ao longo dos anos, além de apresentar como o conceito foi desenvolvido. Ao ser levada em conta a vasta história do papel feminino na cultura Ocidental, torna-se imensurável a elaboração detalhada da construção do papel da mulher durante os séculos. Por isso, serão abordados episódios e períodos de tempo específicos que corroboraram na construção da ideia de feminilidade dentro da cultura heteronormativa dominante e suas consequências.

Para observar a construção do papel da mulher na sociedade ocidental, será preciso observar a organização familiar e a distribuição das tarefas que foram destinadas a cada sexo, masculino e feminino. Devido à natureza desta dissertação, este capítulo apresentará de forma resumida os acontecimentos que tiveram relação direta na construção dos papéis e modelos de uma feminilidade tradicional.

1.1. Feminilidade na Europa Ocidental (A.C.² – Idade Moderna)

O filósofo Engels (2019) afirma que, desde os primórdios da Idade da Pedra já havia uma divisão de papéis entre homens e mulheres com propósito de estabelecer um ideal de comportamento que diferenciasse o masculino e do feminino: a mulher ficou encarregada pelo cultivo da terra e pela preparação dos alimentos, enquanto o homem tinha o dever de caçar. É dessa forma que começa a ser delineado o futuro da mulher no âmbito do privado (Engels, 2019).

Ariès & Duby (2009) referem que durante o Império Romano (A.C.) e o Ano I (D.C.) novas estruturas morais foram sendo desenhadas. Apesar do Estado incentivar as mulheres a serem vistas como cidadãs, chefes de famílias e até mesmo amigas dos próprios maridos, havia a crença na inferioridade feminina, destinando a todas a obediência ao marido como uma característica obrigatória. No entanto, a inferioridade feminina já vinha sendo delineada por diversas gerações de filósofos anteriores a este período. Por volta dos anos 340 A.C., Aristóteles declarou que a mulher era um ser deficiente, que deveria viver fechada em casa e servir ao marido (Beauvoir, 1970).

² Antes de Cristo

Engels (2019) pontua que as invenções do bronze e do ferro A.C. contribuíram para uma nova organização social, na qual o trabalho, por meio desses materiais, destacou a força masculina, destinando a mulher aos trabalhos servis e de procriação. Para Ariès & Duby (2009), o desprezo pelo sexo feminino refletia no alto índice de infanticídio feminino, do período do Império Romano. Os autores explicam que o marido que aceitasse uma filha demonstrava grande generosidade.

Beauvoir (1970) salienta que gradativamente o homem concentrou o poder de decisão e determinou o seu papel e o da mulher na sociedade, beneficiando-se, e, paralelamente, a mulher nunca se impôs perante o início da dominação masculina. Para a autora, as mulheres eram vistas como seres passivos e inferiores intelectualmente. Com isso, as decisões de âmbito público foram dominadas pelo universo masculino. Além disso, Cerejo (2014) destaca que mitos criados sobre o corpo e a psique da mulher, associando-a ao descontrole emocional, contribuíram para o seu afastamento da esfera pública. “A natureza caótica dos seus órgãos reprodutivos que engajavam e as descontrolavam, física e psicologicamente; a puberdade, a menstruação, gravidez e menopausa, eram vistos como períodos em que elas perdiam o controlo do humor” (Cerejo, 2014, 239). Assim, os espaços públicos, os setores da política e de ordem pública também foram destinados exclusivamente para os homens (Ariès & Duby, 2009).

Para perceber a posição da mulher na sociedade ocidental, torna-se importante observar a configuração das famílias. Engels (2019) acredita que a promiscuidade sexual prevaleceu por muitos anos na organização do mundo Ocidental, o que terá tornado a paternidade era um fator duvidoso neste período, pondo a mulher como a única progenitora. Assim, de acordo com o autor, para não haver um controle feminino absoluto, houve a implementação da monogamia. O conceito monogâmico para Engels (2019) também estabeleceu que apenas um homem tinha o direito sobre a mulher, diferentemente do que acontecia na configuração anterior denominada como poligamia³. Sobretudo, o autor percebe que a maternidade perde, aos poucos, a importância para a paternidade, desenvolvendo-se uma espécie de controle social, que mais tarde virá a ser a configuração do patriarcalismo.

Tiburi (2014) afirma que religiões monogâmicas, como o judaísmo e o cristianismo, contribuíram para a construção da imagem da mulher passiva, submissa e com predisposição ao mal. Segundo Beauvoir (1970), as religiões e crenças atribuíram ao corpo e à sexualidade

³ A palavra poligamia vem de duas palavras gregas, que significam muitos casamentos. Os cientistas usam o vocábulo poliginia para designar aquele que tem mais de uma esposa ao mesmo tempo, e poliandria, para designar a mulher que tem mais de um marido ao mesmo tempo. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/poligamia/>

feminina associações pecaminosas e um natural afeiçoamento ao mal. Sancovsky (2012) defende que “dentro das falas rabínicas, a clara consciência de separação entre o público e o privado nas atribuições sobre o corpo (...) formas de constituição repressiva sobre o corpo como objeto (e não como sujeito) e à sexualidade como desvio pecaminoso e prejudicial ao espírito” (p.199).

Com a instituição da monogamia, houve a crescente institucionalização do casamento e da propriedade privada, gerando consequências na formação familiar e uma nova organização social (Engels, 2019). Beauvoir (1970) caracteriza a propriedade privada como a derrota histórica para o sexo feminino, pois o homem tornou-se “também proprietário da mulher” (Beauvoir, 1970, 74). Segundo Engels (2019) e Beauvoir (1970) a mulher se torna responsável pelos cuidados da casa, dos filhos e no preparo dos alimentos, tarefas que a mulher desempenha desde os primórdios. Bourdieu (2002) explica que a mão de obra feminina foi destinada às tarefas ‘invisíveis’ ou aquelas tidas como vergonhosas:

(...) as mulheres vêm atribuir a elas todos os trabalhos domésticos, isto é, os trabalhos privados e escondidos e até mesmo invisíveis ou vergonhosos, como a criação das crianças e dos animais, e uma boa parte dos trabalhos exteriores, principalmente aqueles referentes à água, às plantas, ao verde (como a capina e a jardinagem), ao leite, à madeira, e muito especialmente os mais sujos (como o transporte do estrume), os mais monótonos, os mais penosos e os mais humildes. Quanto aos homens, estando situados no lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, eles se arrogam todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espe-taculares que, como a matança do boi, a lavragem ou a colheita, sem falar do assassinato ou da guerra, marcam rupturas no curso comum da vida, e fazem intervir instrumentos fabricados pelo fogo. (Bourdieu, 2002, p.138)

O surgimento da propriedade privada é gradativa e gera uma nova ordem social⁴, fortalecendo o capitalismo e o comércio (Engels, 2019). Essas novas normas de organizações que destinaram a mulher ao âmbito privado e o homem ao público, contribuíram para a ascensão do patriarcado. Esta ideologia patriarcal instituiu uma organização familiar que determina que o pai é o ‘chefe’ com poder sobre os membros da família (Engels, 2002). Para Almeida, (2010) a validação do conceito contribuiu para os homens da sociedade serem os detentores do poder e do saber:

⁴ É o conjunto de normas, instituições e costumes que regulam a vida dos indivíduos em suas relações de ordem jurídica, social e moral de uns para com os outros e entre eles e o governo, em qualquer momento de uma sociedade politicamente organizada e policiada.

Trata-se da caracterização de um sistema de organização das relações sociais, baseada em critérios de divisões desiguais de tarefas entre homens e mulheres e da atribuição de espaços e atividades específicas de forma naturalizada. Afirmam-se por meio dessas atividades, papéis sociais sob a forma do enquadramento de funções e posições na sociedade. (Almeida, 2010, p. 22-23)

Nesta nova organização social, os casamentos passaram a ser uma forma de aumentar propriedades privadas (Engels, 2019) e também de sobrevivência para as mulheres (Wolf, 1992). Beauvoir (1970) destaca que diversos povos apresentam em comum a obediência da mulher ao homem como uma das características fundamentais do “ser mulher”. Segundo Ariès & Duby (2009), ao longo do período estabelecido como Ano I (D.C.), a mulher era considerada uma ‘criança grande’ que demandava cuidados, por isso pertencia integralmente ao pai, para mais tarde pertencer ao marido. A mulher estava destinada à servidão institucional e também doméstica: sendo servir ao pai, ao marido e à futura família (Ariès & Duby, 2009).

Com a forte ascensão da Igreja Católica Apostólica Romana, a Bíblia influenciou e contribui na ratificação das concepções de organizações familiares (Sancovsky, 2012) que estabeleceu que “cada um deve ter sua esposa e cada mulher o seu próprio marido” (Coríntios 7: 1-5). Butler (2003) deixa claro como a formação heteronormativa das famílias não foi natural, mas sim uma imposição da sociedade, que determinou os relacionamentos binários, provocando a diferenciação entre homens e mulheres de uma forma não igualitária. A autora acredita que essa necessidade da “heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual” (Butler, 2003, p.45).

Desta forma, a supremacia masculina foi ganhando forma e espaço na Europa Ocidental (Federici, 2017). Segundo Connell & Messerschmidt (2013), os homens foram doutrinados a pensar e a agir de forma a legitimar a hegemonia masculina “como um padrão de práticas (*i.e.*, coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (p. 245).

As instituições como a Igreja e o Estado contribuíram na institucionalização do patriarcado e estimularam o estigma da mulher na sociedade (Federici, 2017). O mito de Adão e Eva, sustentado pela Igreja Católica Apostólica Romana, afirma que Eva foi criada

da costela de Adão⁵. Beauvoir (1970) interpreta a representação de Eva como um ser secundário e pecador, pois induziu Adão a comer do fruto proibido, tendo como responsabilidade a expulsão do paraíso e a ira eterna de Deus. A passagem em Gênesis diz: “multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (Gênesis, 3:16). De entre outros exemplos, Federici (2017) atribui à Igreja Católica Apostólica Romana a responsabilidade da associação pejorativa da mulher aos rituais satânicos.

No entanto, Federici (2017) destaca que, na Idade Média, as mulheres passaram a ter profissões nos espaços públicos. Segundo a autora, muitas mulheres eram ferreiras, cervejeiras, açougueiras, padeiras, chapeleiras e comerciantes. Porém, por serem estigmatizadas pela Igreja, a preferência era da mão de obra masculina, fazendo com que as mulheres precisassem cobrar um valor abaixo do mercado para conseguirem competir com os homens (Federici, 2017). Refere ainda a autora, que, aos poucos, o Estado foi restringindo legalmente o direito das mulheres trabalharem, através da expulsão da mão de obra feminina dos trabalhos assalariados. Segundo Federici (2017), as mulheres que tentavam se apropriar do espaço público para o trabalho eram vistas como megeras, bruxas ou prostitutas. O Estado reprimiu o trabalho feminino público, destinando-as aos trabalhos domésticos de baixa remuneração. Por outro lado, a Igreja também contribuiu com a crença de que a mulher estava unicamente à reprodução (Federici, 2017).

Ao somar a conjuntura política e a influência da Igreja, a sociedade passou a comportar-se de maneira diferente perante ao sexo feminino. Federici (2017) afirma que as mulheres passaram a ser ridicularizadas e, quando estavam nas ruas desacompanhadas de um homem, eram constantemente vítimas de ataques sexuais. Além disso, a autora destaca a impossibilidade legal da mulher herdar terras, heranças e de viverem sozinhas sem a presença de um homem na casa, ou seja, de auto governarem-se. Portanto, esses conjuntos de fatores contribuíram de forma direta para a falta de independência financeira da mulher (Federici, 2017).

No auge do poder da Igreja Católica Apostólica Romana, a inquisição, na qual foi legalizada a perseguição religiosa e durou do século XV ao XVIII, também ficou conhecido como o período do Caça às Bruxas, pois autorizava os inquisidores à torturarem, violarem e queimarem mulheres vivas (Federici, 2017). A autora afirma que, durante este período, a Igreja classificou qualquer amizade feminina como suspeita e determinou a proibição de

⁵ (Gênesis, 2:22)

mulheres andarem em grupo. Federici (2017) explica que os acontecimentos desta época foram de suma importância para a mudança do papel da mulher na sociedade da Europa Ocidental, “(...) a palavra *gossip* [fofoca], que na Idade Média significava ‘amiga’, mudou de significado, adquirindo uma conotação depreciativa: mais um sinal do grau a que foram solapados o poder das mulheres e os laços comunitários” (p. 335).

Wolf (1992) afirma que a Igreja foi responsável pela falta de incentivo ao pensamento crítico feminino, doutrinando as mulheres a serem submissas aos homens. Este comportamento omissivo por parte das mulheres representa o começo da misoginia institucionalizada:

Sua misoginia fazia com que as mulheres, muito mais do que os homens, tivessem de abolir o pensamento crítico se quisessem ser fiéis. Ao recompensar a humildade intelectual da mulher, ao acusá-las de pecado e culpa sexual e ao lhes oferecer a redenção apenas através da submissão a um mediador masculino, ela entregou à religião em surgimento um legado de credulidade feminina. (Wolf, 1992, p.120)

Tiburi (2014) destaca a Idade Moderna como o período que tentou mudar a figura da mulher na sociedade. A Igreja relacionou a figura feminina com a Virgem Maria, ou Maria Madalena arrependida, na tentativa de desdemonizar⁶ a mulher, como culturalmente foi moldada no período Medieval (Tiburi, 2014). Segundo a autora, os comportamentos femininos foram associados à bondade, à pureza e à submissão da mulher ao homem como aspectos sagrados e valorizados. Goldenberg (2011) acredita que culturalmente as mulheres passaram a ser criadas com a obrigação de serem simpáticas, educadas, contidas e discretas, porque quanto mais quietas ou até mesmo quanto mais ‘apagadas’ elas podem servir como objetos na visão do homem. Processo que ratificou novamente a mulher à submissão (Beauvoir, 1970).

Traçar a construção da imagem da mulher na Europa Ocidental e observar os acontecimentos históricos do passado é de suma importância, já que esta pesquisa pretende observar a mulher brasileira na contemporaneidade. Apesar da universalidade de alguns aspectos do processo sócio-histórico que se identificou, a mulher brasileira carrega em si, em seu corpo e em sua mente, marcas do processo da colonização do Brasil. Assim, para que melhor se consiga analisar e identificar as lógicas de uma feminilidade vivida e experienciada pela mulher brasileira torna-se necessária a análise que em seguida se formulará.

⁶ Livrar dos demônios (Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 2020)

1.2. A mistura do pecado: formação da mulher brasileira

Este subcapítulo é destinado à observação da formação da mulher brasileira. Porém, é importante salientar que os processos sócio-históricos e geopolítico da construção da feminilidade na Europa e nos países colonizados não foram idênticos. Assim, enquanto a figura feminina passava por construções e desconstruções na Europa Ocidental, ainda no século XVI, as primeiras embarcações chegavam ao Novo Mundo, conhecido hoje como Brasil (Ribeiro, 1995). Por isso, para Ribeiro (1995), a miscigenação no Brasil foi decorrente do mito das três raças, ou seja, houve a mistura entre povos indígenas, africanos e europeus em sua maioria, portugueses. Logo, Ribeiro (1995) defende que a origem do povo brasileiro foi a “dizimação mais atroz e pelo incremento mais prodigioso. Utilizando largamente a imensa disponibilidade de ventres de mulheres indígenas escravizadas, o incremento da população mestiça foi nada menos que miraculoso” (Ribeiro, 1995, p. 149).

Santos (2014) explica que as mulheres africanas que aportaram no Brasil tiveram a força de trabalho explorada, a cultura desapropriada e foram sexualmente abusadas. Segundo Fanon (1983), o homem branco acreditava que o negro tinha uma forte ligação com a sexualidade, por isso, a mulher negra ou mestiça era associada ao instinto sexual de forma naturalizada. De acordo com o autor, foi esta crença que contribuiu na hipersexualização dos corpos das mulheres negras e mestiças.

Já Stolke (2006) observa a diferença da construção da imagem da mulher europeia e das negras, indígenas ou mestiças da antiga colônia. A mulher europeia de pele clara e com traços finos representava a figura de Maria, sendo associada à ideia de esposa, mãe, virgem e pura, já a mulher oriunda da colônia era remetida a imagem de Eva, à mulher prostituta, pecadora e devassa (Stolke, 2006). Portanto, Gomes (2013) aponta que existia a crença que a mulher negra ou mestiça era considerada a tentação do homem branco, relacionando-a com o pecado.

Com a miscigenação, o Brasil se formou por meio de uma dinâmica multicultural. No entanto, a cultura branca europeia se destacou como o centro dos padrões institucionais, que através do Governo e da Igreja impôs a cultura para as demais (Freyre, 2003). Para perceber a formação das mulheres brasileiras, a interseccionalidade deve ser destacada. Para Crenshaw (2002), o conceito é um conjunto complexo de diferenças identitárias, como: raça, classe, sexo, gênero, religião, etnia e escolaridade. As desigualdades sociais e raciais estão ligadas ao conceito, o que leva a crer que a mulher negra é a mais vulnerável do que as demais

(Akotirene, 2018). Desse modo, Gomes (2013) pontua que a mulher brasileira é descendente dessa miscigenação de mulheres que tiveram seus corpos explorados sexualmente e relacionados com a libertinagem.

Para Freyre (2003), a origem das primeiras famílias propriamente brasileiras fora constituída por mulheres pagãs que nasceram da mistura de raças. O autor ainda destaca a superioridade da mulher branca, perante a negra e a indígena. Dessa forma, Freyre (2003) confirma que havia o imaginário da mulher branca como esposa, na qual pudesse reproduzir padrões europeus de comportamento, vestimenta e fala da metrópole. Por outro lado, apesar da inferioridade das mestiças, os homens brancos também validaram seus corpos como desejados e sensuais.

Assim, além de carregar o estigma colonial em seus corpos, criou-se o estereótipo do corpo da brasileira ser representado por curvas acentuadas, de sensualidade natural, de exacerbado molejo⁷ e de forte caráter sedutor (Gomes, 2013). Os estereótipos corporais que passam pela padronização são validados por aqueles que o aceitam e o encarnam (Butler, 2003). Além disso, Goldenberg (2011) também aponta a mídia e as obras literárias como responsáveis pelos modelos de feminilidade, pois definem arquétipos prontos que devem ser incorporados.

1.3. A contínua propagação do modelo mundial da feminilidade tradicional

Os modelos de feminilidade tradicionais foram propagados através de revistas, apostilas, jornais e aulas de etiquetas da alta sociedade, que também estabeleceram a forma da mulher se comportar, pensar e agir (Wolf, 1992). Louro (2000) também acredita que os corpos são significados pela cultura de um determinado indivíduo e sofre mudanças conforme a moda e costumes. Além disso, Butler (2003) acredita que o corpo funciona como um meio passivo perante a cultura:

(...) o “corpo” aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como o instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma. Em ambos os casos, o

⁷ Prática de balançar o corpo; gingado, balanço, saracoteio. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/molejo/>

corpo é representado como um mero instrumento ou meio com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relaciona-do (Butler, 2003, p. 27)

Butler (2003) também defende que se o corpo é representação da cultura e, conseqüentemente, o gênero também o é: “as possibilidades históricas materializadas por meio dos vários estilos corporais nada mais são do que ficções culturais punitivamente reguladas, alternadamente incor-poradas e desviadas sob coação” (p.199). Goldenberg (2005) acredita que o indivíduo passa por uma imposição cultural e entende que precisa fazer parte de um padrão, conseqüentemente, gerando obsessões e neuroses para atingir os objetivos impostos pela sociedade:

Assim, há uma construção cultural do corpo, com uma valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade. Esse corpo, que pode variar de acordo com o contexto histórico e cultural, é adquirido pelos membros da sociedade por meio da imitação prestigiosa: os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que viram ser bem-sucedidos (Goldenberg, 2005, p.68)

Antes das autoras supracitadas, já Beauvoir tinha referido que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (1970, p.9).

Entre as várias formas de encarnar a feminilidade, Wolf (1992) destaca a imposição da beleza como característica obrigatória exclusiva para as mulheres há séculos, diferentemente dos homens. Logo, com o ideal de beleza e o incentivo de transformar as mulheres em seres apenas reprodutivos (Federici, 2017), criou-se a relação entre beleza e fertilidade (Wolf, 1992), pois acreditava-se que as mulheres belas eram mais férteis: “os homens fortes lutam pelas mulheres belas, e as mulheres belas têm maior sucesso na reprodução. A beleza da mulher tem relação com sua fertilidade; e, como esse sistema se baseia na seleção sexual, ele é inevitável e imutável” (Wolf, 1992, p.15).

A autora chama de “seleção sexual” o que Darwin nomeou como “seleção natural”⁸. Isto é, as espécies que conseguiam se adaptar sobreviveram com o passar do tempo e, assim,

⁸ Tenho plena convicção de que as espécies não são imutáveis, mas, ao contrário, aquelas que pertencem ao que se chama de mesmo gênero são descendentes lineares de outra espécie, via de regra, extinta, e que as reconhecidas variedades de

o mesmo acontece com a ‘seleção sexual’, a mulher que encarnasse a beleza conseguiria se casar e ter seus descendentes (Wolf, 1992). Segundo Federici (2017), as mulheres foram simplificadas a seres reprodutivos pela Igreja e pelo Estado, que doutrinaram as mulheres a perceberem que ser mães era uma dádiva e destino.

Para Adichie (2017) as diferenças impostas durante a criação entre meninos e meninas são fatores condicionadores que determinam e induzem como homens e mulheres devem se comportar. Segundo a autora, a educação que as meninas recebem é perniciosa e aponta que a feminilidade é construída através da oposição do que é ser masculino. “Ensinao meninas a se encolher, a se diminuir, dizendo-lhes: ‘você pode ter ambição, mas não muita. Deve almejar o sucesso, mas não muito. Senão você ameaça o homem. Se você é provedora da família, finja que não é, sobretudo em público. Senão você estará emasculando o homem’” (Adichie, 2015, p.30-31).

Cerejo (2014) defende que se espera das mulheres comportamentos associados com a gentileza, a ternura e o carinho. Além disso, a autora analisa a crença que a mulher é um ser emocional, que desenvolve a habilidade de ter sentimentos e, por isso, consegue ter características como a sensibilidade que contribui na esfera da compreensão, da empatia e do afeto pelo outro. Porém, Cerejo (2014) sustenta que as crenças em valores modelos de gênero vão alimentando representações sociais que definem a mulher como manipulável pelos seus próprios sentimentos ao contrário dos homens. Assim, a autora confronta a contradição entre o que se espera da mulher e o julgamento que as mulheres sofrem por encarnar o papel da feminilidade que foi incentivado.

Em termos de socialização feminina, a mulher é educada para preservar as relações afetivas e sociais, o que contribui no desenvolvimento da passividade, diferente da socialização masculina que incentiva a autonomia e a competição (Cerejo, 2014). Beauvoir (1970) afirma que a organização social estabeleceu que a mulher é o outro, ou seja, pertence ao sexo de segunda classe, enquanto o homem é o sujeito único e absoluto. Ademais, a autora defende que o feminino foi criado em oposição ao masculino.

uma espécie. Estou convencido ainda de que a seleção natural é o principal, embora não o único, meio de modificação (Darwin, 2009, p.45)

No século XIX, a Europa ainda vivia as influências da Revolução Francesa que pregava as ideias de igualdade, fraternidade e liberdade, porém mantinha a mulher na posição de submissão ao homem (Ariès & Duby, 2009). Logo, a saída da mulher para trabalhar nas fábricas provou que a crença de inferioridade feminina prevalecia através do tratamento diferenciado entre operários homens e operárias mulheres (Abreu, 2002). Nesta época, segundo Monteiro & Grubba (2017), centenas de mulheres, da Grã-Bretanha, saíram às ruas para exigirem o fim da exploração trabalhista, do assédio sexual cometido pelos próprios patrões, salários igualitários aos homens e pelo direito do voto feminino. Elas ficaram conhecidas como sufragistas, sendo muitas delas presas de forma arbitrária e sofrendo episódios de tortura para delatar as outras companheiras de luta (Monteiro & Grubba, 2017).

Apesar da primeira onda feminista ter sido localizada, sobretudo, na Europa Ocidental, a revolução influenciou várias partes do mundo (Hooks, 2017). Nos Estados Unidos, no final da década de 1960, mulheres se manifestaram enquanto acontecia o concurso da Miss América⁹. Para Rodrigues & Costa (2010), o objetivo da manifestação que ficou conhecida mundialmente como *bra-burning*, a queima dos sutiãs, consistiu em um barril, não somente com sutiãs, mas também outros apetrechos como cílios postiços, batom e salto alto, símbolos do padrão estético que se espera da mulher. Além disso, no início dos anos 1970, o movimento hippie ganhou espaço. A liberdade sexual e a adesão da pílula anticoncepcional influenciaram mulheres do mundo inteiro a se perguntarem sobre padrões de beleza, gravidez e sexo (Rodrigues & Costa, 2010). Para Louro (2008), a segunda fase feminista estava preocupada, especialmente, com o fim da discriminação entre gêneros, além das questões de sexualidade, família, mercado de trabalho e direitos reprodutivos.

Já terceira onda feminista, dos anos 1990, também foi importante no contexto do papel da mulher. Castro (2017) acredita que assuntos como estupro, o patriarcado, a sexualidade, o empoderamento feminino, os estereótipos de gênero e a teoria *queer*¹⁰ ganharam espaço nas discussões. A autora também ressalta que durante este movimento houve a importante participação das mulheres negras que foram segregadas dos movimentos anteriores.

⁹ O Miss América é um tradicional concurso realizado desde 1921 nos EUA que conta com a participação de 51 candidatas.

¹⁰ Segundo Judith Butler, a teoria *queer* vai além da heterossexualidade imposta, na qual determina o binarismo, ou seja, a autora acredita na existência de seres plurais que não seguem esse determinismo da sociedade.

Apesar das lutas feministas contra a sexualização dos corpos, a dominação e subjugação das mulheres aos modelos de uma feminilidade tradicional continuaram a ser perpetuados de forma desfavorecida para as mulheres. No Brasil, por exemplo, houve uma proposital exploração dos corpos das brasileiras como forma atrativa para chamar turistas para o país, utilizando-se de peças publicitárias que destacavam sobretudo partes sexuais de seus corpos (Gomes, 2013), o que será apresentado de forma específica no próximo subcapítulo.

1.4. O Corpo violão: exploração, imposição e obsessão

O corpo da brasileira foi explorado e cultuado de forma exaustiva, o que ocasionou o reconhecimento do corpo da brasileira como padrão mundial, ou seja, o corpo da moda: “‘o corpo’ que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado. É o corpo que entra e sai da moda. A roupa, neste caso, é apenas um acessório para a valorização e exposição deste corpo da moda” (Goldenberg, 2005, p.70). A autora também ressalta que o corpo padrão da mulher brasileira é o resultado de alguns fatores: o esforço financeiro, pois o corpo transforma-se em um investimento, na qual se deve aplicar exercícios físicos e métodos dispendiosos que contribuem para o resultado desejado; e o sacrifício, que consiste na exigência de trabalhar o corpo, muitas vezes, levando-o ao extremo para alcançar o objetivo.

Porém, Goldenberg & Ramos (2011) defendem que a insatisfação com a própria aparência é um elemento comum entre as pessoas que se exercitam e as outras que não o fazem. Existe a premissa cultural no Rio de Janeiro que acredita que o indivíduo é responsável/culpado pela própria “juventude, beleza e saúde: só é feio quem quer e só envelhece quem não se cuida” (Goldenberg, 2011, p.9). Segundo a autora, a institucionalização cultural de um padrão corporal tem consequências psicológicas como a baixa autoestima e a insegurança. Com isso, a indústria biomédica do corpo teve grande adesão no Brasil (Pope et al., 2000). Cirurgias plásticas, procedimentos estéticos e dietas se tornaram de fácil acesso, mascarando problemas como a compulsão alimentar, a depressão, a anorexia e a bulimia (Wolf, 1992). A mídia brasileira naturalizou as operações plásticas ao exibí-las em rede nacional, enquanto figuras públicas compactuaram com os procedimentos

para alcançar o corpo padrão: bumbuns torneados, seios duros/arrebitados, barrigas chapadas e rostos sem rugas ou marcas de expressões (Goldenberg, 2005).

O culto pela beleza é milenar, principalmente, para as mulheres que devem encarná-la e não para os homens que apenas “devem querer possuir mulheres que a encarnem [a beleza]” (Wolf, 1992, p.15). Segundo a autora, a beleza era uma característica essencial para as mulheres, usada como moeda de troca no matrimônio. “No mercado dos casamentos burgueses do século passado, as mulheres aprenderam a considerar sua própria beleza como parte desse sistema econômico” (Wolf, 1992, p. 25). Para Adichie (2017), o culto à beleza padrão está impregnada na educação das crianças, pois são ensinadas a valorizarem estereótipos de princesas que representam a beleza clássica (branca, loira, magra).

Segundo Wolf (1992), o mito da beleza movimenta a indústria farmacêutica e de cosméticos. Logo, não se trata apenas em ser bela, mas deve-se também aderir recursos, como maquiagem, cremes faciais, cuidado com o cabelo, salto alto, depilação e entre outras características que associa à feminilidade (Wolf, 1992). Portanto, os padrões de beleza geram modelos estereotipados que são impostos às mulheres de forma naturalizada (Adichie, 2017). Os fatores que relacionam estes padrões e a biomédica do corpo geram obsessões pelo corpo do outro, provocando constantes comparações que incitam a competição pelo corpo ideal (Goldenberg, 2011).

Segundo Wolf (1992), a competição feminina foi naturalizada e legitimada através das gerações que validaram a crença que sustenta a ideia da outra mulher ser uma adversária e de caráter duvidoso. Além disso, a autora pontua que a rivalidade feminina foi instigada de forma brutal pela mídia:

‘Não me odeie por eu ser linda’ (L’Oréal). ‘Eu realmente detesto minha professora de aeróbica. Acho que o ódio é uma boa motivação.’ ‘Você a odiaria. Ela tem de tudo.’ ‘As mulheres que saem lindas da cama realmente me irritam.’ ‘Você não odeia as mulheres que podem comer dessa forma?’ ‘Nenhum poro. Chega a dar enjôo.’ ‘Alta, loura. Você não sente vontade de matá-la?’ (Wolf, 1992, 378-379)

No entanto, Wolf (1992) defende que a rivalidade feminina e os padrões de beleza/corpo são aspectos irrealis, ou seja, características inventadas e reforçadas através dos séculos, por meio das construções de normas sociais que ainda estabelecem um controle sobre as mulheres. Por isso, acredita-se que “o mito da beleza não tem absolutamente nada a

ver com as mulheres. Ele diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens” (Wolf, 1992, p.16-17). Beauvoir (1970) pontua que o controle masculino é poderoso e tem consequências nocivas à mulher. A hegemonia masculina garante o privilégio do homem que se mantém no topo da ordem social (Connell & Messerschmidt, 2013).

Com isso, neste capítulo, foi apresentado as primeiras configurações das famílias monogâmicas, cuja consequência foi a institucionalização do casamento e da propriedade privada, o que gerou uma nova ordem social que destinou a mulher ao trabalho doméstico (Engels, 2019). As mulheres, sobretudo, foram subjugadas e subalternizadas pela hierarquia social que denominava o homem como o ser principal da sociedade (Beauvoir, 1970). As instituições da Igreja Católica Apostólica Romana e o Estado contribuíram na manutenção da posição da mulher como ser inferior, impuro e associado ao Demônio (Federici, 2017).

Paralelamente, a formação do ‘ser mulher’ na perspectiva europeia, a mulher brasileira forma-se pela mistura de três povos – europeus, em sua maioria portugueses, indígenas e africanos (Ribeiro, 1995). Porém, essa miscigenação associou a imagem dos corpos das brasileiras à sexualização, o que enalteceu partes sexuais do corpo que as brasileiras carregam de um passado marcado pelo estigma do corpo colonial (Gomes, 2013). Com passar do tempo, este corpo saliente e trabalhado foi legitimado pelos meios de comunicação e publicidade como corpos da moda (Goldenberg, 2011). Além do corpo, a beleza que já era exigida como característica obrigatória para as mulheres na Europa Ocidental (Wolf, 1992), torna-se mais um dos elementos que a mulher brasileira deve incorporar, devido à ligação de Brasil e Portugal. Porém, foi visto durante este capítulo que encarnar os padrões de beleza e corpo geram consequências como a obsessão (Pope et al., 2000) e a rivalidade feminina (Wolf, 1992), o que reflete na manutenção da hegemonia de gênero com a preservação do homem no monopólio do poder coletivo.

Ao levar em conta o que foi apresentado nesta parte da dissertação, o próximo capítulo exibirá a metodologia realizada para a análise do discurso das entrevistas feitas para este trabalho, cujo objetivo foi analisar as vivências das mulheres na sociedade heteronormativa dominante brasileira, de acordo com as observações de teor histórico que foram pontuados.

Capítulo 2: Conceitualização Teórica e Operacionalização dos Conceitos

A estratégia de investigação para esta pesquisa, que tem como tema a *Construção da feminilidade e as consequências de incorporá-la na sociedade heteronormativa dominante*, baseia-se na análise qualitativa, ou seja, utilizou-se de instrumentos sociológicos como as entrevistas aprofundadas (Lisboa, 2016). Martins (2004) define que o método qualitativo privilegia a análise dos microprocessos, através dos estudos de ações coletivas e individuais, além de observar os dados obtidos em uma determinada pesquisa.

Além disso, Lisboa (2016) pontua que os estudos empíricos recorrem a abordagens qualitativas e também privilegia a abordagem teórica. Dessa forma, a análise qualitativa é relevante para a pesquisa, pois tratou de observar individualmente cada entrevistada, que foi previamente selecionada, além de considerar, com devida atenção, o contexto vivido e suas trajetórias pessoais. No total, 30 mulheres participaram da pesquisa, que foi realizada pelo método de análise de conteúdo por amostragem de conveniência e bola de neve.

2.1. Pilares teóricos e metodológicos

Esta dissertação encontrou sua ancoragem teórica em autores fundamentais para perceber a construção sócio-histórica dos modelos de feminilidade. Este passo é fundamental para a construção do tema da pesquisa (Quivy & Campenhoudt, 1995). Assim, Engels (2019) foi importante para observar o desenvolvimento da feminilidade dentro das primeiras organizações sociais da Europa Ocidental. Federici (2017) pontuou o estigma destinado à mulher na Idade Média devido à associação da imagem feminina com o mal, gerando consequências que possibilitaram a mudança no papel social. Além disso, Ariès & Duby (2009) também traçaram a servidão como um fardo feminino, que se mantém, até a contemporaneidade, por meio do trabalho doméstico. Beauvoir (1970) foi de suma importância na percepção da mulher como o segundo sexo perante uma sociedade que se organizou, durante milénios, com bases heteronormativas, na qual instituiu o homem como o ser absoluto e pertencente ao topo do poder de decisão.

Além disso, Butler (2003) classificou os comportamentos femininos e masculinos como performativos: seres humanos vivem a performatividade de gênero. A autora defende

que a cultura impõe comportamentos e ações que serão reproduzidos automaticamente, caracterizados como estereótipos de gênero. Nesta pesquisa também foi fundamental estudar Ribeiro (1995) e Freyre (2003) para perceber a construção do imaginário da mulher brasileira. Dessa forma, Goldenberg (2011) apresentou a percepção dos corpos das mulheres brasileiras como instrumentos de cobiça, obsessão e competição. Já Wolf (1992) caracteriza a beleza imposta às mulheres como uma forma doutrinadora de controle social dos homens sobre as mulheres.

Como leituras e entrevistas exploratórias podem funcionar de forma complementar, acredita-se que “as leituras dão um enquadramento às entrevistas exploratórias e estas esclarecem-nos quanto à pertinência desse enquadramento. A entrevista exploratória visa economizar perdas inúteis de energia e de tempo na leitura, na construção de hipóteses e na observação” (Quivy & Campenhoudt, p.69, 1995). Além disso, para Duarte (2004, p.215), “as entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados”.

2.2. Escolhas analíticas e metodológicas

A pesquisa foi analisada por amostra de conveniência e bola de neve. A amostragem por conveniência é realizada quando o pesquisador seleciona indivíduos que se mostram mais acessíveis e dispostos a colaborar com a pesquisa (Freitag, 2018). Além disso, faz sentido no início da coleta de amostras, também funciona como parte do estágio exploratório da pesquisa (Kinnear & Taylor, 1979). Por isso, realizou-se uma publicação em uma rede social que convidava mulheres que tivessem interesse em conversar sobre feminilidade (percepções sobre ser mulher, assuntos relacionados com a infância feminina, relações pessoais sobre corpo/padrões de beleza e como se relacionam com outras mulheres). Nesta primeira fase de entrevistas, foram selecionadas as mulheres que se mostraram interessadas e entusiasmadas com o tema.

Outra forma de amostragem realizada nesta pesquisa foi pela amostra de bola de neve. De maneira natural, as entrevistadas indicaram outras mulheres que tinham o interesse de participar. “A amostragem de bola de neve é utilizada principalmente para fins exploratórios, usualmente com três objetivos: desejo de melhor compreensão sobre um tema, testar a

viabilidade de realização de um estudo mais amplo, e desenvolver os métodos a serem empregados em todos os estudos ou fases subsequentes” (Vinuto, p.205, 2014).

Dentro do quadro de amostra foi preciso utilizar critérios para selecionar as entrevistadas que se disponibilizaram a contribuir com a pesquisa. Foram eles:

- 1- Idade: foram selecionadas mulheres de 18 a 65 anos. Foi importante entrevistar mulheres com mais de 40 anos de diferença entre si para perceber as diferentes experiências, percepções, modelos, valores e visões de vida.
- 2- Mulheres que vivem no Rio de Janeiro: existe uma compulsão cultural que cultua o corpo musculoso, atlético e magro no Rio, principalmente devido à constante exposição desses corpos às altas temperaturas. As mulheres que vivem na cidade são influenciadas, a todo tempo, a seguir um arquétipo do corpo padrão (Goldenberg, 2011).
- 3- Diversidade sociocultural¹¹: foi importante conversar com mulheres de diferentes posições sociais e culturais para apresentar uma maior diversidade na pesquisa. Apesar da amostragem ser apenas de 30 mulheres, foi possível perceber uma certa diversidade entre as selecionadas.

Dessa forma, a seleção de 30 mulheres correspondeu a estratégia de saturação, pois em determinado momento da pesquisa foi percebido que a coleta de novas informações não forneceria mais esclarecimentos para o objeto de estudo, já que as informações começam a se repetir (Glaser & Strauss, 1967).

Para seguir o requisito metodológico qualitativo foi realizado um guião semiestruturado e as participantes selecionadas, que durante as entrevistas viviam na cidade do Rio de Janeiro - Brasil, foram entrevistadas. O guião de entrevistas foi dividido em blocos conforme apresenta-se na Tabela 1.

Tabela 1 – Estrutura das entrevistas

Características socioculturais	Recolhe informações sobre a idade, formação acadêmica, profissão, filhos e orientação sexual
Experiências sociais na infância	Remete para perguntas sobre as preferências em brincar com meninos ou meninas, presença de uma inimizada feminina, inveja de amiga ou de um brinquedo, apresentação ao padrão de beleza e à vaidade

¹¹ No entanto, este aspecto não será tido em conta na análise como elemento diferenciador de modelos de feminilidade entre as entrevistadas.

Experiências com a mãe/pai/parente que criou	Questiona sobre o relacionamento da entrevistada com as pessoas responsáveis pela sua educação tendo em vista os assuntos relacionados sobre peso, corpo, roupa, comparações, ciúmes, exigências e críticas sofridas.
Experiências de beleza e corpo	Explora a existência de cirurgias, dietas, procedimentos estéticos e analisa os propósitos dessas alterações ao corpo. Retrata, em geral, as opiniões no âmbito da magreza, gordura e peso. Remete também a situações de constrangimento em relação ao peso.
Experiências individuais	Remete às preferências de roupas e a outras questões relativas à aparência, crenças, modelos, comparações e críticas vividas pela entrevistada.
Influência da mídia	Explora a influência da mídia na vida das entrevistadas e sobre os padrões estéticos das figuras públicas.
Experiências amorosas	Remete para as experiências de competição referentes aos relacionamentos amorosos, na qual exista a presença de uma outra mulher

Além disso, era essencial compreender a percepção de cada entrevistada no âmbito do ‘ser mulher’, observar fatores que contribuíram para o desenvolvimento de aspectos marcados como femininos: vaidade, beleza, cuidado, delicadeza e modos, a fim de perceber o conceito da feminilidade, através das experiências da própria entrevistada. Assim, foi interessante observar se, durante a infância, havia repreensão por não estarem de acordo com a forma que uma menina deveria se comportar dentro dos padrões heteronormativos. Durante as entrevistas, foi interessante notar se as mídias influenciaram escolhas ou padrões da moda que as entrevistadas incorporaram mesmo que não concordassem.

Outro ponto relevante foi verificar se um companheiro/namorado/marido influencia no comportamento de uma mulher. A ideia era perceber se a imposição da feminilidade nos moldes dos padrões heteronormativos podem gerar consequências, como: rivalidade feminina, padrão de beleza e complexo de corpo.

Através da minha formação jornalística, usei a minha experiência para deixar as entrevistadas confortáveis e seguras durante a entrevista, já que muitas perguntas eram de

teor pessoal e a sinceridade dessas mulheres era fundamental para a investigação. Como defende Goldenberg (p.60, 2004), “a experiência e a maturidade do pesquisador são fatores determinantes para que a pesquisa seja bem-sucedida”.

As entrevistas foram realizadas de janeiro a abril de 2020. Contudo, os meses de dezembro de 2019 e janeiro de 2020 foram de pré-testes, que auxiliaram no aperfeiçoamento da recolha das informações e na reformulação de algumas perguntas (Cerejo e Lisboa, 2016).

As entrevistas foram feitas por videoconferência, pois era importante para esta pesquisa a participação de mulheres brasileiras que vivem diariamente o contexto do Rio de Janeiro, para perceber a questão cultural do culto ao corpo sustentado por Goldenberg (2011). Outro fator que contribuiu para as entrevistas no formato *on-line* foi o panorama mundial afetado pelo coronavírus, que tornou inviável as entrevistas presenciais. Apesar da distância, a imagem por vídeo foi importante para observar o comportamento e as fisionomias das entrevistadas, já que a observação é um dos pontos-chaves nos trabalhos de pesquisa qualitativa (Martins, 2004). Também ficou determinado que as identidades das entrevistadas seriam confidenciais, portanto todos os nomes apresentados nesta pesquisa são fictícios.

As entrevistas duraram de 30 minutos a uma hora. A duração dependia do depoimento da entrevistada: se era mais conciso ou aprofundado. Segundo Goldenberg (2004), o pesquisador deve equilibrar as perguntas aos entrevistados “para não ir além do que pode perguntar, mas, também, não ficar aquém do possível” (p.26). Dessa forma, em alguns casos, as entrevistadas tiveram dificuldade de se recordar com detalhes de algumas experiências ou períodos da vida. Outro problema, foram as respostas ‘politicamente corretas’. Pude perceber o quanto a minha presença pode afetar as respostas das entrevistadas (Goldenberg, 2004), embora estas circunstâncias tenham surgido com uma minoria, que ainda assim contribuiu com narrativas relevantes. Por outro lado, houve uma forte adesão por parte das entrevistadas, que se mostraram interessadas e entusiasmadas ao longo da entrevista. Os *feedbacks* das entrevistadas foram positivos e elas se disponibilizaram para outras entrevistas dentro da temática.

2.3. Indicadores e dimensões de análise

As entrevistas foram transcritas integralmente para análise. Para esta pesquisa, foi importante criar indicadores que tinham como objetivo produzir conceitos que sustentaram interpretações científicas (Quivy & Campenhoudt, 2008). Uma tabela no *Excel* foi realizada

com o objetivo de auxiliar no tratamento e na análise das entrevistas. Esta investigação utilizou as técnicas de análise de conteúdo, aplicando os indicadores de análise que são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Indicadores de análise

Rivalidade feminina	Narrativas sobre a presença de uma mulher que assumia o papel de inimiga ou rival.
Ser a ‘outra’	Narrativas que descrevem o desejo de querer ser outra mulher.
Pressão social para ser feminina	Narrativas que descrevem que outras pessoas validaram ou criticaram a imagem da entrevistada, de forma a provocar mudança na sua forma de ser, agir, vestir, ou se comportar.
Questões de inferioridade	Narrativas que descrevem o sentimento de inferioridade pela própria entrevistada em comparação a uma mulher e falas que descrevem a inferiorização feita pelos familiares das entrevistadas.
Comparação automática	Narrativas que mostram uma comparação com outra mulher (forma de se vestir, de se maquiar, de se comportar, ou maneira de ser) e falas de familiares que comparam as entrevistadas com amigas ou parentes (primas/irmãos).
Padrões de beleza	Narrativas que mostram procedimentos que almejam o padrão de beleza como: procedimentos estéticos, cirurgias, dietas, roupas, corpo musculoso e cabelo.
Complexo de corpo	Narrativas que mostram certo desconforto com o seu próprio corpo. Magra demais, gorda demais ou infelicidade com alguma parte do corpo.

Dor da beleza	Narrativas que correspondem a compreensão da ‘dor da beleza’ como condição natural que a mulher deve passar para alcançar a beleza desejada, mesmo que exista dor e sacrifício.
Biomédica do corpo	Narrativas que comprovam procedimentos estéticos e cirurgias para atenuar os efeitos da idade ou para seguir um padrão de beleza vigente.
Ditadura da mídia	Depoimentos que mostram a influência da mídia como: roupa, cabelo, corpo e estilo de vida.
Menina macho	Falas que retratam os comportamentos masculinizados que as entrevistadas tinham na infância.
Agradar o macho	Narrativas que mostram a entrevistada na posição de agradar o rapaz/homem que deseja relacionar-se ou já se relaciona.
Traição feminina	Depoimentos que demonstram sentimento de traição nas relações femininas.

O uso dos indicadores foi importante para demarcar a feminilidade e os reflexos gerados pelo conceito dentro da perspectiva Ocidental de uma heteronormatividade dominante. Por isso, Beauvoir (1970) foi presente nas análises das narrativas, principalmente, nas falas das entrevistadas sobre os primeiros aspectos da feminilidade ainda na infância. A autora foi importante na observação da construção da feminilidade como a oposição da masculinidade.

Já os conceitos defendidos por Butler (2003) auxiliaram na compreensão da ‘necessidade’ das entrevistadas incorporarem as características previamente determinadas pelo padrão da feminilidade para serem ‘aceitas’. Assim, Adichie (2017) também pontua o afastamento das entrevistadas aos interesses ainda dominados pelo universo masculino, sustentando a ideia da doutrinação da feminilidade tradicional. Dessa forma, foi observado

por meio da tabela de indicadores que a rivalidade feminina, padrões de beleza e complexo de corpo são aspectos reproduzidos pela feminilidade.

Por isso, Wolf (1992) foi relevante na sustentação das narrativas que correspondem ao julgamento corporal e intelectual das entrevistadas; dos aspectos comparativos entre uma entrevistada e outra mulher; da sensação de inferioridade; da imposição mascarada dos padrões de beleza; da rivalidade feminina como princípio natural de cada mulher e do desenvolvimento psicológico pelo complexo de corpo. Além disso, Goldenberg (2011) trouxe a perspectiva de obsessão pelo corpo musculoso e torneado, que fomenta os padrões de beleza e a competição pelo corpo ideal, através da naturalização da rivalidade feminina que é estimulada por meio dos padrões sustentados pela sociedade Ocidental e heteronormativa dominante.

Capítulo 3: Da construção à imposição da feminilidade

¡Qué niña más bonita! Eres una princesa. Dale un beso a la amiga de mamá, me da igual que no quieras. No te preocupes si los niños te tiran al suelo, es que les gustas. ¡Qué graciosos los niños, levantándoles las faldas! Son cosas de niños. No seas tan bruta jugando, pareces un niño. Las niñas mayores no lloran. Tienes que ser buena. Las señoritas no gritan. Calla. Mira qué guapa, con tu pelito arreglado. Si te ven jugar con los chicos te llamarán marimacho. Qué bonita eres. Las niñas son muy complejas. No te preocupes si te tratan mal, es que te tienen envidia. Las niñas sois más listas, ellos siempre juegan, mientras que vosotras estudiáis. Deja de quejarte. Los videojuegos son de chicos. Los coches son de chicos. Las cocinitas son de niñas. Judo no, mejor gimnasia rítmica. Las niñas siempre son más educadas, tan calladitas. ¿Informática? ¿No prefieres bailar? ¡Con lo guapa que estás con falda! No te vayas con nadie que no seamos nosotros. Ten cuidado. No cojas nada de nadie. Hay hombres muy malos. ¿Tienes novio? ¿Ya? ¿No tienes novio todavía? Estás siempre rodeada de chicos, calientapollas. Me he enterado de que se la chupas a tu novio, puta. Llama para que te recoja. Pide a tus amigos que te acompañen. Ten cuidado. No vuelvas sola. Así vestida pareces una mojigata. Así vestida pareces una puta. Si no querías que te mirase, ¿para qué llevas escote? Si no querías que te tocase, no haberme calentado. ¿Qué pasa, tienes la regla? Bailas así para ponerme, andas así para ponerme, me miras así para ponerme. ¿Vomitas para adelgazar? Qué superficial, la belleza está en el interior. Eh, tío, ve a por la amiga gorda, son más fáciles porque están desesperadas (Ro de la Torre, 2015)

O capítulo inicia-se com um trecho do texto de Ro de la Torre que mostra algumas expressões direcionadas apenas às mulheres no cotidiano. Segundo Beauvoir (1970), as mulheres sofrem julgamentos ao longo da vida que funcionam como controle social. A constante vigília sobre os corpos das mulheres é milenar (Wolf, 1992). As mulheres foram destinadas ao universo privado (Engels, 2019) e à servidão (Ariès & Duby, 2009). O homem estabeleceu os papéis sociais, destinou a fragilidade e a passividade como comportamentos naturais à mulher (Beauvoir, 1970). Com o Estado e a Igreja, a mulher foi desencorajada a estimular seu intelecto e desenvolver seu pensamento crítico. Além disso, no período da Idade Média, a figura feminina foi associada à bruxaria e aos elementos relacionados ao mal. O estigma feminino excluiu as mulheres dos trabalhos assalariados e da esfera pública (Federici, 2017). Beauvoir (1970) defende que a feminilidade, na Europa Ocidental, é traçada

pelas ideias relacionadas ao cuidado, à delicadeza e à pureza, características relacionadas com Maria, mãe de Jesus, devido à influência da Igreja sobre a população europeia do século XV (Stolke, 2006).

Neste mesmo período, começa a formação do povo brasileiro, oriundo da mistura das três raças: brancos – portugueses e outros europeus –, indígenas e negros (Ribeiro, 1995). Dessa miscigenação, são formadas, sobretudo, as mulheres brasileiras (Freyre, 2003), cujos corpos foram hipersexualizados pela associação ao estigma do corpo colonial (Gomes, 2013). A feminilidade da mulher brasileira foi moldada pela aparência dos traços corporais marcantes – bumbuns, coxas e quadris protuberantes associados a seios firmes –, forte instinto sexual e sedução (Gomes, 2013). O homem legitimou o corpo da brasileira como desejado e sexual (Freyre, 2003). A imagem desse corpo foi explorada e comercializada pela publicidade para atrair o turismo para a cidade do Rio de Janeiro. Famosa também pelas praias e pelas altas temperaturas durante o todo (Goldenberg, 2011), a cidade foi associada ao paraíso, pois proporcionava ao estrangeiro uma diversidade de paisagens bonitas, o que incluía as mulheres do Rio como acessório (Gomes, 2013).

De acordo com Goldenberg (2011), a mulher que vive no Rio de Janeiro sofre constantemente uma pressão cultural movida pelos padrões de culto ao corpo. A autora ainda ressalta que o corpo deve ser esculpido pelos padrões da beleza com um objetivo claro: ser exibido. Esta adoração aos padrões de beleza cria consequências maléficas para as mulheres (Wolf, 1970), e isto será abordado em específico neste capítulo.

Esta pesquisa traçou aspectos referentes à construção da feminilidade na cultura brasileira, a fim de perceber as consequências dos papéis prescritos na sociedade heteronormativa dominante. Assim, 30 mulheres que moram no Rio de Janeiro foram entrevistadas. As entrevistas foram transcritas e indicadores (Quivy & Campenhoudt, 1995) foram traçados na intenção de melhor perceber as consequências da feminilidade. Através da análise dos indicadores nas narrativas das entrevistadas, alguns dos aspectos geradores dos modelos tradicionais de feminilidade foram identificados: padrão de beleza, complexo de corpo e rivalidade feminina. Desse modo, os subcapítulos a seguir correspondem à análise dos elementos identificados.

3.1. O ser feminino: imposição da beleza

Em uma sociedade heteronormativa dominante, as características masculinas e femininas dividem-se de forma binária¹², o que determina a segregação de atributos que se tornam exclusivos de acordo com o sexo (Adichie, 2017). Dessa forma, Beauvoir (1970) classifica a vaidade e o autocuidado como particularidades femininas. A autora ainda acrescenta que caso esses aspectos da feminilidade não sejam incorporados pela mulher, existe a possibilidade de reprovação ou crítica, fato este vivenciado pela entrevistada Martha:

Martha: “(...) eu era menina macho. Aí, então, me colocaram no ballet, para ficar mais feminina. Mas nunca consegui ter uma identificação, eu gostava mesmo de jogar bola, sabe? Mas eu entendo que foi para eu ficar mais feminina (...) quando eu era pequena eu ouvia muito as pessoas dizendo, ‘Greice, arruma essa menina direito, porque ela tem cara de homem!’ Acabou que a minha mãe não tinha muito tempo para ela, então, ela não me incentivou muito [a ser vaidosa]. E hoje eu vejo que eu repito as mesmas coisas que ela fazia quando eu era pequena. Assim como ela, eu quase nunca vou no salão, sei que é importante, mas eu me coloco em último caso, igual o que a minha mãe fazia”

(Martha, ver apêndice A, p. 66)

A entrevistada Martha ouvia quando criança que ela própria tinha traços e comportamentos masculinos, por isso, houve uma tentativa familiar de introdução da feminilidade através da incorporação dos aspectos relacionados com o ballet, um estilo de dança relacionado à delicadeza e reconhecido pela associação com as características femininas. Mas Martha afirma que não se identificou com a dança e admite não conseguir ser tão vaidosa por não ter recebido incentivo da mãe. É perceptível que, para Martha, a vaidade é entendida como característica importante, uma que vez que ela própria se repreende por não ser suficientemente vaidosa.

Butler (2003) defende que o corpo funciona como meio passivo dentro da cultura, por isso, assume características performativas, distinguindo arquétipos que representam o feminino e o masculino. A autora acredita que a representação não é natural, mas sim construída pela própria cultura que o indivíduo está inserido. Por isso, as imposições ao estereótipo de gênero começam a partir da inserção deste indivíduo em uma determinada

¹² A lógica binária classifica apenas duas formas distintas e opostas, o masculino e o feminino. Ver mais em: <https://www.scielo.br/pdf/ram/v11n3/a05v11n3.pdf>

cultura (Butler, 2003). Este aspecto veiculado na obra da autora supracitada, é facilmente reconhecível na citação seguinte:

Cristina: “Ela [mãe] deixou a minha infância toda eu sem [usar] camisa e DO NADA (ênfatizou) eu tive que usar camisa, eu heim! Imagina isso pra [para] uma criança! Obviamente, eu esquecia de usar camisa, não gostava e ela ainda brigava comigo. Nessa época eu já tinha uns 9 anos. Mas eu não conseguia entender porque eu tinha que usar, mas meu amiguinho da rua não tinha que usar, e porquê de um dia pro [para o] outro eu tinha que usar camisa?!”

(Cristina, ver Apêndice B, p. 73)

A maioria dos elementos da feminilidade são absorvidos de forma natural (Butler, 2003), entretanto, é perceptível que a entrevistada Cristina não se identificava com a ideia que as meninas e mulheres devam usar a camisa de forma obrigatória. É também interessante o fato da narrativa de Cristina ilustrar como, em criança, o mundo se apresentava sem os padrões pré-estabelecidos dos estereótipos de gênero. Adichie (2017) destaca a educação das meninas como perniciosa, pois são constantemente repreendidas sem explicações convincentes e, segundo Beauvoir (1970), os interesses pessoais também são desenvolvidos culturalmente. Adichie (2017) também sustenta que a menina é destinada às brincadeiras relacionadas ao cuidado, já o menino tem a liberdade de desbravar brincadeiras mais ativas, que ampliam a sua própria autonomia e capacidade de ser ativo. Por isso, as meninas que apresentam gostos mais ativos são repreendidas, como foi narrado por Bianca:

Bianca: “(...) eu preferia as brincadeiras de meninos. Eu nunca gostei das brincadeiras de bonecas. Eu queria brincar na rua e as meninas brincavam de coisas retardadas e eu não gostava, mas enfim, sempre fui reprovada por isso (...) antes eu queria me vestir que nem menino até, não queria por nada no cabelo e tal, achava um saco (chato)! Mas eu era chamada atenção por isso ‘Bianca, para de andar que nem um menino!’; ‘Bianca, tem prender o cabelo’; ‘Bianca, você já tá falando que nem um menino’; e cara, eu ficava muito chateada por essas coisas, porque eu não queria ser um menino, eu só queria ser eu!”

(Bianca, ver Apêndice C, p.77)

É perceptível na narrativa de Bianca que a identificação e a afinidade com os meninos, durante a infância foi repreendida pelos seus familiares, que a comparavam a um menino. A cultura da feminilidade é padronizada por características que representam a passividade e a vulnerabilidade (Beauvoir, 1970). Logo, Adichie (2015) afirma que as meninas que não se

identificam com esses atributos são julgadas como masculinizadas. Era desta forma que Lavi era vista pelo pai:

Lavi: “(...) depois eu fiquei muito muito fã de futebol, e o público era mais de menino, eu tinha uns 10 anos por aí. Tanto que meu pai me proibia de jogar bola. Me dizia que futebol não era para menina. Ele me colocava de castigo e tudo, mas aí eu já tinha os meus 12, ou 13 anos. Ele dizia que tinha medo da maldade dos meninos e pra [para] eu não ficar tão masculina. Mas eu continuava batendo o pé, falando que eu queria sair para jogar. Eu sinto que eu sou muito mais masculina do que feminina. Eu joguei bola até os meus 18 anos, só parei quando machuquei o meu joelho”

(Lavi, ver Apêndice D, p. 98)

Lavi considera-se mais masculina do que feminina. Isso porque seus modos e interesses são identificados e identificáveis como pertencentes ao léxico dos modelos de masculinidade tradicionais. Além disso, uma criança ou jovem que se interessasse em praticar futebol nos anos 2000 ainda sofria com o estigma do esporte ser dominado por homens. Por isso, na tentativa de mudar o interesse da entrevistada, o pai a punia. Adichie (2017) defende que os estereótipos de gênero feminino tradicionais, desde cedo priva as meninas e jovens mulheres do acesso a determinadas brincadeiras e, conseqüentemente no seu futuro, introduz a ideia de que existem carreiras profissionais que lhes são menos adequadas: “ (...) meninas brincam com bonecas e meninos brincam com helicópteros. Agora me pergunto, um pouco sonhadora, se a menininha não teria virado uma engenheira revolucionária se tivesse dado a ela a chance de explorar aquele helicóptero” (Adichie, 2017, p. 25-26).

Os modelos de feminilidade fundamentam-se igualmente na pressão social dentro da sociedade heteronormativa que doutrina a mulher a aderir a recursos como maquiagem, cremes, unhas feitas, cabelos e roupas da moda (Wolf, 1992). A identidade da menina é condicionada pela sociedade através da perspectiva do arquétipo da princesa¹³ que impõem valores e crenças que associam a feminilidade desejada com a expectativa de moldar a criança na forma de olhar, pensar e desejar (Correia, 2010). O exemplo a seguir é da entrevistada Jéssica, que percebeu que incorporar os padrões de beleza da época a validaram como uma jovem mulher atraente:

¹³ O conceito é um modelo de feminilidade representado pelo processo de socialização de meninas e mulheres que impacta de forma direta na construção da feminilidade, através da influencia das princesas que são divulgadas como forma de produto cultural.

Jéssica: *“A minha mãe não é vaidosa em nada. Veio mais de amigas da escola. Eu lembro quando eu fiz 15 anos, eu tinha o cabelo cacheado, era muito sardenta e usava óculos, e no dia seguinte dos meus 15 anos eu alisei o cabelo, coloquei lentes de contato e me maquiei, para ir para escola e todos, sem exceção, todos me disseram que eu estava muito bonita e diferente. E aí eu vi que eu tinha que ser assim!”*

(Jéssica, ver Apêndice E, p. 89)

Percebe-se que Jéssica entendeu que deveria incorporar os recursos que utilizou como maquiagem, alisamento de cabelo e lentes de contatos, pois teve a aprovação dos amigos da escola. A pressão social que uma mulher sofre para ser percebida como mulher, pode vir acompanhada de comportamentos repressivos por parte das pessoas que impõem a feminilidade (Adichie, 2017). A entrevistada Gabriela descreve que aspectos relacionados com a feminilidade como sutiã e cuidados com o cabelo foram introduzidos em sua vida por outras meninas de forma agressiva:

Gabriela: *“Até os meus 10 anos eu zero ligava, depois eu comecei a mudar. Quando eu estudava eu ia de van para a escola, foi ali que me disseram que eu tinha que usar a sutiã e falavam mal do meu cabelo. Nessa época, eu chegava na escola sem escovar os dentes, porque eu estava sempre atrasada, então, me sacaneavam falando que eu tinha bafo de dragão! E, cara, me julgavam muito, eu ficava muito mal, me sentia horrível, me sentia julgada o tempo todo!”*

(Gabriela, ver Apêndice F, p.95)

Da entrevistada Gabriela, é possível perceber que além da imposição da feminilidade feita pelas meninas que compartilhavam do transporte para a escola, a entrevistada também sofreu uma notável influência da mãe em relação a ser vaidosa, gerando como consequência a preocupação excessiva com aparência:

Gabriela: *“Simmm, nossa! O que? Minha mãe é muito vaidosa. Ela chega a ser chata. E acabou que me transformei numa pessoa meio neurótica, principalmente, em relação ao [meu] cabelo. Se eu saio de casa, chove e meu cabelo fica ruim, eu não me sinto bem. Se eu não me sinto bem por causa do meu cabelo, isso acaba com o meu dia. Se ele tá [está] muito armado ou frisado, eu amarro e não vou querer mais sair, porque eu não me sinto bonita, não me sinto bem de verdade. Tipo, as pessoas podem até elogiar a minha roupa, mas se o meu cabelo estiver amarrado eu penso logo, ‘minha roupa tá [está] maneira[fixe], mas eu tô [estou]*

feia por causa do meu cabelo, por isso que a pessoa não falou nada do meu cabelo’.
Tipo, eu entro numa real neurose louca, tá ligada [percebe]?”

(Gabriela, ver Apêndice F, p.95)

A obsessão é uma das características do mito da beleza, o que deixa a mulher compulsiva para incorporar a beleza por excelência, ou seja, perfeita (Wolf, 1992). Os padrões de beleza são moldados conforme a cultura de uma determinada época e, por isso, o conceito de belo pode ser alterado conforme as gerações (Wolf, 1992). Segundo Wolf (1992), as mídias são influenciadoras dos padrões de beleza, determinam a regularização do que entra e sai de moda. A autora acredita que revistas, jornais, peças publicitárias e a televisão têm o poder de validar e reprovar um conjunto de práticas e costumes:

Júlia: “Teve a moda das calças de cintura baixas, nossa, horrível, o corpo ficava muito feio, mas por mais que você procurasse uma calça de cintura média, você não achava. As lojas te obrigam a vestir o que tá [está] na moda, dane-se o seu gosto. Igual o cabelo, por exemplo, eu usava o cabelo volumoso, porque quanto mais volume, nos anos 1980, melhor, e essa moda foi boa pro [para o] meu cabelo porque meu cabelo é muito armado [volumoso]. Mas aí veio a moda de alisar o cabelo, por um lado foi bom, porque era muito prático, mas acabou com o meu cabelo”

(Júlia, ver Apêndice G, p.103-104)

Ana: “Quando veio a moda dos shakes que prometiam emagrecer a vida, eu tomei, fiz a dieta direitinho. Mas era horrível, nojento, sempre tinha ânsia de vômito. Cara, eu também cheguei a usar a alça da calcinha aparecendo, porque teve a época que isso era ser sexy, meu Deus, e eu ainda fazia isso quando eu era adolescente achando que tava [estava] abafando [fazendo sucesso], mas hoje eu vejo o quanto eu era cafona”

(Ana, ver Apêndice H, p. 109)

Ambas entrevistadas citaram modas que padronizaram a ‘aparência’ – forma de se vestir, dietas que emagrecem, estilos de cabelo – e atualmente, se arrependem de terem compactuado com tais tendências. Wolf (1992) acrescenta que uma moda pode ser consentida de forma inconsciente e consciente. “As revistas transmitem o mito da beleza como um evangelho de uma nova religião. Ao lê-las, as mulheres participam na recriação de um sistema de crenças tão poderoso quanto o de qualquer das igrejas cuja influência sobre elas se desfez tão rapidamente” (p.112).

Ao levar em conta a influência das mídias, a maior parte das entrevistadas disseram que já quiserem ser alguma famosa – artista, pessoa pública ou *influencer*¹⁴. Assim como Wolf (1992), Goldenberg (2011) também defende que as influências das mídias geram obsessões que desenvolvem sentimentos como a inveja, “o corpo invejado, desejado e admirado (...) surge como marca indicativa de uma certa virtude superior daquele que o possui” (p.10):

Gabriela: *“Eu sinto inveja na real, porque tudo que eu gostava nela é o que eu queria ter, saca [percebe]? Queria a vida dela! Talvez, eu acompanho ela e penso que não é tão distante assim e aí eu fico sonhando em ser ela, saca [percebe]?”*

(Gabriela, ver Apêndice F, p.99)

Jesebel: *“Sinceramente, inveja, porque eu acho que eu queria ter a vida dela, meio que ser ela, porque eu não faço nada para mudar alguma coisa em mim, tipo fazer exercícios físicos e tal. Acho que eu, apenas, gostaria de assumir o lugar dela!”*

(Jesebel, ver Apêndice I, p.115)

Victória: *“Cara, já tive inveja e admiração. Porque, na hora, eu penso que quero aquele corpo e poder fazer o que eu quiser, tipo viajar muito e ter essa vida incrível igual a essa pessoa. Por isso, que eu acho que são os dois sentimentos”*

(Victória, ver Apêndice J, p.120)

As três entrevistadas acompanhavam a vida de determinadas famosas e mencionaram a inveja como sentimento em comum. As narrativas refletem o sentimento do desejo de ocupar o espaço da ‘famosa’ e não de seguir os passos dela como mentora, professora ou incentivadora. Para Wolf (1992), o mito da beleza gera de forma frequente a auto comparação: “Essa comparação constante, na qual o valor de uma mulher flutua por meio da presença de uma outra, divide e conquista. Ela força as mulheres a uma crítica penetrante das ‘escolhas’ que outras mulheres fazem com relação à aparência” (p. 379). Entretanto, os aspectos relacionados à comparação não são gerados apenas pelas mídias, sendo que outras esferas de influência e poderosos veículos de aculturação como a família e amigos/as têm um papel fundamental na transmissão de valores referenciais e modelos sociais normativos (Bourdieu, 1970). É o que foi detectado na descrição da entrevistada Paula:

¹⁴ “Digital influencers são, como o próprio nome diz, pessoas influentes no campo digital. Geralmente são conhecidos através de alguma rede independente, como Instagram, Twitter ou Youtube” (Moreira e Rios, 2016, p.8)

Paula: *“Meus pais me comparam muitooo (ênfaticou) em relação à minha inteligência e ao meu jeito de ser. Do tipo, ‘você não é dócil como a sua prima’, ‘nossa, seu irmão é tão bonzinho, você podia ser assim também’, ‘você podia ser mais maleável com as coisas’ ou ‘você é muito briguenta, tenta ser mais tranquila, isso não pega bem pra [para] você, minha filha’”*

(Paula, ver Apêndice K, p.123)

A comparação para Paula tem relação com o seu jeito de ser, pois a entrevistada assume características mais ativas do que passivas, ocasionando uma crítica por não incorporar a delicadeza e a bondade, aspectos da feminilidade tradicional que são apreciados e ‘aceitos’ na sociedade heteronormativa dominante. Já a entrevistada Isabel sofre comparações em relação aos estudos e ao corpo:

Isabel: *“Minha mãe me compara muito em relação ao meu estudo, que eu não estou me esforçando tanto quanto uma amiga minha. Ou comparação em relação ao meu corpo. Que uma amiga minha é mais magrinha do que eu, porque eu tô [estou] comendo muito ou porque fulana tem mais corpo do eu, mas é mais nova do que eu. Acho que ela compara bastante o meu corpo, eu não gosto muito não. Só [gosto] quando ela diz que eu tenho mais corpo do que a outra[rapariga], aí eu me sinto melhor”*

(Isabel, ver Apêndice L, p.221)

As comparações em relação ao corpo representam um padrão de beleza exigido pela feminilidade tradicional (Wolf, 1992), por isso, comparar uma jovem que tem o corpo mais desenvolvido do que a outra, representa, de forma indireta, qual é o padrão a ser seguido. Assim, Nina explica que se sente melhor quando a mãe a enxerga como padrão de beleza, o que, provavelmente, desperta em si um sentimento de superioridade pela menina. As entrevistadas também descreveram comparações em relação às próprias mães:

Cissa: *“Minha mãe era uma mulher muito dura e achava que todas as filhas precisavam ser iguais a ela, sempre se colou como exemplo em tudo. Porque ‘eu sou uma ótima esposa, uma ótima mãe, uma ótima irmã’...ela era muito classuda (tinha classe), educada e dizia que devíamos estar sempre bem maquiadas, iguais a ela, arrumadas, iguais a ela, porque se a gente fosse que nem ela, teríamos sucesso”.*

(Cissa, ver Apêndice M, p.134)

Jesebel: *“Minha mãe me compara muito com ela, do tipo ‘na sua idade eu tinha um corpão’; ‘eu era a mulher mais bonita do bairro!’; ‘quando eu tive você (...) eu era magrinha, agora imagina você depois de ter filho?!’”*

(Jesebel, ver Apêndice I, p.112)

As narrativas das entrevistadas descrevem graus comparativos que funcionam como uma espécie de avaliação que julga os comportamentos e a forma de ser das entrevistadas. No caso de Cissa, a mãe mostrou à filha como se deve se comportar, como se deve se impor, ou seja, como se deve ser mulher. No entanto, a mãe da entrevistada mostrou que havia apenas um caminho para se ser uma mulher de sucesso: ser igual a ela. Essa rigidez nos padrões de etiqueta podem engessar e aprisionar a mulher (Wolf, 1992). Já na narrativa de Jesebel, a mãe da entrevistada a inferioriza, provavelmente, sem perceber, por problemas de autoafirmação ou para controlar a própria filha. O controle seria uma tentativa de Jesebel ser mais parecida com a mãe e incorporar o que a própria mãe entende como padrão de beleza.

Goldenberg (2011) afirma que os padrões de beleza geram comparações automáticas em relação às características como: jeito de ser, de se vestir e formato do corpo. A existência de uma hierarquia que dita o que é belo pode gerar o sentimento de inferioridade que reflete na autoestima da mulher (Wolf, 1992), como são os casos das entrevistadas que descreveram o que sentem quando estão na presença de uma mulher que elas próprias consideram mais bonita:

Lourdes: *“Eu me sinto insuficiente, porque eu automaticamente me comparo a ela. Eu realmente tenho a sensação de irrelevância. Parece que tudo se baseia na ideia que o corpo da outra mulher é mais importante do que eu sou”*

(Lourdes, ver Apêndice N, p.142)

Raquel: *“(...) me sinto inferiorizada total! Aí fico pensando o que dava para melhorar em mim, né, pra [para] ficar igual a bonita lá, mas até eu chegar no pensando de ‘pô, legal (fixe), como faço pra [para] ser assim’, eu primeiro me sinto bem mal”*

(Raquel, ver Apêndice O, p.148)

As entrevistas Lourdes e Raquel descreveram sentimentos de interiorização, como se a beleza da outra mulher apagasse a beleza delas. A afirmação de Wolf (1992) é sustentada pela ideia que acredita que os modelos de beleza são transmitidos como padrões e compartilhados coletivamente. Assim, observa-se que não se trata somente de incorporar a

beleza, mas também conquistar o mais alto estágio sem ter de dividir esta posição com outra mulher:

Alice: “(...) *Pô, eu penso que tenho que emagrecer, minha maquiagem não tá [está] boa o suficiente quanto a dela*”

(Alice, ver Apêndice P, p.153)

Bianca: “(...) *não estou tão bonita quanto ela por um desleixo meu, porque eu não emagreci e não comprei roupa*”

(Bianca, ver Apêndice C, p.81)

Ambas as entrevistadas transmitem emoções como a culpa por entenderem que não são suficientemente bonitas, algo que passa a ser da sua responsabilidade por não terem se arrumado de forma a corresponder com as lógicas de beleza do padrão em vigor. A culpa é, aliás, uma emoção desde há muito tempo associado ao léxico do feminino e que tem sido reforçado pelas crenças disseminadas pela Igreja (Federici, 2017). Já Thamiris relaciona a comparação com a preferência por se relacionar:

Thamiris: “ *Geralmente me vem o sentimento que eu queria ter o corpo mais parecido com o dela, ou o que eu faço para ter o corpo igual ao dela, mas eu também não faço nada para mudar. E, claro, penso que os caras vão preferir ficar com ela do que comigo*”

(Thamiris, Apêndice Q, p.159)

Thamiris entende que os homens vão preferir a outra mulher do que ela, porque aquela mulher conseguiu incorporar melhor os padrões de beleza do que ela própria. A narrativa da entrevistada reforça a concepção que se a mulher encarnar a beleza será recompensada, pois alcançará o objetivo de conquistar um homem através da beleza (Wolf, 1992).

Segundo Wolf (1992), encarnar a beleza feminina não é somente seguir um determinado padrão. O provérbio francês diz que “é preciso sofrer para ser linda” (Wolf, 1992, p.290), o que legitima o verdadeiro preço da beleza. Sendo assim, além de ser uma característica que requer investimento monetário, também reforça o sofrimento para alcançar o *status* de ser considerada uma beleza inquestionável. A entrevistada Jesebel relaciona as suas experiências de beleza com o reconhecimento de incorporar a feminilidade tradicional:

Jesebel: “*eu nunca gostei do meu cabelo enrolado, então, quando eu era pequena eu já alisava o cabelo. Hoje, eu não consigo me ver sem fazer alisamento, acho que eu seria outra pessoa. Mas é uma sensação esquisita, porque eu gosto do*

resultado, de como ele fica, mas não suporto o processo da progressiva, acho muito doloroso, o cheiro forte de formol que é péssimo pra [para] minha asma, sem contar que muitas vezes arde o couro cabeludo. Mas é isso, depois que a dor passa e eu vejo que valeu a pena”

(Jesebel, ver Apêndice I, p.114-115)

Jesebel entende que o processo é doloroso, mas é necessário para alcançar o que ela considera ser o modelo de beleza adequado a uma mulher. Além disso, a entrevistada se reconhece como mulher somente depois de passar por essa dor provocada pelo tratamento capilar. Essa ideia ressalta a crença que diz que para ser bela, a alternativa é se sujeitar à dor e aceitar o padrão de beleza imposto. A relação entre dor e beleza é aceita pelas mulheres de forma passiva, característica designada às mulheres há milhares de anos (Engels, 2019). Wolf (1992) acredita que se desenvolveu a eufemização da crença que sustenta que o sofrimento é lindo, pois se trata apenas de um mal-estar momentâneo, na qual haverá uma recompensa no final. Veja a relação da entrevistada Martha com a dor da beleza:

Martha: “Eu fiz progressiva muito nova, mas antes da progressiva, aos 11 eu já fazia relaxamento. Como a progressiva teve a moda dela, ali por volta dos meus 12 anos, eu cheguei a fazer várias vezes, mas como era muito caro, eu voltei a fazer o relaxamento. Eu já cheguei a ficar com a cabeça cheia de feridas. Foi aí que com 18 anos eu tentei fazer a minha primeira transição capilar, mas não aguentei, desisti, porque eu me sentia muito feia. Então, quando eu fiquei grávida eu consegui, porque eu não poderia fazer nada químico no cabelo mesmo, aí consegui passar pela transição, finalmente”

(Martha, ver Apêndice A, p.69)

Martha relata o que Wolf (1992) denomina como refém da beleza. A entrevistada Martha tem o cabelo cacheado e parar de fazer os tratamentos capilares significava passar pelo processo da transição capilar¹⁵. Na narrativa de Martha que a escolha de parar de fazer o alisamento reflete ir contra à moda cultural, que apresenta o cabelo liso e alisado como bonito. Aquelas que não possuem esses cabelos tendem a se sentir excluídas e sofrem consequências na sua autoestima.

Adichie (2017) acredita que a menina de cabelo crespo ou cacheado desde criança percebe que o seu cabelo não é o padrão. E o alisamento se torna uma motivação para alcançar

¹⁵ A transição capilar tem o objetivo de tirar toda a química do cabelo, resgatando a estrutura natural capilar. O procedimento consiste em deixar o cabelo crescer para depois cortá-lo, em vista de tirar completamente a química que foi feita. Normalmente, esses tratamentos de cabelo mexem com a estrutura capilar dos fios, deixando-os sem forma. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0059-1.pdf>

o que é valorizado na cultura heteronormativa dominante e de prevalência branca: “Verá nos filmes, nas revistas, na televisão. Verá que se valoriza o liso ou o ondulado, e é um cabelo que cai, em vez de ficar armado” (p.59). A autora ainda afirma que para as mulheres negras, a representatividade da beleza padrão – a beleza branca – afasta e diminui às mulheres negras, além de impor a incorporação de traços do embranquecimento¹⁶ (Akotirene, 2018), é o que retrata a entrevistada Thamiris:

Thamiris: *“Eu estudava em uma escola de classe média e com poucas crianças negras. Então, existia a questão de não ter ninguém parecida comigo. Além disso, eu também não tinha um referencial em casa, porque minha mãe que é branca nunca soube como poderia cuidar do meu cabelo. Então, o cabelo passou a ser uma preocupação para mim desde sempre, não é à toa que eu comecei a fazer relaxamento no cabelo antes dos 10 anos, pelo menos”*

(Thamiris, ver Apêndice Q, p.154-155)

O alisamento de cabelo feito por Thamiris demonstra também a falta de opção para diferentes tipos de cabelo. Apesar da miscigenação no Brasil e o multiculturalismo, oriundo da mistura dos diversos povos, os traços que representam o branco europeu foram constantemente estabelecidos como padrão no país (Freyre, 2003). Dessa forma, o precoce alisamento no cabelo da entrevistada, ainda quando criança, era naturalizado e defendido pela cultura que Thamiris estava inserida. Outro exemplo, é a entrevistada Jéssica que também teve seu cabelo alisado precocemente e não se lembrava como poderia ser seu próprio cabelo sem o alisamento:

Jéssica: *“Eu sempre tive uma preocupação muito grande com o meu cabelo, é como se o cabelo fosse a minha maior preocupação na vida! E acho que é mesmo. Hoje tento ver de uma maneira mais leve, mas já foi algo bem pesado pra [para] mim, algo misturado com sofrimento. Meu primeiro alisamento no cabelo eu tinha 9 anos de idade, porque para minha mãe o meu cabelo sempre estava bagunçado, e ela não sabia o que fazer com ele, então, era mais fácil alisar. Antes do meu processo de transição, que demorou uns dois anos, eu não fazia ideia como era o meu cabelo, porque nas minhas fotos, de quando era pequena, não dava para perceber se o meu cacho era largo ou pequeno, nem minha mãe se lembrava”*

(Jéssica, ver Apêndice E, p.89)

¹⁶ Torna-se branco. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/embranquecimento>

Para a entrevistada, a exigência de seguir o padrão de beleza que julga o cabelo liso, como madeixas perfeitas, gerou uma fixação psíquica que Jéssica luta contra a compulsividade de acreditar que o cabelo é a maior preocupação da sua vida. Por isso, é importante a representatividade como: figuras públicas que tenham cabelos cacheados ou crespos nas mídias, para que as mulheres possam perceber que existem outros tipos de beleza (Adichie, 2016) e não precisam incorporar padrões que desencadeassem psicologicamente uma obsessão por não conseguirem absorver por completo o que a cultura determina (Goldenberg, 2005).

3.2. O corpo domesticado: comparações e obsessões

Segundo Goldenberg (2011), as mídias influenciam diariamente os padrões de beleza que determinam a aparência, o que provoca obsessões e compulsões para incorporar determinados elementos. “A mídia adquiriu um imenso poder de influência sobre os indivíduos, generalizou a paixão pela moda, expandiu o consumo de produtos de beleza e tornou a aparência uma dimensão essencial da identidade para um maior número de mulheres e homens” (Goldenberg, 2011, p.4). O culto à magreza foi disseminado e absorvido na cultural ocidental. Veja o depoimento de Jesebel que representava, quando criança, um biótipo fora do padrão vigente:

Jesebel: *“Cantavam para mim no jardim de infância, ‘Gorda, baleia, vou te esculachar, bunda de borracha e peito de maracujá’. Foi a partir dessas brincadeiras por meninos e meninas que eu comecei a me incomodar com o meu corpo. E a minha mãe também foi presente nesse processo de entender que eu era uma criança gorda, porque até então eu não tinha noção dessa ideia de peso. Por exemplo, quando o meu avô me levava para comer no McDonalds, ela falava para ele ‘Quer ver a minha filha gorda, é?’ (...) Acho que graças a ela, eu vivo em uma briga comigo mesma pelo peso ideal e isso vem de muito tempo, a minha vida toda praticamente”*

(Jesebel, ver Apêndice I, p.111)

Jesebel sofria *bullying* pelos amigos da escola por não ser magra. Paralelamente, percebeu através dos amigos e da mãe que seu próprio corpo não era o adequado, algo que ainda lhe gera insatisfação e más recordações. As propagandas, no Brasil, promoveram o

biótipo magro, o que desenvolveu a indústria de alimentos dietéticos e das dietas (Wolf, 1992):

Ana: *“Eu já cheguei a desmaiar na escola, porque não comia direito, porque eu tava [estava] em uma das minhas dietas que consistia, simplesmente, em não comer. Essa época eu media o espaço entre as minhas coxas, porque quanto mais espaço tinha, mais chique era. Eu li isso numa revista, quando era pequena e nunca mais me esqueci. Eu sempre achei que ser magra era uma beleza de rico, e eu sempre quis ‘ter’ isso”*

(Ana, ver Apêndice H, p.108)

Wolf (1992) destaca o quanto o culto à magreza pode ser extremamente danoso para mulheres que desenvolvem doenças como anorexia, bulimia e transtornos compulsivos alimentares para cumprir um padrão de beleza. A entrevistada Ana associava a magreza à beleza e ascensão social, porque as revistas promovem imagens de mulheres magras, bonitas, de acordo com o padrão de beleza em vigor, e de alto nível social (Edmonds, 2011). Logo, a entrevistada entendia que era preciso incorporar os signos da feminilidade tradicional para ser vista como bela, e assim, poder alcançar mobilidade social (Pessoa, 2020). Segundo Malysse (2011), representar um corpo magro, esbelto ou atlético é um desejo em comum entre as mulheres que vivem no Rio:

Raquel: *“O que eu tento me encaixar é na questão de tentar ser magra, ou seja, comer menos. Isso é uma coisa que eu tento me encaixar, não comer muito para não engordar. Afinal, ninguém quer ser gordo. Acho que eu sou assim porque quando eu era pequena eu era bem gorda, bem gorda mesmo e, nossa, me sacaneavam muito. Então, ser magra é um cuidado que eu tenho. Não dá para você pôr um biquíni bonito se você é gorda por exemplo, eu acho de mal gosto”*

(Raquel, ver Apêndice O, p.146)

Raquel sofreu por ser gorda na infância e carrega os traumas psicológicos dessa época, por isso, se manter magra é uma necessidade para a entrevistada. Além disso, Raquel também julga que uma mulher gorda não fica bem de biquíni. Como o Rio é uma cidade de altas temperaturas ao longo de todo ano, não há um período específico para fazer praia. Ou seja, deve-se estar com um corpo pronto para usar um biquíni o ano inteiro (Malysse, 2011). Sendo assim, na perspectiva dos padrões de beleza, o corpo assume o topo da importância (Edmonds, 2011). As entrevistadas também foram questionadas sobre o que pensam quando veem uma mulher gorda:

Fabiana: *“Coitadinha, eu tenho pena, fico pensando o que ela pode tá [estar] passando de ruim, a pessoa gorda tem dificuldade pra [para] tudo. Pra [para] pegar um transporte, comprar uma roupa e ainda zombam da cara da pobre coitada”*

(Fabiana, ver Apêndice R, p.163)

Victória: *“Que merda [droga], e que bom que não sou assim! Também fico com pena dela”*

(Victória, ver apêndice J, p.120)

Sara: *“Sinceramente, sinto pena, pena se for muito gorda e acho que tem que se tratar. Mas se a pessoa for só gordinha, acho até bonitinho, se ela for arrumadinha, bonitinha. Nossa, tem tanta gorda bonitinha por aí, eu fico impressionada. Mas, assim, gorda demais aí eu já acho complicado, porque eu acho que gordura é uma questão de saúde, se não a pessoa sai rolando. Não porque seja feio ou bonito, vejo por questões de saúde mesmo”*

(Sara, ver Apêndice S, p.169)

As entrevistadas descreveram o sentimento de pena, mas Victória também se compara com a mulher gorda e se sente aliviada por ela não ter o aquele corpo fora do padrão de beleza que ela cultua. Já Sara, diferencia o corpo em: gordo e gordinho. Ela aprova o corpo gordinho quando a mulher é bonita e, ao mesmo tempo em que aprova o corpo que sai moderadamente do padrão, salienta que a mulher deve continuar a incorporar os modelos de beleza e de feminilidade. Sara explicou que a preocupação com o corpo gordo é em relação à saúde, mas manifestou um grau de intolerância ao dizer que o corpo ‘gordo demais pode sair rolando’¹⁷. Goldenberg (2011) acredita que o culto ao corpo padrão na cidade do Rio é bravamente defendido, apesar de existir exceções à regra, o corpo gordo é julgado e segregado dos demais, não devendo ser venerado. Por isso, a autora ainda defende que piadas, comentários de mau gosto e *bullying* são cometidos contra ao corpo gordo de forma naturalizada:

Ana: *“Eu sou bem escrota [grosseira]. Eu penso ‘Caraca!’ Eu acho feio. Me sinto incomodada. Eu sinto pena e tenho até nojo, eu tenho um certo nojo de gordura, entende? Sou meio gordofóbica”¹⁸*

(Ana, ver Apêndice H, p.109)

A entrevistada Ana vê o corpo gordo com nojo, aversão disseminada pela mídia que padronizou o biótipo e provoca repulsa aos arquétipos fora do padrão. O corpo gordo

¹⁷ Comparação pejorativa entre o corpo gordo e uma bola.

¹⁸ “Gordofobia é a intolerância, ódio e repulsa pelo corpo gordo” (Gurgel, 2017)

incomoda e ocupa espaço além do desejado. Este corpo não representa os padrões de beleza, por isso, é instruído pelas mídias o sentimento de repulsa (Goldenberg, 2011). A gordofobia apresentada por Ana é gerada por um movimento provocado em conjunto pela cultura e pelas mídias, que disseminam o desconforto em relação ao corpo gordo: quanto maior a aversão, maior será a adesão ao corpo magro padrão (Wolf, 1992). Já a entrevistada Marina, que é gorda, relacionou seu corpo à ideia de pertencimento:

Marina: *“É um sentimento de não pertencimento. Dá a ideia de que eu não tô [estou] no padrão, que eu não me encaixo e de que algo está de errado comigo”*

(Marina, ver Apêndice T, p.174)

Goldenberg (2011) afirma que “o corpo ‘em forma’ se apresenta como um sucesso pessoal, ao qual qualquer mulher ou homem pode aspirar, se realmente se dedicar a isso. ‘Não existem indivíduos gordos e feios, apenas indivíduos preguiçosos’, poderia ser o slogan deste mercado do corpo” (p.5). Portanto, quando Marina expressa que ‘algo está de errado’ com ela, percebe-se que provoca o sentimento de culpa, uma emoção que, neste contexto de análise, é gerada pelas pressões para incorporar o corpo padrão, que automaticamente menospreza e desvaloriza a pessoa gorda. Assim, o culto à magreza define que a mulher gorda tem responsabilidade por estar acima do peso, o que valida a reprovação ao corpo gordo que é visto como errado.

Apesar do corpo padrão na cidade do Rio ser representado pelo porte robusto, musculoso e magro, a magreza excessiva é julgada como fora do padrão (Goldenberg, 2011), já que as partes sexuais das brasileiras são exaltadas e cultuadas pelas formas protuberantes e desenvolvidas (Gomes, 2013). Lourdes descreve a repressão vivida por ter um corpo fora do padrão exigido culturalmente na cidade:

Lourdes: *“Minha mãe é mais sutil quando fala do meu peso. Ela pode reclamar, mas não me coloca pra [para] baixo, sabe? Vejo que ela tem mais preocupação com a minha saúde. Do tipo, ‘filha, come mais um pouquinho’; ‘filha, você não vai comer nada?’; ‘você precisa de alimentar melhor para não ficar resfriada’. Já o meu pai, fala de uma forma mais dura, ‘ahh você tem que ter mais carne!’ ou ‘o tipo de mulher que o homem gosta tem mais corpo, hein!’. Mas, hoje em dia, confesso que levo mais de boa quando se trata da opinião dos meus pais. Agora se for a opinião de um parceiro, alguém que eu esteja no momento, nossa, eu levo muito em consideração”*

(Lourdes, ver Apêndice N, p.140)

Lourdes afirmou ter um biótipo magro, com seios, quadris e bumbum fora do padrão cultuado na cidade do Rio (Goldenberg & Ramos, 2011). O pai da entrevistada julga que a mulher deve ter ‘carne’, ou seja, deve ter partes do corpo como bumbum, seios, coxas e quadris protuberantes. Lourdes é alertada pelo pai que os homens preferem mulheres com corpos mais salientes do que magros e o conselho serve como uma espécie de reprovação e de aviso à filha, que não tem os atributos necessários para se enquadrar como mulher padrão na sociedade carioca (Farias, 2011). A entrevistada explica que, atualmente, a opinião do pai não a incomoda mais. Entretanto, Lourdes disse ficar perturbada se for um ponto de vista de um companheiro seu. Dessa forma, percebe-se que a entrevistada demonstra a importância da validação de seu corpo pelo olhar do parceiro, provavelmente, refletindo a crítica paterna durante sua formação como mulher.

Segundo Louro (2000), o corpo altera conforme o tempo, porém exigências correspondentes à idade e à época da vida são requisitadas. Veja o exemplo de Nina que desde criança sofre críticas em relação ao seu corpo:

Nina: “Eu já fui muito magra, então, eu era chamada de varapau na escola direto! Mas de alguns anos pra cá, fui chamada atenção pela minha mãe, do tipo, ‘filha, você tá gordinha!’, mas a partir do momento que eu fiz os exames e ela viu que tava [estava] tudo bem comigo, em termos de saúde ela foi parando de chamar a minha atenção. Essa cobrança de corpo vem muito mais do meu pai. Ele já é o tipo de pessoa que me diz ‘nossa, tá gorda!’; ‘vai rolar; ‘o seu homem não vai te querer!’(...) Ele diz que meu peito é caído e que eu vou tropeçar neles quando crescer. Isso me magoa bastante”

(Nina, ver Apêndice U, p.178)

Nota-se que assim como o pai de Lourdes, a fala do pai da entrevistada Nina exemplifica que os homens também seguem ‘padrões físicos’ que devem ser incorporados conforme os modelos de beleza vigente (Pope et al., 2000). Logo, o que ele faz é não legitimar o corpo da filha como desejável (Wolf, 1992), já que ele relaciona parte do corpo dela com a ideia de agradar um companheiro. Segundo Tiburi (2016), os homens na sociedade heteronormativa brasileira têm o poder de validar os padrões de beleza vigentes, o que é compreensível devido o controle masculino das instituições e na legitimação do conceito de belo (Connell & Messerschmidt, 2005). A tentativa de satisfazer o homem foi constantemente reforçada pelas gerações, como também é apresentado pela entrevistada Ruth:

Ruth: *“Eu lembro também que a minha sogra falava que a mulher tem que tá [estar] sempre arrumada, porque nunca se sabe quem vai bater na porta. Imagina se um príncipe encantado batendo aqui em casa, uhuull!(riu em seguida) Acho que é por isso que hoje eu não fico um dia sem me arrumar, mas eu não faço isso por homem não, faço porque eu gosto e me sinto bem”*

(Ruth, ver Apêndice V, p.182)

A narrativa da entrevistada apresenta dois pontos interessantes. Apesar de Ruth comemorar a possibilidade de um ‘príncipe encantado’ ir ao seu encontro, enquanto está produzida, ela acredita que não gosta de se produzir para agradar aos homens, mas sim porque gosta. Mesmo que seja possível a entrevistada ter desenvolvido prazer por se arrumar, este interesse foi produzido através de influências que se baseiam nos estereótipos de gênero da sociedade heteronormativa dominante que impõem o autocuidado às mulheres (Beauvoir, 1970). As mulheres foram doutrinadas a agradar os homens (Federici, 2017), principalmente, em relação a própria aparência (Wolf, 1992).

As pressões culturais que as mulheres sofrem para atingirem um corpo padrão geram consequências psíquicas, como: insegurança, baixa autoestima e desvalorização como mulher (Wolf, 1992), veja a relação que Cecília tem com o próprio corpo:

Cecília: *“Eu sempre fui muito magra e minha mãe chama a minha atenção pra [para] isso a vida toda, pelo menos, desde que eu me conheço por gente. Aí acho que essa pressão que eu sempre sofri reflete numa insegura que eu tenho em relação ao meu próprio corpo. Tipo, tem roupas que eu não consigo usar, porque acho que dá pra [para] ver que eu sou muito magra e acabo não me sentindo à vontade”*

(Cecília, ver Apêndice W, p.189)

Logo, é notável que Cecília não se sente bem usando alguns tipos de roupas e prefere esconder o seu corpo que não se enquadra nos padrões cariocas por não apresentar protuberância suficiente para ser exposto (Goldenberg & Ramos, 2011). Segundo Lipovetsky (2000), o corpo não basta ser magro, ele precisa ser musculoso e trabalhado. Para perceber melhor este ponto, as entrevistadas foram questionadas sobre o que pensam quando veem uma mulher magra fora do padrão desejado, ou seja, excessivamente magra:

Penélope: *“Eu acho logo que ela tá [está] com anorexia. Ela pode estar até feliz, mas eu acho que ela tá [está] sendo escrava daquilo. Uma vez eu vi uma atriz com aquelas perninhas da África, ela pode tá [estar] feliz, tudo bem, mas eu sinto pena por causa da neurose da pessoa. Parece uma doença ser tão magra”*

(Penélope, ver Apêndice X, p 196)

Belém: *“Eu já reparo mais do que a gorda, porque me comparo mais. Também penso ‘Caraca, essa mulher é muito magra!’ , assim, acho bonito não”*

(Belém, ver Apêndice Z, p.202)

Lavi: *“Acho ridículo!! Tipo Bruna Marquezine, ela tá [está] horrível, porque eu já vi ela gostosa! Acho que ela não tá [está] naquele patamar ali porque ela quer. Ser famoso deve ser complicado, falar que ela aceita aquele corpinho dela é mentira”*

(Lavi, ver Apêndice D, p.87)

As três entrevistadas disseram não achar bonito mulheres excessivamente magras, além de atribuir a elas o sentimento de infelicidade. A entrevistada Penélope, por exemplo, relacionou a magreza com a ideia de doença, assim como Lavi, que destacou a atriz brasileira Bruna Marquezine como exemplo. O corpo da famosa virou polêmica, no começo do ano de 2020, quando Marquezine emagreceu e foi fortemente criticada nas redes sociais. Para Lavi o corpo da atriz é doente e feio, já que o corpo atlético na sociedade brasileira é associado com o sucesso (Malysse, 2011). Wolf (1992) percebe que, assim como o corpo gordo, o corpo magro demais também causa um desconforto porque sai do padrão em vigor. Por outro lado, a autora explica que o mito da magreza continua a ser defendido e explorado no imaginário das mulheres. Por isso, outras entrevistadas não tiveram a mesma sensação de repulsa. Por exemplo, as entrevistadas Lourdes e Ana admiram o biótipo e o desejam:

Lourdes: *“Dependendo de tão magra é...tipo caveira eu não acho legal, mas se for a magra modelo eu gosto, tipo, eu acho que a Marquezine tá [está] bonita, apesar do que tão [estão] falando. Ela tem um corpo de modelo e modelo é assim, gente!”*

(Lourdes, ver Apêndice N, p.141)

Ana: *“Ai safada! Queria ter essa barriga completamente chapada”*

(Ana, ver Apêndice H, p.109)

A entrevistada Ana a valoriza e quer tal corpo para si, porque ela entende este estereótipo como admirável. “A obsessão com a magreza, a multiplicação dos regimes e das atividades de modelagem do corpo (...) testemunham o poder normalizador dos modelos, um desejo maior de conformidade estética que se choca com o ideal individualista e sua

exigência de singularização dos sujeitos” (Goldenberg, 2011, p.5). Wolf (1992) defende que as mulheres nunca estão completamente satisfeitas com seus corpos:

Belém: *“Amo meu corpo, mas se pudesse teria menos barriga, porque a barriga é uma parte do meu corpo que ainda me incomoda”*

(Belém, ver Apêndice Z, p.201)

Jéssica: *“Em geral sou feliz com o meu corpo, mas confesso que tenho altos e baixos, acho que depende muito do meu humor no dia e se a minha barriga tá [está] inchada ou não”*

(Jéssica, ver Apêndice E, p.92)

Apesar das entrevistadas gostarem dos seus corpos, não estão plenamente satisfeitas, o que é um sentimento comum na sociedade do culto ao corpo (Pope et al., 2000). Goldenberg & Ramos (2011) pontuam, especificamente, que o abdômen saliente com gomos trincados faz parte do conjunto do corpo padrão da cidade do Rio. E será por isso que as entrevistadas demonstram preocupação com suas barrigas.

Já as entrevistadas Eloá e Sara dizem estar felizes com seus corpos, pois levam em consideração a idade:

Eloá: *“Pra [para] idade que eu tenho, o que? Eu tenho um corpão! Eu me cuido muito, sei a hora de parar de comer, de fechar a boca, por isso, tô [estou] muito melhor do que muita mulher mais nova do que eu, que eu olho e fico espantada”*

(Eloá, ver Apêndice AB, p.208)

Sara: *“Ahh sou feliz sim, quer dizer, sempre dá para melhor algo, mas tento levar em consideração a minha idade e tudo que já passei”*

(Sara, ver Apêndice S, p.169)

Eloá e Sara disseram estar felizes com seus corpos, mas ressaltaram o fator da idade como aspecto importante a ser levado em consideração. Wolf (1992) percebe que a juventude é contemplada nos padrões de beleza vigente, já o envelhecimento é desapropriado, não é agradável de se ver, o que gera dificuldades para a mulher aceitá-lo de forma natural.

Este subcapítulo também apresentou a legitimação masculina como fator relevante na influência que determina os modelos de beleza feminina. Para as mulheres incorporarem os arquétipos da feminilidade tradicional na sociedade brasileira, as cirurgias plásticas que

prometem atenuar as ‘imperfeições’¹⁹ e os efeitos naturais da idade ganharam grande adesão no país (Edmonds, 2011). Esses aspectos serão abordados no subcapítulo a seguir.

3.3. Fábrica dos milagres: biomédica do corpo

Com dificuldade de aceitar seus próprios corpos, Goldenberg & Ramos (2011) afirmam que o aumento das operações plásticas no século XXI, no Brasil, foi um fenômeno que ganhou aderência por parte sobretudo do público feminino. As mídias brasileiras divulgaram de forma naturalizada as cirurgias e os procedimentos estéticos (Goldenberg, 2011) que prometem a felicidade²⁰ (Lipovetsky, 2007). Dessa forma, os procedimentos de lipoaspiração (Fischler, 1995), o uso do botox, das próteses mamárias (Edmonds, 2011) que servem para esculpir as curvas do corpo, foram rapidamente incorporadas na cultura do culto ao corpo no Rio. Veja os exemplos das entrevistadas:

Ruth: *“Já coloquei o silicone no peito, fiz lipo duas vezes, abdominoplastia, botox e todos os procedimentos estéticos que eu pude pagar, eu fiz. Mas sobre a lipo, foi o seguinte, eu precisava fazer. Não tava [estava] feliz comigo. Eu tava [estava] muito gorda e ficava muito pra baixo quando me via no espelho, me sentia uma tribufo [feia]”*

(Ruth, ver Apêndice V, p.185)

Melissa: *“Lipo eu nunca mais faço na vida! A dor depois da cirurgia é horrível, sem contar que você tem que ficar um mês sentada numa cadeira sem poder se mexer, alguém tem que te ajudar a ir no banheiro e tomar banho. Mas pra [para] mim, o pior foi aguentar a dor, porque mexe muito com o seu corpo. Mas ao mesmo tempo não me arrependo de ter feito, mas se soubesse como seria não faria (gargalhou). Eu fiz porque o meu corpo ficou com aquela gordurinha depois da gravidez. E eu também sempre tive uma boia na cintura, então, acabou que eu passei pelo procedimento por causa da minha autoestima”*

(Melissa, ver Apêndice AC, p.212)

As duas entrevistadas explicaram que fizeram o procedimento de lipoaspiração por conta da baixa autoestima. No entanto, Lipovetsky (2007) relaciona a atual sociedade do hiperconsumo com a procura da felicidade, elemento desejado pelas entrevistadas. Desse

¹⁹ Partes do corpo que não estão de acordo com os padrões de beleza vigente.

²⁰ Lipovetsky (2007) defende que o consumo cria uma visão materialistas da felicidade, mas apenas proporciona prazeres momentâneos.

modo, é perceptível que para elas as cirurgias plásticas funcionam para elas como caminho para a satisfação e o bem-estar, o que o autor explica que é paradoxal, já que o consumo gera sensações momentâneas de prazer em vez da verdadeira felicidade. Segundo Wolf (1992), a sociedade feminina tem dificuldade de aceitar os efeitos naturais do tempo, o que se soma com a idealização da aparência padrão que é da mulher jovem. Veja o depoimento das entrevistadas:

Eloá: *“Fiz um tratamento de carbox na barriga pra [para] nunca mais. Dói demais! Até vi resultado, realmente, acho que dei uma emagrecida, mas dói demais, eu pedi pra [para] parar no meio do procedimento”*

(Eloá, ver Apêndice AB, p.207)

Raquel: *“Eu tomava injeção de colágeno na cara, mas diferente do botox, essa doía muito! Eu fiquei devendo duas sessões, paguei, mas não fui mais, porque doía muito. Essa injeção servia pra [para] revigorar o colágeno que quando a gente vai ficando velha vai perdendo, né?!”*

(Raquel, ver Apêndice O, p.147)

As duas entrevistadas vivenciaram a tentativa de incorporar características como o emagrecimento e o rejuvenescimento por meio do capital econômico, através das “tecnologias disponíveis em uma determinada cultura somática para sua (re)produção” (Pessoa, 2020, p. 272). Os aspectos que caracterizam a aparência desejada da feminilidade tradicional geram obsessões pela procura de outros procedimentos estéticos (Baudrillard, 2008), que fomentam a indústria de cirurgia plástica movimentando uma fortuna sustentada pela eterna procura das técnicas disponíveis no mercado (Wolf, 1992). Com isso, as comparações entre os corpos são feitas automaticamente (Edmonds, 2011), o que gera uma competição feminina (Wolf, 1992) que culturalmente desenvolveu elementos que julgam, penalizam e menosprezam a imagem da outra mulher (Federici, 2017). Esses aspectos serão apresentados no próximo subcapítulo.

3.4. Rivalidade feminina: das obsessões à competição

Entre os diversos elementos destinados à incorporação da feminilidade, a rivalidade feminina é sustentada como aspecto real e natural ao universo feminino (Beauvoir, 1970). No entanto, Federici (2017) sustenta que a mulher foi estimulada durante anos a acreditar na

inimizade da outra. Para entender esse conceito na prática, as entrevistadas foram questionadas se elas já tiveram na vida uma menina ou mulher que a considerassem suas rivais:

Mônica: *“Eu meio que desconfiava de qualquer menina. Eu não gostava dela, porque ela me olhava enviesada, ou me olhava de mais. Eu também tinha uma coisa que era que as minhas amigas não podiam gostar dessas meninas que eram as minhas inimigas. Se gostassem delas, elas tinham passado para o outro time”*

(Mônica, Apêndice AB, p.220)

Mônica descreve o que é previsto pela teoria de Wolf (1992) de que uma outra mulher está sob suspeita em qualquer situação. A autora ainda acredita que antes mesmo de se formarem laços de amizade entre mulheres, persiste a ideia da outra ser uma possível adversária ou inimiga. Já Isabel descreve que ela e sua rival viviam um relacionamento de amizade tóxica:

Isabel: *“Ahh eu tinha sim! Ela me chantageava o tempo todo, do tipo, se você não me emprestar essa boneca, eu não sou mais ser a sua amiga. Sem contar das vezes que ela me rebaixava, falava que eu não era tão bonita ou que ninguém ia querer ser mais a minha amiga porque eu era chata. Mas na verdade, acho que se tratava muito mais de uma inveja que ela tinha por mim e eu tinha por ela. Ai, cara, era uma amizade super tóxica, a gente tentava competir nas mínimas coisas, uma ficava se achando pra [para] outra!”*

(Isabel, ver Apêndice AE, p.225)

A entrevistada descreve elementos, como menosprezo e chantagem. Ambos aspectos movidos pela inveja de ter o que a outra não tem, e de ser o que a outra não era, o que cominava numa espécie de competição (Souza, 2016). Segundo Wolf (1992), existe a crença do sentimento da inveja ser disseminado de forma natural entre os relacionamentos femininos:

Penélope: *“Não via como uma rival, mas tinha uma amiga que eu sentia uma certa inveja, porque ela ganhava tanta coisa e eu só tinha uma boneca, então eu sentia uma certa rivalidade até ficar mais velha, sabe? Eu tinha uma ideia de concorrência, como se ela fosse querer as mesmas coisas do que eu ou os meus namorados do que eu”*

(Penélope, ver Apêndice X, p. 198)

Penélope descreve que a rivalidade com a amiga começou porque ela tinha brinquedos que a entrevistada não tinha e mais tarde se desenvolveu numa competição por rapazes. No Brasil, existe a naturalização do sentimento da inveja e da rivalidade feminina através das novelas (Cunha, 2005), que mostram a antagonista que tenta ‘roubar’ o homem da protagonista. Veja o caso de Melissa que descreveu sua rival como ‘ladra de namorados’:

Melissa: *“Simmm [diz de forma enfática], eu tinha uma rival, mas era sem maldade, porque eu gostava dela. Acontecia a rivalidade por causa de menino, porque toda vez que eu gostava de alguém e dizia para ela, ela roubava meu boy’. Isso a gente tinha uns 13 anos, tá? E ela era a minha melhor amiga na época. Teve uma vez que foi assim, ela já estava namorando há um tempo um rapaz que eu gostava na adolescência, mas ela ficou com um cara, mesmo namorando, que eu tinha dito que estava gostando. Tipo, como assim?! (riu) E era difícil competir com ela, ela era uma morenaça com cabelão até a cintura e de olho azul. Mas eu nunca deixei de falar com ela por isso, mas eu sentia que eu não podia falar para ela de quem eu estava gostando na época”*

(Melissa, ver Apêndice AC, p.214)

Melissa apresenta sua rival como amiga, mas afirma que não podia confiar completamente nela, pois por ser bonita demais, acabava por ‘roubar’ seus pretendentes. Ao mesmo tempo que a beleza agrada, também incomoda a outra mulher (Wolf, 1992). A entrevistada se mostra compreensiva com o rapaz que preferia ter um relacionamento com a amiga – que preenche todos os requisitos dos padrões de beleza vigente – do que se relacionar com ela própria. Isto sustenta a ideia de Wolf (1992) de que o mito da beleza é assegurado pelo imaginário social que legitima que os homens devem ter mulheres que incorporem a beleza. Outro ponto explorado foi a competição feminina pela atenção de um homem (Souza, 2016). Assim, as entrevistadas foram questionadas se já estiveram em uma situação de competição com uma outra mulher para se relacionarem com um homem:

Alice: *“Sim, já aconteceu sim. Inclusive se eu tenho namorado hoje é por causa disso, porque eu competi com outra mulher lá, sabe? Mas venci”*

(Alice, ver Apêndice P, p.154)

Cissa: *“Sim, mas eu nunca gostei da competição, mas na minha geração tinha muitas mulheres que usavam da sexualidade para seduzir o cara para ganhar o jogo, sabe?”*

(Cissa, ver Apêndice M, p.137)

Mônica: “Nossaaaa, muitas vezes! Hoje eu evito muito esse embate por causa de homem. Mas eu acho que quando a gente sai pra [para] pegar (dar beijos) homem, a gente sai como se fosse pra guerra, né, e as outras mulheres são o exército oposto”

(Mônica, ver Apêndice AD, p.219)

As três entrevistadas descrevem ser frequente a experiência de competir com uma outra mulher para se relacionarem com um homem. A entrevistada Mônica relaciona a competição feminina com uma guerra, na qual a vencedora conquista o homem, que é visto como prêmio. Para Adichie (2017), a criação das meninas é voltada para enxergar outras mulheres como rivais “(...) não em questões de emprego ou realizações, o que, na minha opinião, poderia até ser bom –, mas como rivais da atenção masculina” (p. 34). Por isso, Wolf (1992) destaca o menosprezo de uma outra mulher como uma estratégia naturalizada na cultura heteronormativa ocidental:

Jesebel: “Ah eu já falei trocentas [várias] vezes ‘Só é bonita porque é loira’, ‘Tira esse peito dela para vê, se é bonita?’ ou eu digo que a mulher não é nada de mais, mas, na verdade, eu achei ela bem bonita, mas não quero falar, sabe?”

(Jesebel, ver Apêndice I, p.116)

Neide: “Oxe... já diminuí muita mulher que eu achei bonita sim. Falava ‘ahh deve ser piranha, né?’, ‘Pra [para] tá ai, é porque deu!’, ihh várias vezes, às vezes, nem percebia [riu timidamente]”

(Neide, ver Apêndice AF, p.229)

Bianca: “Ihh já falei muito e acho que ainda falo pra [para] ser sincera. Do tipo, ‘ela é montada, é fato!’ ou ‘ela é bonita, mas tem dinheiro pra caralho [caramba]’. Pensando agora, eu me lembro que eu fazia muito isso com uma prima minha que era muito bonita, mas eu sempre chamava ela de puta! Olha isso!”

(Bianca, ver Apêndice C, p.82)

O menosprezo à outra mulher serve como tentativa de sentir-se melhor (Wolf, 1992). Além disso, a diminuição da mulher é um processo realizado há anos pela sociedade heteronormativa que tenta garantir os privilégios ao homem (Beauvoir, 1970). Culturalmente a mulher é ensinada a ver a outra como rival (Adichie, 2017), principalmente, se ela incorpora padrões de beleza vigente (Goldenberg & Ramos, 2011), que geram inveja e competição. As

entrevistadas também foram questionadas sobre como se sentem quando estão na presença de seus companheiros e de uma mulher com roupas curtas ou provocantes²¹:

Lourdes: *“Tipo uma mulher de roupas curtas não me diz nada, mas se eu estiver na presença do meu namorado, eu sei que vou me senti ameaçada”*

(Lourdes, ver Apêndice N, p.141)

Raquel: *“Aí rola aquele ciúmes, porque a pessoa automaticamente olha e eu não gosto. Penso logo, aquela piranha quer estragar meu dia”*

(Raquel, ver Apêndice O, p.146)

Eloá: *“Se ela tá [está] se sentindo bem com o que ela tá [está] se vestindo problema nenhum, não se vulgarizando não tem problema nenhum (...) eu não tenho ciúmes não, mas acho que respeito é tudo. Eu devo respeito a ele do mesmo jeito que ele me deve, agora, se ele me faltar com respeito...olhando pra ela e tal, aí fica complicado, né!”*

(Eloá, ver Apêndice AB, p.206)

As duas primeiras entrevistadas observam a mulher como uma ameaça, pois está em risco a atenção de seus companheiros, gerando uma competição pelo olhar masculino (Adichie, 2017). A rivalidade feminina sustenta a crença que as mulheres não são confiáveis umas para as outras (Federici, 2017), por isso, as entrevistadas também foram questionadas se já desconfiaram de alguma amiga ter intenções com os seus parceiros:

Beta: *“Ah cara, já desconfiei, mas nunca descobri nada, sabe? Acho que eu desconfiava porque ela era muito gata [bonita]”*

(Beta, ver Apêndice AG, p.235)

Raquel: *“Sim, e foi traição mesmo. Ela já dava em cima dele e tudo, mas eu achava que esse meu namorado na época não seria capaz de ficar com ela, mas dito e feito, eles ficaram enquanto a gente ainda namorava”*

(Raquel, ver Apêndice O, p.149)

Penélope: *“Sim, uma colega que morava em frente (de casa), muito oferecida. Eu sentia raiva, era demais. Mas o meu namorado na época também não prestava muito, mas ela era oferecida demais, demais! Ela aparecia na porta de baby*

²¹ Segundo Malysse (2011), as roupas curtas, decotadas e justas fazem parte da cultura do vestuário da cidade do Rio, devido as altas temperaturas. A nudez parcial é naturalizada ao mesmo tempo que é penalizada.

doll.... Em qualquer churrasco que nós fazíamos ela ficava se oferecendo, eu me sentia constrangida”

(Penélope, ver Apêndice X, p.197)

Segundo Federici (2017), foi disseminado no imaginário cultural que a mulher é um ser inconfiável, o que influencia as relações femininas. A mulher é criticada constantemente por se vestir com determinada roupa (Wolf, 1992), o que tira a responsabilidade do companheiro por alguma atitude (Hooks, 2017). Portanto, a rivalidade feminina é um mito criado pela dominação masculina (Tiburi, 2016) que funciona como controle social da mulher (Wolf, 1992) e foi estimulado como uma das práticas naturais da feminilidade tradicional. Esta competição distancia as mulheres de forma proposital, o que enfraquece o grupo (Hooks, 2017) e assegura ao homem o papel de dominador perante as mulheres (Connell & Messerschmidt, 2005).

Assim, o elemento da rivalidade feminina é mais um dos indicadores desta pesquisa, junto do padrão de beleza e do complexo de corpo, que são desencadeados pelos aspectos da incorporação da feminilidade tradicional sustentada pelos modelos heteronormativos dominantes da sociedade brasileira. Os três elementos contribuem na manutenção da hegemonia masculina, pois disseminam padrões de práticas que legitimam ações masculinas de superioridade (Connell & Messerschmidt, 2005) e reafirmam os padrões de gênero (Butler, 2003) e as instituições masculinas (Wolf, 1992).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feminilidade tradicional foi determinada à mulher de forma compulsória ao longo da história da humanidade. A cultura Ocidental criou estereótipos de gênero que estabeleceu o arquétipo feminino requisitado na sociedade heteronormativa dominante. Embora exista certa universalidade em alguns aspectos da construção da feminilidade no Ocidente, é necessário levar em conta os diferentes processos sócio-históricos na formação das mulheres no Brasil, pois as brasileiras carregam em seus corpos e mentes, sinais do processo de colonização sofrida no país. A investigação realizada cumpriu o objetivo de analisar os contextos e as dinâmicas de (re)produção dos modelos, valores e crenças da feminilidade do Rio de Janeiro, Brasil. Além disso, foi investigado como esses modelos são assimilados pelas brasileiras e como eles se podem ser compreendidos como veículo de reprodução da heteronormatividade dominante brasileira.

Para isso, foram realizadas entrevistas com mulheres que vivem no contexto do Rio de Janeiro. Para identificar as diferentes formas de modelos, valores e crenças incorporados através das suas vivências, cada mulher foi questionada sobre sua infância. Portanto, atos repressivos foram identificados através da proibição da menina participar de brincadeiras relacionadas com o perfil dos modelos da masculinidade tradicional. Além disso, a falta de identificação nas brincadeiras associadas ao ‘cuidado’ e à ausência do interesse em se arrumar com referências do universo feminino heteronormativo foram mencionados como atos punitivos. Outro fator analisado foi a forma repressiva que as crianças incorporaram os padrões relacionados às vestimentas e aos comportamentos femininos de acordo com a feminilidade vigente. Portanto, percebeu-se, nesta investigação, que a incorporação de valores, modelos e crenças da feminilidade são incentivados através de atitudes repressoras com as meninas durante a infância.

Buscou-se perceber também se a vaidade é uma característica necessária para incorporar os modelos da feminilidade desejados na sociedade heteronormativa dominante brasileira. Logo, foi possível analisar que a vaidade é imposta para as mulheres da sociedade carioca através das influências do meio, de familiares e das mídias. A característica também foi citada como forma de pressão social através de elogios, críticas, sugestões e imposições para que a mulher incorpore o atributo como parte representativa da feminilidade tradicional. A vaidade também foi relacionada com recursos como: maquiagens, produtos de beleza,

procedimentos estéticos, roupas da moda e tratamentos capilares. Sendo assim, percebeu-se que incorporar a feminilidade tradicional brasileira requer também absorver esses elementos.

Ainda foi explorada a socialização das brasileiras com os ideais de padrões de beleza. Assim, foi notada a forte influência das mídias nos modelos de beleza. Os meios de comunicação social no Brasil exploraram as imagens das brasileiras com objetivo de atrair estrangeiros para a cidade maravilhosa, o Rio de Janeiro. Corpos que representavam bumbuns, quadris e coxas protuberantes com seios firmes e barrigas chapadas. Portanto, foi percebido que o imaginário da beleza feminina no Rio tem forte ligação com as ‘curvas salientes’ do corpo. Essa característica tem associação direta com a miscigenação vivida no país, pois as brasileiras carregam o estigma do corpo colonial, que validou a mulher brasileira como sensual devido aos seus atributos corporais. Logo, foi notado que, em razão da legitimação masculina sobre o corpo da brasileira, a mulher passou a perceber os arquétipos femininos que deveriam a ser seguidos perante a cultura carioca.

Buscou-se também analisar as consequências de incorporar os padrões de beleza vigentes para as brasileiras da cidade do Rio. As imposições familiares e midiáticas associadas às altas temperaturas na cidade, presentes durante o ano todo, contribuem para as mulheres se preocuparem constantemente em ‘estar em forma’, ou seja, exibirem corpos musculosos, atléticos e malhados. Além disso, o imaginário da típica imagem da mulher brasileira colabora na exigência do corpo protuberante. No entanto, essa condição gera obsessões para incorporar os padrões vigentes, o que produz complexos de corpo. Percebeu-se, nesta investigação, que a dificuldade relacionada com a aceitação do próprio corpo por não se adequar aos padrões cariocas em vigor e os efeitos da idade, ocasionam a incessante procura por tratamentos de beleza, procedimentos estéticos e cirurgias plásticas. Outra consequência notada foi a competição gerada pela compulsão de absorver o arquétipo feminino carioca devido às constantes comparações que excitam a rivalidade feminina. Assim, notou-se que a alta exposição dos corpos trabalhados provoca características como: inveja e admiração. Os sentimentos foram retratados em situações relacionadas com o culto ao corpo de uma outra mulher que incorporou o arquétipo desejado na sociedade carioca.

Além da disputa entre mulheres ser realizada através dos corpos, a rivalidade foi percebida na ideia da cobiça e da desconfiança com outra mulher. A emoção da cobiça, ou inveja, foi apresentada em situações que consistiam bem materiais e pelo desejo de ser a outra mulher, de querer tomar o lugar da outra. Já a desconfiança foi um aspecto relacionado a outra mulher antes de conhecê-la e também foi associada ao reflexo do comportamento de uma ‘amiga’ com seu próprio companheiro, pois havia suspeita de segundas intenções.

Percebeu-se também a preocupação da aprovação masculina, o que contribui para a mudança do comportamento das brasileiras quando estavam na presença de outra mulher. Por isso, notou-se que a atenção masculina é um fator relevante na decorrência da rivalidade feminina.

Identificou-se também nesta investigação que os valores, modelos e crenças da feminilidade tradicional da sociedade heteronormativa do Rio de Janeiro reproduzem aspectos que sustentam a heteronormatividade hegemônica, visto que os padrões de beleza em vigor, a validação dos corpos das brasileiras e a rivalidade entre mulheres são fatores estabelecidos pelos homens. Por conseguinte, esse sistema de condutas conserva os modelos das práticas que proporcionam a dominação masculina sobre as mulheres e mantém o homem no topo da hierarquia da ordem social.

Com objetivo de aprofundar o tema dessa dissertação, foi empregue a metodologia qualitativa. Para isso, houve uma seleção de entrevistadas, que seguiu os critérios de: idade, as mulheres tinham de 18 a 65 anos; residentes do Rio de Janeiro e diversidade sociocultural e socioeconômica. No entanto, os dois últimos aspectos não foram elementos diferenciadores dos modelos de feminilidade, apenas foram utilizados para apresentar uma maior diversidade entre as selecionadas.

Para encontrar as entrevistadas, realizou-se uma publicação em uma rede social que convidava mulheres da cidade do Rio para serem entrevistadas sobre a temática da feminilidade. Assim, uma primeira amostragem por conveniência foi realizada: mulheres que se mostraram interessadas e disponíveis em participar. O segundo método utilizado foi a amostragem por bola de neve: as próprias entrevistadas indicaram outras mulheres que tinham o interesse de colaborar com o estudo. O terceiro método usado foi a estratégia por saturação, já que os depoimentos passaram por não apresentar novas informações para o trabalho. Assim, o total de 30 mulheres foram entrevistadas.

A pesquisa foi realizada conforme a análise de conteúdo das narrativas. Além disso, indicadores foram criados com propósito de apontar conceitos e sustentar concepções científicas (Connell & Messerschmidt, 2013). Assim, três indicadores que retratam as consequências de incorporar a feminilidade tradicional no Rio de Janeiro foram destacados: padrão de beleza, complexo de corpo e rivalidade feminina.

Para realização desta investigação, foi necessário analisar as construções dos arquétipos femininos na Europa Ocidental (Beauvoir, 1970) e os principais acontecimentos que marcaram o papel da mulher na história (Federici, 2017). Assim, foi possível perceber que estudar a mulher na perspectiva europeia foi relevante para entender a formação da mulher brasileira (Ribeiro, 1995). Apesar de existir aspectos universais da feminilidade,

devido os papéis determinadores de gênero (Butler, 2003), as brasileiras se formaram pelo processo colonial entre Portugal e Brasil, que explorou seus corpos e, aos poucos, criou o imaginário da mulher brasileira (Gomes, 2013). As mídias usaram de seus corpos e os tornaram o corpo da moda mundial (Goldenberg, 2011). Logo, exigiu-se a reprodução do corpo musculoso, cujas partes sexuais femininas são protuberantes e devem ser exibidas (Edmonds, 2011). No entanto, encarnar padrões de beleza vigente no Rio de Janeiro pode gerar obsessões que culminam nos diversos complexos de corpos (Malysse, 2011). Essas fixações para encarnar os modelos de beleza da sociedade carioca também geram um grau de rivalidade entre as mulheres, que funciona como espécie de controle social na manutenção das instituições masculinas no poder (Wolf, 1992).

É importante salientar que este estudo se aprofundou na análise das mulheres selecionadas, porém, em razão à natureza desta dissertação, é necessário reconhecer que os modelos da feminilidade vigente no Rio de Janeiro ainda podem ser analisados de forma mais cautelosa ou ainda por meio de outras perspectivas. Além disso, devido ao grande número de entrevistadas, alguns depoimentos ainda podem ser detalhados com objetivo de abordar outros aspectos da feminilidade. Destaca-se também os limites do tema relacionado com a rivalidade feminina, no qual ainda não há muitos estudos sobre o assunto, o que foi uma das partes mais desafiadoras para este trabalho. Porém, o tema desta investigação pretendeu servir como base para um futuro doutoramento, no qual será possível o aprofundamento do tema e explorar outros aspectos da feminilidade tradicional. Dessa forma, a temática relacionada à rivalidade feminina seja investigada com mais elaboração e aperfeiçoamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Bíblia sagrada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

Abreu, C. (2009). *Capítulos da história colonial*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/kp484/pdf/abreu-9788579820717.pdf>

Abreu, Z. (2002). *Luta das mulheres pelo direito de voto movimentos sufragistas*

Adichie, C. (2015). *Sejamos todos feministas*. [Trad.] Cristina Baum. São Paulo: Companhia das Letras.

Adichie, C. (2017). *Para Educar Crianças Feministas: um manifesto*. [Trad.] Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras.

Akotirene, C. (2018). *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Editora Letramento.

Almeida, J. (2010). *As multifaces do patriarcado: uma análise das relações de gênero nas famílias homoafetivas*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco). Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9412/1/arquivo332_1.pdf

Ariès, P. & Duby, G. (2009). *História da vida privada, 1: do Império Romano ao ano mil* / organização Paul Veyne. [Trad] Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras.

Ariès, P. & Duby, G. (2009). *História da vida privada, 2: da Europa feudal a Renascença* / organização Georges Duby. [Trad] Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.

Ariès, P. & Duby, G. (2009). *História da vida privada, 4: da Europa feudal a Renascença* / organização Georges Duby. [Trad] Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.

Baudrillard, J. (2008). *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70

Beauvoir, S. (1970). *O Segundo Sexo, v 1*. [Trad.] Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro

Beauvoir, S. (1970). ***O Segundo Sexo, v 2.*** [Trad.] Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro

Black, P. (2004). *The Beauty Industry: Gender, Cultere, Pleasure.* London and New York: Routledge

Bourdieu, P. (1999). ***Os três estados do capital cultural.*** [Trad] Magali de Castro. Rio de Janeiro: Vozes.

Bourdieu, P. (2002). ***A dominação masculina.*** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Butler, J. (2003). ***Problemas de Gênero Feminismo e Subversão da Identidade.*** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Disponível em: <https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2017/04/butler-problemasdegenero-ocr.pdf>

Castro, O. ***(Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?***. [Trad. Barbosa, B]. **TradTerm**, São Paulo, v. 29, Julho/2017, pp. 216-250. Disponível em: https://publications.aston.ac.uk/id/eprint/31469/1/_Re_examinando_horizontes.pdf

Cerejo, S. (2014). ***Viver Sobrevivendo: Emoções e dinâmicas socioculturais nos processos de manutenção das relações conjugais violentas.*** (Tese de doutoramento). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Connell, R. & Messerschmidt, J. (2013). ***Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.*** Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro-abril

Correia, R. (2010). ***O Arquétipo da Princesa na construção social da feminilidade.*** (Tese de dissertação). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Crenshaw, K. (2002). ***A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero.*** Revista Estudos feministas, n 1, p. 7-16. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>

Darwin, C. (2009). ***A origem das espécies por meio de seleção natural.*** [TRAD]. Pedro Paulo Pimenta. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4966227/mod_resource/content/1/origem_ubu_im_prensa_ok.pdf

Duarte, R. (2004). *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. Revista Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf/>

Edmonds, A. (2011). *No universo da beleza: Notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro*. [TRAD] Beatriz de Medina. IN: Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record

Engels, F. (2002). *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. [Trad.] Ruth M.Klaus. São Paulo: Centauro

Engels, F. (2019). *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. In iBooks.

Fanon, F. (1983). *Peles negras, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Factor.

Farias, P. (2011). *Corpo e classificação de cor numa praia carioca*. IN: Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record

Federici, S. (2017). *Calibã e a Bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. [Trad.] Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante. Disponível em: http://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2016/08/CALIBA_E_A_BRUXA_WEB.pdf

Fischler, C. (1995). *Obeso benigno, obeso maligno*. In: Sant'Anna, D. B. Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade.

Freitag, R. (2018). *Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência?* Revista de Estudos da Linguagem, v. 26, n. 2, p. 667-686.

Freyre, G. (2003). *Casa-grande & senzala Formação da família brasileira*. Galeria Record

Glaser B. & Strauss, A. (2006) *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter.

Goldenberg, M. (2004). *A arte de pesquisar. Como fazer pesquisas qualitativas em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record

_____, M. (2005). *Gênero e corpo na cultura brasileira*. Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol. 17, n. 2, p.65 – 80. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pc/v17n2/v17n2a06.pdf>

_____, M. (2011). *Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record

Goldenberg, M. & Ramos, M. (2011). *Civilização das formas: O corpo como valor*. IN: Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record

Gomes, M. (2013). *O imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação*. (Tese de doutorado) Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/6077/1/GOMES_Mariana_-_TESE_DOUTORAMENTO_DEFINITIVA.pdf

Hooks, B. (2017). *Feminismo é para todos*. [Trad.] Carol Correia. Disponível em: <https://medium.com/@solemgemeos/feminismo-é-para-todos-dfb8b043542e>

Jusbrasil. (2020). Ordem Social. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/297045/ordem-social>

Kinnear, T. & Taylor, J. (1979). *Marketing research: an applied approach*. Estados Unidos: Mc Graw Hill

Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Lipovetsky, G. (2000). *A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras.

Lisboa, M. (2017). *Metodologias de investigação sociológica. Problemas e Soluções a partir de Estudos Empíricos*. Vila Nova de Famalicão: Húmus.

Louro, G. (2000). *O Corpo Educado. Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica

Malysse, S. (2011). *Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca*. [TRAD.] Fernanda de Abreu. IN: Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record

Martins, H. (2004). *Metodologia qualitativa de pesquisa*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>

Monteiro, K. & Grubba, L. (2017). *A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas*. Direito e Desenvolvimento, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 261-278. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/563/441>

na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Arquipélago – História, 2ª série, v 6, pp.: 443-469. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/61433997.pdf>

Pessoa. E. (2020). *Encarnando a europeia: Biografias corporais, (i)mobilidades e subjetividades de trabalhadoras do sexo trans e travestis em Lisboa*. (Tese de doutoramento). Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Pope, H., Phillips, k. A. & Olivardia, R. (2000). *O complexo de Adônis: A obsessão masculina pelo corpo*. Rio de Janeiro: Campus.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1995). *Manual de Investigação em Ciências sociais*. Portugal: Gravida

Ribeiro, D. (1995). *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. Curitiba: Companhia das Letras. Digitalizado em: <http://www.centroafrobogota.com/attachments/article/4/e1%20pueblo%20brasileiro%20y%20la%20formación%20del%20sentido%20de%20lo%20brasileiro,%20darcy%20ribeiro.pdf>

Ribeiro, D. (2017). Canal Youtube TV Boitempo. *Relações interraciais e a solidão da mulher negra*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ZNx1LV6c4A&t=216s>

Rodrigues, V; Costa, F. (2010), *A Importância da Mulher*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>

Sancovsky, R. (2012). *Misoginia, sexualidade e regramento: a pluralidade discursiva e os limites do poder rabínico na Idade Média*. In Marta, Lise & William. Andrade, Sedrez & Martins (Editores), *Corpo: Sujeito e objeto* (pp. 197-228). Rio de Janeiro: Ponteio

Santos, C. (2014). *Sexo e as Negas: Hipersexualização da Mulher Negra na Televisão Brasileira*. Disponível em:

https://www.academia.edu/17097631/Sexo_e_as_Negas_Hipersexualizacao_da_Mulher_negra_na_televisao_brasileira

sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global

Souza, Babi. (2016). *Vamos juntas? O guia da sororidade para todas*. Rio de Janeiro:

Stolke, V. (2006). *O enigma das intersecções: classe, “sexualidade”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX*, Revista Estudos Feministas 14(1), pp.15-42.

Tiburi, M. (2014). *Marcia Tiburi no Entre o Céu e a Terra*. In Canal Youtube TVBrasil. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=xgnj6wv3tfE>

Tiburi, M. (2016). *Prefácio*. IN: *Vamos juntas? O guia da sororidade para todas*. Rio de Janeiro: Galeria Record

Vinuto, J. (2014). *A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto*. Temáticas, Campinas, 22, (44), pp. 203-220. Disponível em: <https://bit.ly/2BtklJO>

Wolf, N. (2018). *O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. [Trad. Waldéa Barcellos]. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos

APÊNDICES

Apêndice A

Entrevistada Martha

Entrevistada Martha, de 25 anos, de cor parda, com Ensino Médio completo, moradora do subúrbio do Rio de Janeiro, heterossexual, casada, mãe de dois filhos e de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Martha: Não...Assim, eu era menina macho. Aí, então, me colocaram no ballet, para ficar mais feminina. Mas nunca consegui ter uma identificação, eu gostava mesmo de jogar bola, sabe? Mas eu entendo que foi para eu ficar mais feminina

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Martha: Não muito, quando eu era pequena eu ouvia muito as pessoas dizendo, “Greice, arruma essa menina direito, porque ela tem cara de homem!” Acabou que a minha mãe não tinha muito tempo para ela, então, ela não me incentivou muito. E hoje eu vejo que eu repito as mesmas coisas que ela fazia quando eu era pequena. Assim como ela, eu quase nunca vou no salão, sei que é importante, mas eu me coloco em último caso, igual o que a minha mãe fazia.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Martha: Com os dois, porque eu brincava na rua de futebol. Mas também gostava de brincar de boneca com meninas. E na escola eu tinha um grupinho formado por três meninas e dois meninos, então, acho que eu sempre fui muito misturada.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Martha: Não sei se era inveja, mas telefone eu só fui ter o meu primeiro com 14 anos, eu nunca fui ter muita coisa cara. Como a minha mãe não me dava, eu pegava sempre um que

o celular velho do meu pai, porque ele tinha trocado por um novo. Eu me comparava com as minhas amigas, mas não sofria por isso. Acabava que eu tentava usar as coisas que elas tinham.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Martha: Sim, tem uma vizinha, que era a minha melhor amiga quando eu era criança, minha mãe sempre fala o quanto ela é ativa nos dias que ela não trabalha, querendo me comparar com ela, porque eu não sou assim. Nos meus dias de folga eu só durmo e acordo por causa das crianças. Ela também me compara muito com o meu irmão, em termos de horários, trabalho e estudo, porque ele, realmente, é melhor do que eu nessas coisas.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas?
O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Martha: Com certeza era caráter e responsabilidade.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem?
Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Martha: Minha mãe não faz essas comparações. Ela faz mais comparação em relação a minha dependência. Porque na idade dela ela já tinha a independência dela e eu ainda não, eu dependo ainda muito deles.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Martha: Minha vó é muito visual. Ela me compara com ela bastante, sempre em relação ao peito, que o peito dela é mais durinho do que o meu e sou super nova em relação a ela. E ela faz o mesmo com a minha mãe. Ah eu não gosto, mas eu acho que já acostumei e tento não ligar.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Martha: Sim, por eu ser frouxa demais. Me sinto exigida em relação a casa e as crianças estarem sempre em primeiro lugar, mas eu entendo, ela faz isso para eu ter mais pulso, sabe?

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Martha: Sim, ela é uma mulher muito forte, cheia de determinação e paciência.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Martha: Não, ela leva muita coisa nas costas.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Martha: Não, até mesmo porque ela tem a vida muito difícil.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Martha: Com amiga não, mas com o meu irmão sim, ele é mais parecido com ela, então, rola uma identificação muito forte entre eles e meio que eu fico de fora.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Martha: Sim, mas nunca foi uma cobrança. Sinto mais essa cobrança mais da minha vó como eu falei, né. Mas a minha mãe fala mais do meu peso por preocupação por conta dos meus filhos. Ela também fala mais em relação a minha saúde e me lembra que eu não estou satisfeita com o meu corpo. Vejo que ela faz isso de uma forma bem cuidadosa até.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Martha: Sim, mas acho que sempre foi na forma de aviso, porque a roupa estava muito curta ou esquisita. Do tipo, dos meus 8 a 9 anos eu gostava muito de short com top. Então, quando eu comecei a crescer que eles [mãe e irmão] começaram a me alertar, porque eu não via mal. Tipo, 'Isso aí tá parecendo a polpa da bunda' e acabava que eu troca de roupa, porque se eu tava me sentindo pouco confortável, depois da opinião deles, eu tiro a dúvida mesmo.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Martha: Sim, eu gosto muito de usar roupa confortável, ou seja, mais larguinha. Ai sempre tem alguém que fala 'que roupa de velha, Martha! Só faltou o gorro para virar feira, hein!'

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Martha: Se tiver de mais eu pergunto ‘Você pode parar de usar lingerie na rua?’ Porque se a roupa é assim, imagine a lingerie. Eu não entendo uma mulher que usa um short mais curto do que a própria calcinha, não entendo.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Martha: Às vezes, eu até comento com ele ‘Essa aí passou da conta’. Se ele ficar olhando eu até brinco ‘Tá querendo apanhar!’

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Martha: Já, tipo o alisamento de cabelo, que, aliás, eu detestava.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Martha: Eu fiz progressiva muito nova, mas antes da progressiva, aos 11 eu já fazia relaxamento. Como a progressiva teve a moda dela, ali por volta dos meus 12 anos, eu cheguei a fazer várias vezes, mas como era muito caro, eu voltei a fazer o relaxamento. Eu já cheguei a ficar com a cabeça cheia de feridas. Foi aí que com 18 anos eu tentei fazer a minha primeira transição capilar, mas não aguentei, desisti, porque eu me sentia muito feia. Então, quando eu fiquei grávida eu consegui, porque eu não poderia fazer nada químico no cabelo mesmo, aí consegui passar pela transição, finalmente.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Martha: Sim, sim, tô inclusive.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Martha: Acho que piadinha sim. O mais recente foi no trabalho, porque me sacanearam que eu estava comendo pizza e estou gordinha. Mas eu levei na boa, porque aquelas pessoas não me afetam muito, mas tem gente que me afetaria bastante.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Martha: Depende, porque eu reparo que algumas são bem donas de si. Dá para vê que elas são felizes. Mas, às vezes, percebo que chega ao extremo, aí eu acho meio absurdo chegar nesse ponto.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Martha: Parece que tá doente, que não tá saudável. Por exemplo, a Bruna Marquezine tá demais, aquilo já tá feio, tá parecendo o osso, parece que tá doente.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Martha: Bom, eu aprendi a gostar da dor da depilação. Mas teve uma moda que foi uma sandália plataforma do grupo Rouge que eu achava horrorosa, mas usava junto com as minhas amigas, porque era modinha, mas nunca saía sozinha com aquela coisa. E, claro, o alisamento de cabelo, que isso eu vi que eu tinha virado refém mesmo.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Martha: Ambiente e conforto.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Martha: Sim, me inspiro muito, mas nada muito especial, porque eu não ligo muito para roupa ou o estilo de famosa, gosto mesmo de coisas de casa, em saber qual é a moda das coisas da casa.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Martha: Sinceramente, não, por isso... porque eu não ligava muito para a famosa em si.

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Martha: Assim, não acho que é uma mulher bonita que me diminui diretamente, eu acho que eu mesma me diminuo na presença dessa mulher.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Martha: Não, não porque eu tenho a autoestima muito baixa.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Martha: Sim, eu falo muito, ‘Para ela é fácil, pagou o silicone, quero ver pobre!’

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Martha: Sim, pensando aqui, para eu ficar com o meu marido foi assim.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Martha: Não

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Martha: Não

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Martha: Não, nunca pensei nisso.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Martha: Não, não.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Martha: Não

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Martha: Não

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Martha: Acho que sim, mas não era muito a minha amiga, era conhecida.

Apêndice B

Entrevistada Cristina

Entrevistada Cristina, de 55 anos, de cor branca, com Ensino Técnico, empresária aposentada, moradora da Zona Norte do Rio de Janeiro, heterossexual, viúva, mãe de uma filha e de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Cristina: Não, nunca liguei para isso.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Cristina: Não, não fui incentivada não. Eu também não tenho paciência pra isso e nem sei fazer. Não vou fazer isso todo dia pra ficar dentro de casa, só quando eu vou pra festa e tá bom.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Cristina: Eu brincava na rua, então, era quem tava na rua. Mas nunca gostei de boneca, sempre achei sem graça.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Cristina: Não...nunca tive não.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Cristina: Sim, sempre. E elas sempre são melhores do que eu em tudo, claro, né!

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Cristina: Inteligência

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem?
Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Cristina: Sim, mas era em relação ao corpo, que eu tinha mais corpo do que ela, mas não era de forma depreciativa não.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Cristina: Corpo não, só mental, que eu sou burra, que não sou capaz, essas coisas.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Cristina: Sempre! Principalmente a estudo.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Cristina: Não!

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Cristina: Não, Deus que me livre!

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Cristina: Também não!

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Cristina: Não..

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Cristina: Sim, sinto sentimento nenhum, é indiferente, o corpo é meu!

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Cristina: Sim, que eu ando toda desleixada, com roupa de menino. Ela [mãe] deixou a minha infância toda eu sem [usar] camisa e DO NADA (ênfaticou) eu tive que usar camisa, eu heim! Imagina isso pra [para] uma criança! Obviamente, eu esquecia de usar camisa, não gostava e ela ainda brigava comigo. Nessa época eu já tinha uns 9 anos. Mas eu não conseguia entender

porque eu tinha que usar, mas meu amiguinho da rua não tinha que usar, e porquê de um dia pro [para o] outro eu tinha que usar camisa?!

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Cristina: Sim, sempre! Sou julgada o tempo todo ainda mais porque eu não ligo pra [para] roupa, eu gosto de estar confortável. Mas eu cago e ando, nem ligo.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Cristina: Depende da ocasião, mas normalmente eu penso ‘Nossa, não tem frio! Ou quer aparecer, ou quer chamar atenção’.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas na presença de um parceiro?

Cristina: Penso em nada, se a gente chama atenção aí que ele pode olhar mesmo. Mas, na verdade, eu não me importo não.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Cristina: Emagrecer, já tomei vários remédios de emagrecer, mas quando você para tudo volta.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Cristina: Sim, todas as plásticas! A plástica no rosto doeu muito, mas o botox também dói, mas vai, né!

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Cristina: Sim, sim, tô inclusive.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Cristina: Não..

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Martha: Depende, porque eu reparo que algumas são bem donas de si. Dá para vê que elas são felizes. Mas, às vezes, percebo que chega ao extremo, aí eu acho meio absurdo chegar nesse ponto.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Cristina: Coitada

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Cristina: Usei as calças de cintura baixa que eram horríveis! Já fiz muita coisa no cabelo, que prometiam tirar o volume...mas não via muito resultado.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Cristina: Conforto.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Cristina: Não, necessariamente. Eu me vestia com a roupa da moda mesmo.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Cristina: Não

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Cristina: Não.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Cristina: Não.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminui-la?

Cristina: Sim, sempre! Acaba que virou natural... ‘Humm, grande coisa essa aí!’

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Cristina: Sim. Tinha uma menina que gostava dele também e até parou de falar comigo porque a gente se beijou no cinema. Eu nem liguei pra[para] ela, fiquei com o cara que eu também tava [estava] gostando.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Cristina: Não

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Cristina: Sim, sei lá, achava estranho o jeito que eles se tratavam. Mas acho que foi impressão mesmo.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Cristina: Não. Pera, não!

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Cristina: Também não.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Cristina: Não, a culpa é dos dois. Mas muita gente culpa só a mulher.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Cristina: Não

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Cristina: Não.

Apêndice C

Entrevistada Bianca

Entrevistada Bianca, de 27 anos, de cor branca, Graduação em Administração, bancária, heterossexual, solteira, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Bianca: Só a partir da minha adolescência, antes eu queria me vestir que nem menino até, não queria por nada no cabelo e tal, achava um saco (chato)! Mas eu era chamada atenção por isso ‘Bianca, para de andar que nem um menino!’; ‘Bianca, tem prender o cabelo’; ‘Bianca, você já tá falando que nem um menino’; e cara, eu ficava muito chateada por essas coisas, porque eu não queria ser um menino, eu só queria ser eu!

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Bianca: Totalmente incentivada pelas minhas amigas que estavam na fase de querer ficar com os meninos. Pela minha irmã e minha mãe que são muito vaidosas. Na adolescência, principalmente, até porque as amizades também mudaram, porque ninguém mais brincava na rua, agora todo mundo ia para o shopping. E a menina mais bonita do colégio que estabelecia a roupa da moda. Eu, por exemplo, não sou muito vaidosa, na verdade, não ligo, apesar de que eu queria ligar mais. Então, como eu não sou, eu acabo não comprando roupas novas, e eu me sinto desleixada por isso. Porque fico na ideia de vou comprar quando emagrecer, e eu não emagreço. Eu abro meu armário e nada está cabendo em mim. E quando eu vejo uma pessoa bem arrumada, fico pensando que eu tô [estou] perdendo tempo, porque eu continuo na mesma, me incomoda, mas eu não faço nada para mudar.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Bianca: Meninos, com certeza, eu preferia as brincadeiras de meninos. Eu nunca gostei das brincadeiras de bonecas. Eu queria brincar na rua e as meninas brincavam de coisas retardadas e eu não gostava, mas enfim, sempre fui reprovada por isso

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Bianca: Sim, e era inveja de ter um videogame, porque a ideia era que videogame era para menino, e por eu ser menina isso já me restringia por si só.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Bianca: Sim, mas ela sempre tentou não fazer, porque a minha vó fazia muito isso com ela, e ela não gosta disso, mas, mesmo assim, ela faz sim. Do tipo “Tá vendo a fulana fica brincado de boneca”. “Fulana passou pro [para o] vestibular”. “A sua irmã passou na segunda vez, não passar de primeira não tem problema”. E eu ficava, ‘não me compara, porque eu não sou a minha irmã’ e aí meio que ela caia na real do que ela tava [estava] fazendo.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas?
O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Bianca: Sim, inteligência.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem?
Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Bianca: Sim. O seu peso era quando eu estava grávida, ela sempre fala isso. E a aliança da minha mãe não entra no meu mindinho, ou seja, já entendi que sou mais gorda do que ela.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Bianca: Sim, hoje inclusive, ‘Você está com espinha na testa!’ e eu disse para ela, ‘Eu sei’ e ela me respondeu com ‘A tá, tem que se cuidar!’, cara, olha isso... (mostrou a espinha pelo vídeo) não é nada demais essa espinha.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Bianca: Sim, era em relação a arrumar a casa. Eu tinha a obrigação de lavar o banheiro toda sexta-feira, isso para uma criança ... acho meio complicado. Ao estudo e ao trabalho também, porque a minha criação sempre foi voltada ao dinheiro. Minha irmã começou a trabalhar muito cedo e eu tinha que fazer igual. A minha mãe é o tipo de pessoa que compra um presente para você e depois joga na cara. Então, na adolescência, se eu pedisse dinheiro para ela porque eu queria sair, era a pior coisa do mundo, porque ela, provavelmente, jogava na minha cara ou dizia que não tinha dinheiro para me dar, porque ela tinha que pagar as contas, ou porque tava [estava] toda endividada. Desde pequena ela tentou me mostrar que se eu

quisesse alguma coisa eu podia comprar com o meu dinheiro. Do tipo, a minha primeira bicicleta, ela pagou uma parte e eu paguei a outra parte com o meu dinheiro de mesada.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Bianca: Sim, ela é uma mulher extremamente determinada e guerreira.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Bianca: Não

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Bianca: Tenho só em relação dela saber se arrumar muito bem, ela tem um dom de decoração também e eu acho que eu não tenho muito.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Bianca: Não. Minha mãe não tem muita abertura comigo. Ela, inclusive, acha que estou com algum tipo de problema. Ela fica me perguntando se eu sinto alguma coisa, se eu tive algum trauma em relação algum com relacionamento.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Bianca: Sim, até hoje. Até os meus sete anos eu sempre fui magricela, mas eu passei a engordar na barriga ainda quando criança. Então, sempre tinha aquela comparação com os meus primos, porque em relação a eles eu era a mais gordinha. E minha mãe fala até hoje que eu não cabia nas roupas que eram doadas para mim, porque o meu corpo era diferente dos meus primos que doavam as roupas. Minha mãe volta e meia fala “Tá engordando, Beatriz!”. Mas eu ignoro. E se ela vai na praia comigo ou com a minha irmã, nossa, ela fica nós secando, ela fica examinando cada centímetro do meu corpo. Minha irmã que sempre fala ‘Tá olhando o que, mãe, já começou a análise?’

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Bianca: Sim, todo dia de manhã ela fala para mim ‘Você vai assim trabalhar?’; ‘Ai você precisa comprar roupas, pelo amor de Deus’; ‘Você não vai comparar uma outra sapatilha, não? Essa tá ridícula!’; ‘Nossa, você tá [está] tão simples’ ou ‘Nossa, a sua irmã se veste muito relaxada’. A minha mãe se preocupa muito com os outros, com a aparência.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Bianca: Me sinto julgada em usar qualquer tipo de roupa no trabalho. Uma gerente já comentou ‘Nossa, você só vem de regata!’...eu sei que ela tava [estava] me reprovando. Eles querem até dar um curso para a gente sobre como se portar no trabalho. O julgamento vai além da roupa, é em relação a maquiagem e as unhas também.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Bianca: Eu tento não julgar para não achar que estou sendo preconceituosa, mas eu acho exagero. Como foi no carnaval aqui no Rio em que as mulheres saíram nas ruas só tampando o mamilo. Eu não conseguiria ser assim, porque acho uma falta de senso, chega até ser um abuso. Acho que não quer dizer que a mulher é mais empoderada por isso. Me sinto preconceituosa até pensando assim, mas é o que eu acho.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas na presença de um parceiro?

Bianca: Então depende da cabeça do companheiro que eu espero que olhe e pense ‘ok’ e não vai olhar querendo a pessoa, ou pensaria como eu ‘não tem necessidade de está assim’ ou pensar ‘Tá beleza, exagerou um pouquinho, mas tá tudo certo’.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Bianca: Sim, quem nunca, a questão do corpo de tentar ser mais magra. E na adolescência, por volta dos 13 anos, que a gente tinha que vestir uma blusa baby look e roupa de marca, por exemplo. Hoje, eu diria que seria a magreza, o Iphone e tá [está] com relógio maneiro.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Bianca: Sim, já fiz depilação a cera, limpeza de pele que pra [para] mim é uma das dores mais sinistras que existe. Fazer o buço e a sobrancelha para mim é tenso também.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Bianca: Sim, estou.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Bianca: Não, cara, não passei não.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Bianca: Acho que é muito desleixo. Acho que a pessoa não está bem, ao ponto de se largar e parece um foda-se eterno e isso não é bom. Acho que é uma fuga dessa pessoa. Alguém que está gorda, é alguém não muito saudável de cabeça, apesar das exceções.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Bianca: Ou ela não come nada, vive de luz, ou é magra de ruim. Tipo a Bruna Marquezine, por exemplo, tá ridícula, muito magra.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Bianca: Cara, cheguei a usar franja, mas me sentia ridícula ... era moda, né, tinha que usar.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Bianca: Pessoas, se eu for pra [para] pegação ... eu vou me arrumar melhor, senão, vou foda-se.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Bianca: Não.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Bianca: (Bufou e riu) Não.

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Bianca: Sim, não estou tão bonita quanto ela por um desleixo meu, porque eu não emagreci e não comprei roupa. Como eu nunca tô [estou] satisfeita comigo mesma, eu acho que a inferioridade é sempre maior para mim.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Bianca: Não.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Bianca: Ihh já falei muito e acho que ainda falo pra [para] ser sincera. Do tipo, ‘ela é montada, é fato!’ ou ‘ela é bonita, mas tem dinheiro pra caralho [caramba]’. Pensando agora, eu me lembro que eu fazia muito isso com uma prima minha que era muito bonita, mas eu sempre chamava ela de puta! Olha isso!

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Bianca: Sim. Todas nós eu acho.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Bianca: Não

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Bianca: Sim, principalmente amigas que se dizia irmãs ... me poupe. Você pega a sua irmã...

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Bianca: Não sei se era bem uma rival, mas tinha uma menina que eu achava muito chata e não gostava dela por nada, mas isso eu era pequena, né.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Bianca: Cara, não, sou de boa com todo mundo.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Bianca: Não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Bianca: Sim.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Bianca: Não.

Apêndice D

Entrevistada Lavi

Entrevistada Lavi, de 26 anos, de cor branca, Ensino Médio Completo, empresária, heterossexual, casada, mãe de uma filha, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Lavi: Sim, eu era feia pra caramba. É até engraçado que eu era considerada a patinha feia, e hoje, o pessoal vê como eu mudei. Mas é engraçado, porque apesar de ser feia, eu me aceitava mais do que agora. Eu era muito rejeitada. Eu sentia que não era bonita. Então, eu tentava ser a garota engraçada. Outra coisa foi alisar o cabelo, né! Pô cabelo pra mim era foda [complicado]. Mas isso ai eu já tinha 9 anos de idade ... foi ai que eu fiz a minha primeira progressiva. Porque tinha que tá [está] de cabelo liso, era moda, e, nossa, como o meu cabelo caiu. Mas era isso, eu tinha que fazer.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Lavi: Sim. Mas hoje meu marido percebe que eu sou mais vaidosa do que quando era mais nova. Até mesmo porque eu odiava maquiagem até, sei lá, 2013. Mas hoje eu vejo o quanto é importante e o quanto eu fico mais bonita. Eu sinto também que a gravidez mexeu muito comigo, porque modificou muito o meu corpo. Minha filha tá [está] com quase dois anos e eu ainda não consigo por um biquíni fininho de boa, mas eu tento cuidar ao máximo de mim, hoje em dia. Tipo, eu tento tá [está] sempre bem arrumada, ficar com cílios maneiro [fixe], sobancelha legal [fixe] e o cabelo maravilhoso. Por exemplo, eu não consigo mais ficar sem o mega hair, não fico mesmo. Eu passei a perceber que isso conta muito no trabalho.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Lavi: Até os meus 8 anos eu brincava mais com meninas. Brincava muito de bicicleta e patins. Mas depois, eu fiquei muito muito fã de futebol, e o público era mais de menino, eu tinha uns 10 anos por aí. Tanta que meu pai me proibia de jogar bola. Me dizia que futebol não era para menina. Ele me colocava de castigo e tudo, mas aí eu já tinha os meus 12, ou 13 anos. Ele dizia que tinha medo da maldade dos meninos. Mas eu continuava batendo o pé, falando que eu queria sair para jogar. Eu sinto que eu sou muito mais masculina do que feminina. Eu joguei bola até os meus 18 anos, só parei quando machuquei o meu joelho”

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Lavi: Nunca, isso é um aparada que eu não tenho!

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Lavi: De escola sim, porque eu era muito atentada. E a Carol, minha amiga de infância, era muito inteligente. Já fui muito comparada com ela em relação a estudo, mas não me incomodava não.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Lavi: Pô, inteligência.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Lavi: Não, minha mãe sofreu bastante com a magreza dela, então, por isso que ela me vê como uma pessoa saudável, na cabeça dela, é claro.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Lavi: Não, minha mãe nunca fez isso. Ela também sempre ensinou para mim e para as minhas irmãs que se você não for somar na vida da pessoa, não subtraia.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Lavi: Várias vezes, principalmente, em relação a namoro, para eu não namorar qualquer um. Ela se preocupava muito em relação com quem eu andava.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Lavi: Exatamente, a vejo como um espelho a seguir. Não teria 5 filhos ... Mas a garra dela por ter criado 5 filhos foi sensacional, eu poderia ter 1 milhão de filhos que eu não estaria aos pés dela.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Lavi: Nunca, Deus me livre.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Lavi: Nunca

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua? **Lavi:** Não, eu sou totalmente desapegada.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Lavi: Sim, várias vezes. ‘Filha, você tá [está] tomando seu remédio direitinho’ (Rémédio para emagrecer). E eu sei que eu tô [estou] gorda. Mas eu vejo que a minha mãe faz isso de uma forma cuidadosa, por causa da saúde e da beleza. Ela, às vezes, fala de uma forma positiva. Ah ela fala ‘filha, você tá [está] com o corpo ótimo, quero você assim. Porque gorda você fica feia e magra também’. Ou seja, eu entendo o que? Que eu tô [estou] meio gorda. Mas eu levo sempre pro [para o] lado do humor.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Lavi: Não, minha mãe sempre falou, ‘Vai piranha mesmo! Suas roupas não vão mudar seu caráter e os pensamentos dos outros vão ser os pensamentos dos outros!’ Ela no máximo falava para eu tomar cuidado para eu não ser estuprada na rua.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Lavi: Sim, várias vezes. Eu já recebi vários xingamentos por mulheres que cismaram comigo, principalmente, eu que gosto de por meus peitos à mostra, me julgam muito.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Lavi: Então, existem roupas e roupas. Ou você bota um short curta ou uma camisa maiorzinha. E depende muito de onde você anda. Se eu vou andar aqui na rua de casa, tudo bem. Agora se eu for andar em Niterói ou no meu trabalho vai ser diferente. Vai muito do lugar. Se você for pro baile funk o que mais você vai ver, é isso. É meio complicado, você julgar uma mulher, sem saber o lugar que ela vai.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas na presença de um parceiro?

Lavi: Depende, se ele olhar, eu fico meio puta, mas não fico puta com a garota, fico puta com ele.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Lavi: Sim, quando eu pensava que gostava de festa Rave, porque tava [estava] na moda. Eu colocava uma botinha, calça legging e um blusão grande, mas no fundo eu não gostava, que cafona! Achava horrível, mas todo mundo ia, tava [estava] eu lá também.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Lavi: Para mim o fazer a sobrancelha é bem doloroso, que nem a progressiva que arde muito o olho, puta que pariu (Exclamou)!

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Lavi: Sim, estou. Tô [estou] gorda.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Lavi: Não porque eu acho que não dou essa liberdade. Quero vê a pessoa lidar com ser casada e mãe para ver que não é nada fácil. Afinal, quem tá [está] comendo não tá reclamando não, e aí dele se reclamar.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Lavi: Então, é meio difícil, porque ninguém escolhe tá ali. Você xingar uma mulher bonita é até um elogio, mas você fazer isso com uma mulher gorda acho falta de caráter, porque, às vezes, a mulher até tem um rostinho bonito. Agora as inimigas serem gordas, acho maravilhoso.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Lavi: Acho ridículo!! Tipo Bruna Marquezine, ela tá [está] horrível, porque eu já vi ela gostosa! Acho que ela não tá [está] naquele patamar ali porque ela quer. Ser famoso deve ser complicado, falar que ela aceita aquele corpinho dela é mentira

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Lavi: Cara, já, cheguei a usar calça cintura baixa e roupa de bad boys, achava horrível, mas usava, né? Fazer o que?

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Lavi: Conforto e ambiente

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Lavi: Várias. Tipo aquela Bianca do BBB aquela filha da puta não vale o pau que chupa, mas se veste muito bem.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Lavi: Não.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Lavi: Admiração

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Lavi: Sim, claro, quem nunca? Tu vê a mulher na rua e pensa ‘puta que pariu, que desgraçada!’

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Lavi: Fato, até hoje. E eu falo na cara, principalmente, quando é a minha amiga! Eu falo, você é mito legal, mas é feia que dói.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Lavi: Sim, Cara, tu tem que ver o corpo de uma mulher daqui da rua que tem três filhos, a desgraçada teve três nem parece que teve nenhum, fico bolada quando ela passa.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Lavi: Não, sempre que eu senti isso, eu pulava fora. Nunca gostei de estresse por causa de homem.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Lavi: Cara, namorado de amiga já deu em cima de mim, fiquei bolada.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Lavi: Não exatamente, só com “amiga de balada”, que não era amiga mesmo.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Lavi: Sim, mas a garota que tinha implicância comigo, porque ela tinha raiva que as meninas da minha rua gostavam mais de mim do que dela. Então, ela implicava muito comigo. Boneca não me emprestava. Para brincar na minha casa só chamava as outras meninas e eu era a excluída. Até hoje é assim, e não vou com a cara dela.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Lavi: Cara, acho que não tenho não, quer dizer, no atual momento não, né, quem sabe amanhã. [riu]

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Lavi: Não, até hoje não sei o nome das fulana, e até hoje, não quero saber.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Lavi: Sim, não por causa de insegurança, mas porque meu santo não batia.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Lavi: Sim, várias vezes!

Apêndice E

Entrevistada Jéssica

Entrevistada Jéssica, de 33 anos, de cor branca, Graduação em Jornalismo, repórter, heterossexual, solteira, de classe alta.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Jéssica: Assim, quando eu cresci eu já era magra, nunca ninguém falou para eu comer menos por conta do meu corpo. Mas ... eu sempre tive uma preocupação muito grande com o meu cabelo, é como se o cabelo fosse a minha maior preocupação na vida! E acho que é mesmo. Hoje tento ver de uma maneira mais leve, mas já foi algo bem pesado pra [para] mim, algo misturado com sofrimento. Meu primeiro alisamento no cabelo eu tinha 9 anos de idade, porque para minha mãe o meu cabelo sempre estava bagunçado, e ela não sabia o que fazer com ele, então, era mais fácil alisar. Antes do meu processo de transição, que demorou uns dois anos, eu não fazia ideia como era o meu cabelo, porque nas minhas fotos, de quando era pequena, não dava para perceber se o meu cacho era largo ou pequeno, nem minha mãe se lembrava

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Jéssica: Então, a minha mãe não é vaidosa em nada. Veio mais de amigas da escola. Eu lembro quando eu fiz 15 anos, eu tinha o cabelo cacheado, era muito sardenta e usava óculos,

e no dia seguinte dos meus 15 anos eu alisei o cabelo, coloquei lentes de contato e me maquiei, para ir para escola e todos, sem exceção, todos me disseram que eu estava muito bonita e diferente. E aí eu vi que eu tinha que ser assim!

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Jéssica: Meninas, na minha época ainda era muito dividido em meninos e meninas. E como eu nunca gostei de esporte, acabei me distanciando dos meninos.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Jéssica: Sim, mas nada muito sério, mas era algo que eu tinha até das minhas amigas mais próximas, o que na adolescência virou inveja de tinha em relação a roupa.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Jéssica: Não, porque a minha mãe sempre me colocou num pedestal.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Jéssica: Jeito de ser.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Jéssica: Não.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Jéssica: Não, muito pelo contrário, no máximo quando eu comecei a usar o cabelo cacheado de novo ... que aí eu passei pela transição que ela comentava de uma forma sutil que o cabelo liso combinava mais na TV, porque era mais elegante, mas só.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu? Jéssica: Era mais força do que exigência, do tipo, arruma um emprego, seja independente ... essas coisas.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Jéssica: Sim, como mulher. A forma como ela lida com todas as questões. Apesar, dela ser dona de casa, ela sempre foi muito independente.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Jéssica: Acho que se eu fosse mãe eu queria ser uma mãe igual a ela.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Jéssica: Não

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Jéssica: Não.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Jéssica: Não, às vezes, eu olho e vejo que eu era muito magra. Mas a minha irmã que é mais gorda, sentia mais essa pressão.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Jéssica: Não muito, mas eu era piada quando eu usava cropty, mas era pra [para] sacanear dizendo que eu era carioca, sabe? Como se fosse ‘olha tá [está] muito carioca.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Jéssica: Sim, é desconfortável. Por mais que você esteja confiante ... é um sentimento de desconforto, do tipo de chamar atenção mais do que deveria, mas não é um impeditivo.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Jéssica: Me assunta quando eu vejo adolescentes com roupas muito muito curtas, elas são muito sexualizada, elas têm apenas 13 ou 14 anos e usam roupas super decotadas. Elas me

preocupam na ideia de ter uma sexualidade precoce. Acho que antes de morar no Rio eu entenderia o uso de roupas curtas como vulgaridade, mas hoje não.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Jéssica: Eu não sou muito ciumenta, mas me incomoda se ele estivesse encarando a mulher. Olhando para o peito dela, por exemplo ... aí me incomoda.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Jéssica: Sim, o alisamento de cabelo era completamente isso. Corpo não, porque eu sempre fui magra.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Jéssica: Sim, todo o meu processo com o alisamento era muito doloroso e trabalhoso. E depilação e fazer a sobrancelha também são bem dolorosos pra [para] mim.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Jéssica: Sim, estou inclusive, mas é inverso. Em geral sou feliz com o meu corpo, mas confesso que tenho altos e baixos, acho que depende muito do meu humor no dia e se a minha barriga tá [está] inchada ou não

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Jéssica: Não.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Jéssica: Assim, mulheres gordas com roupas que mostram mais o corpo, eu penso que são mulheres bem resolvidas. Já uma mulher gorda com roupas largas, eu penso que parece uma mulher que está tentando se esconder.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Jéssica: Me chama mais atenção até, e talvez me cause mais curiosidade. E ainda me remete a doença, porque não me parece saudável.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Jéssica: Ah sim, a calça de cintura baixa e o cabelo alisado, que apesar de eu gostar do resultado, era muito trabalhoso para mim.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Jéssica: Ambiente

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Jéssica: Sim, até hoje! Quando eu cortei o cabelo de franguinha, que ficou péssimo em mim por sinal, foi por causa da Thaís Araújo. Eu gostaria de me vestir igual a qualquer blogueira.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Jéssica: Sim, a várias blogueiras. E eu até achava que era parecida com elas de personalidade.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Jéssica: Hummm, sinceramente, inveja. Porque eu continuo na minha sem fazer nada e vendo elas todo o dia ... querendo meio que ser elas.

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Jéssica: Sim, eu acho mais o sentimento de se sentir invisível, ou menor. Isso aconteceu durante a adolescência quando eu não tinha uma relação boa com o meu corpo e com a minha aparência.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Jéssica: Sim, é um sentimento dividido, e isso é triste, a gente se sente sim superior, mas eu confesso que eu tenho vergonha por me sentir tão confortável.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminui-la?

Jéssica: Sim, mas com pessoas que eu não conheço.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Jéssica: Sim, mas sempre me senti indiretamente, nunca me incomodei de está nesse lugar de competição.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Jéssica: Não.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Jéssica: Não.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Jéssica: Cara, Sim, tinha uma menina que eu não gostava, mas eu não lembro exatamente o porquê da inimizade, mas para mim era a pessoa que eu mais odiava em toda minha vida, lembro o nome dela até hoje e eu tinha uns 5 anos ou até menos. Meu grupinho de amigas também não gostava dela.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Jéssica: Não, não que isso?!

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Jéssica: Não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Jéssica: Não.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Jéssica: Não, não.

Apêndice F

Entrevistada Gabriela

Entrevistada Gabriela, de 26 anos, de cor branca, Graduação em Contabilidade, heterossexual, solteira, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Gabriela: Até os meus 10 anos eu zero ligava, depois eu comecei a mudar. Quando eu estudava eu ia de van para a escola, foi ali que me disseram que eu tinha que usar a sutiã e falavam mal do meu cabelo. Nessa época, eu chegava na escola sem escovar os dentes, porque eu estava sempre atrasada, então, me sacaneavam falando que eu tinha bafo de dragão! E, cara, me julgavam muito, eu ficava muito mal, me sentia horrível, me sentia julgada o tempo todo!

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Gabriela: Simmm, nossa! O que? Minha mãe é muito vaidosa. Ela chega a ser chata. E acabou que me transformei numa pessoa meio neurótica, principalmente, em relação ao [meu] cabelo. Se eu saio de casa, chove e meu cabelo fica ruim, eu não me sinto bem. Se eu não me sinto bem por causa do meu cabelo, isso acaba com o meu dia. Se ele tá [está] muito armado ou frisado, eu amarro e não vou querer mais sair, porque eu não me sinto bonita, não me sinto bem de verdade. Tipo, as pessoas podem até elogiar a minha roupa, mas se o meu cabelo estiver amarrado eu penso logo, ‘minha roupa tá [está] maneira[fixe], mas eu tô [estou] feia por causa do meu cabelo, por isso que a pessoa não falou nada do meu cabelo’. Tipo, eu entro numa real neurose louca, tá ligada [percebe]?

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Gabriela: Meninas, eu achava os meninos meio brutos, e isso me incomodava.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Gabriela: Sim, nunca mais esqueci, foi uma maquina de costurar. Foi um presente de aniversário que minha vó comprou para eu dar para uma menina e eu achei nada a ver, porque eu queria muito uma maquina de costurar, já que a minha vó também costurava e ela comprou para eu dar de presente, mas nunca me deu uma. Eu me senti injustiçada.

Isabella: **Você já foi comparada com alguma amiga sua pela sua mãe?**

Gabriela: Sim, e eu fico chateada. Ela me comparava muito em relação a inteligência, não é à toa que a minha maior ofensa é ser chamada de burra, ou me achar burra. Me comparavam muito com a minha irmã em relação a isso.

Isabella: **Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas?**

O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Gabriela: Inteligência.

Isabella: **E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem?**

Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Gabriela: Sim, eu sou comparada com ela e com a minha irmã também. Ela compara tudo! “Na sua idade eu era tão magrinha”, e eu penso “Ah parabéns ... eu como muito, já sei!”. Já meu pai nunca falou nada. No máximo ele tenha comentado de alguma roupa, mas nada em relação a ser gorda. Peso, estética e cabelo são coisas que são sempre comparadas. Eu estou na transição capilar e ela zero me apoia, quando eu acho que meu cabelo tá bonito ela pergunta, “Bonito pra quem?”

Isabella: **Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?**

Gabriela: Ela aborda esses assuntos, mas de forma cuidadosa até. Por exemplo, quando eu tinha 15 anos, ela me perguntou se eu preferia a festa de 15 anos ou fazer uma cirurgia para tirar as estrias. Ela é cautelosa quando fala. Ela é muito preocupada com os que os outros vão pensar.

Isabella: **Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?** **Gabriela:** Sim, principalmente, em relação a estética. Eu sinto a necessidade de agradar a minha mãe

absurdamente. Eu vou comprar uma roupa e eu preciso da aprovação dela, chega a ser uma necessidade.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Gabriela: Sim, me orgulho muito do que a minha mãe construí pra gente. A gente mora num apartamento bom graças a minha mãe e tudo graças a ela que foi crescendo na empresa dela.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Gabriela: Não

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Gabriela: Não. Da minha irmã já, porque ela é perfeita, mas da minha mãe não.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Gabriela: Não...

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Gabriela: Sim, o tempo todo. Fico muito puta [irritada]! A minha mãe é a pessoa que mais fala do meu peso e da minha aparência. Ela me cobra isso constantemente.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Gabriela: Sim, eu fiquei triste, até porque foi uma roupa que ela me deu. Era uma saia de pano longa e ela achava que estava muito desarrumada, despojada até por demais e minha mãe não gosta.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Gabriela: Cara, me sinto julgada o tempo todo, principalmente, no trabalho.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Gabriela: Se for no trabalho eu vou falar, ‘Gente, pelo amor de deus’. Agora de resto acho que não.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Gabriela: Caguei [desprezo], não acho que vou me sentir incomodada. Até mesmo porque se eu achasse ela linda e maravilhosa e se estivesse usando uma burca, eu me sentiria insegura do mesmo jeito, meio que a questão não é a roupa, mas sim, como a mulher é.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Gabriela: Sim, alisei o cabelo, clareei o dente, usei aparelho, foço a sobrancelha e eu acho uó [horrível].

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Gabriela: O alisamento e a depilação a cera. Principalmente, a depilação a cera... cara, para mim, a depilação a cera é muito muito dolorosa, é uma dor que eu fico me perguntando porquê eu estou passando por isso. Não é a toa que eu não faço depilação a cera e não conto pra [para] ninguém que eu faço com gilete, porque eu me sinto julgada.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Gabriela: Sim, estou nesse momento.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Gabriela: Do meu peso não, foi muito mais em relação a estética. Quando falavam você não é bonita. E as piadas todas estavam ligadas ao meu cabelo.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Gabriela: Se passar uma mulher gorda e outra magra, eu só vou observar a gorda. Mas acho que eu observo mais a roupa do que a própria mulher. Se uma mulher gorda passar com uma roupa feia, eu vou reparar e vou dar uma julgada.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Gabriela: Me compararia, eu acho que era assim com 13 anos, nem malhando pra [para] caraca [muito] eu conseguiria ser assim e ficaria com a autoestima baixa.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Gabriela: Depilação a cera que sempre odiei, mas eu tinha que fazer e, hoje em dia, não faço mais. Eu sempre me senti mal com isso, nem contava para as pessoas que eu tirava com gilete, porque tinha vergonha.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Gabriela: Ambiente

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Gabriela: Sim, todas blogueiras!!

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Gabriela: Sim! Tipo Pugliesi ... mas acho que tá [está] muito ligado ao cabelo dela ... essa ideia de eu querer ser ela. Até acho ela parecia com comigo, ela tem olho claro e o cabelo dela lembrava o meu quando começou a crescer.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Gabriela: Inveja. Na real, tudo que eu gostava nela é o que eu queria ter. Queria a vida dela! Eu acompanhava ela e pensava que não era tão distante assim ter a vida dela, saca[percebe]?

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Gabriela: Sim, eu fico com a autoestima no chão e penso “Por que eu não sou assim?” Ai começo a pensar se de repente eu malhasse, arrumasse melhor o meu cabelo, colocasse um cílio, ou nascesse de novo eu poderia ser que nem ela.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Gabriela: Eita! Sim, cara, e isso é péssimo. Acho que é uma contradição, isso é péssimo, porque você tá [está] se comparando e isso só alimenta a comparação que eu odeio.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Gabriela: Ahhh provavelmente sim, fato [facto]!

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Gabriela: Sim!

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Gabriela: Sim

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Gabriela: Sim! Muitas vezes!

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Gabriela: Não..

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Gabriela: Não, tenho não.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Gabriela: Não, se a menina fosse alguém que eu conhecesse, como já aconteceu, eu me sentia traída pelos dois.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Gabriela: Não, mas já se afastaram de mim.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Gabriela: Sim, inclusive, já dei em cima de homem de mulher que eu conhecia.

Apêndice G

Entrevistada Júlia

Entrevistada Júlia, de 63 anos, de cor negra, dona de casa aposentada, heterossexual, casada, com um filho, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Júlia: Não, eu era de uma cidadezinha do interior do Nordeste que essas coisas não eram importantes.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Júlia: Não. Olha, foi o que eu falei ... sinceramente, eu não ligava muito para essas coisas porque eu cresci no interior, e vaidade não é algo comum lá, pelo menos na minha cidadezinha. Eu era bem muleca [feminino de moleque], bem atentada mesmo, não me preocupava com essas coisas. Mas quando eu vim pro [para o] Rio, vi que eu precisava mudar, porque as mulheres eram muito arrumadas, sabe? Maquiadas, cabelo feito, unha feita. Ai vi que precisava ser vaidosa, porque tava sendo desleixada há minha vida toda

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Júlia: Meninas e meninos, eu brincava na rua, na verdade.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Júlia: Olha, apesar da gente ser de família pobre nunca tive!

Isabella: Você já foi comparada com alguma amiga sua pela sua mãe?

Júlia: No máximo em relação a estar arrumadinha, de banho tomado... essas coisas, porque na nossa cidade tinha mãe que deixava a criança andar toda desleixada.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Júlia: Acho que era o caráter, o jeito de ser.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem?
Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Júlia: Não, ela não fazia essas coisas.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Júlia: Não, minha mãe era uma pessoa muito amável, sempre muito carinhosa.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Júlia: Era mais em relação para vir para o Rio para conseguir coisa melhor, um trabalho, algo assim.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Júlia: Sim, ela era uma pessoa muito boa. Ela foi uma guerreira mesmo.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Júlia: Não, porque ela era muito sofrida.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Júlia: Não, imagina!

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua? **Júlia:**

Não, no máximo do meu pai, porque ele tinha preferência pelos meus irmãos homens.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Júlia: Assim, eu sempre fui fortinha, mas isso era sinônimo de saúde, naquela época.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Júlia: Minha mãe era muito exigente em relação a roupa, a nossa roupinha tinha que tá bem passada e limpinha, só isso.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Júlia: Não, se fazem nunca perceber.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Júlia: Eu não acho nada, cada um tem que usar o que cada um se sente bem, eu não condeno não.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Júlia: Eu sinto nada.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Júlia: Só em ser magra, que para mim é bem difícil.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Júlia: Não, não, não gosto de dor (Riu).

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Júlia: Sim, a minha vida toda. É uma luta diária contra a balança.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Júlia: Não que eu me lembre.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Júlia: A passa que ela tem que se cuidar, fazer uma dieta, procurar ir no médico, e coitada... deve ser que nem eu.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Júlia: Eu penso que a pessoa tá doente, tá com algum problema.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Júlia: Teve a moda das calças de cintura baixas, nossa, horrível, o corpo ficava muito feio, mas por mais que você procurasse uma calça de cintura média, você não achava. As lojas te obrigam a vestir o que tá [está] na moda, dane-se o seu gosto. Igual o cabelo, por exemplo, eu usava o cabelo volumoso, porque quanto mais volume, nos anos 1980, melhor, e essa moda foi boa pro [para o] meu cabelo porque meu cabelo é muito armado [volumoso]. Mas aí veio a moda de alisar o cabelo, por um lado foi bom, porque era muito prático, mas acabou com o meu cabelo.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Júlia: Conforto

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Júlia: Não, não ligo muito pra [para] essas coisas.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Júlia: Não (riu)

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Júlia: Não exatamente, só em relação a ser gorda, porque me deixa pra baixo. Procuro uma roupa, mas nunca acho do meu tamanho, tento fazer dieta, mas não emagreço e a autoestima vai pra baixo.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Júlia: Não...que isso?

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminui-la?

Júlia: Não..

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Júlia: Não...acho que não.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Júlia: Não, imagina, também eu casei muito cedo... acho que não deu tempo para isso (riu)

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira? Júlia:

Sim e não. Acho que pode ter sido coisa da minha cabeça, mas nunca conversei com nenhum dos dois, na época levei como uma crise de ciúmes minha, nunca falei para ninguém, só para uma irmã minha que me explicou que homem era assim mesmo, gostava de flertar mesmo que não conseguisse nada. Eu era muito nova quando isso aconteceu e eu realmente senti uma atmosfera estranha [foi num churrasco aqui em casa]. Mas meu marido nunca mais falou dessa minha amiga, porque eu acho se tivesse alguma coisa ele teria comentado dela, perguntado sobre ela, essas coisas, acho que foi só ciúmes mesmo.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Júlia: Não, sempre me dei bem com todo mundo.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Júlia: Não.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Júlia: Sim, mas eu era muito nova, hoje eu sei que a culpa também é do homem.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Júlia: Não, quase, mas acho que não me afastei por insegurança, mas sim, porque não me identificava mais com essas pessoas.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Júlia: Nunca, imagina!

Apêndice H

Entrevistada Ana

Entrevistada Ana, de 26 anos, de cor branca, Graduada em Jornalismo, gestora de conteúdo, moradora da Zona Sul do Rio de Janeiro, heterossexual, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época? Ana: Sim, bastante ... eu lembro que eu tinha um grande amigo da quinta série, e uma vez ele disse que ele não me achava bonita, nossa amizade acabou.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Ana: Sim, mas eu nunca gostei de assumir que era ou que sou vaidosa. Porque eu queria ser bonita naturalmente. Tive incentivo de família para não repetir roupas nos encontros da família e tenho uma tia extremante vaidosa.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Ana: Meninas, porque eu sempre tive medo de homem.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Ana: Sim, mas acho que não era em relação a coisas materiais. Era em relação a ter uma boa casa e uma família estruturada.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Ana: Sim, mas era mais em relação ao intelecto e comportamento, ‘Fulana de tal trata a mãe desse jeito’.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Ana: Inteligência

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem?
Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Ana: Sim, em relação a beleza e a trabalho. Do tipo ‘Eu na sua época era tão bonita’ ou ‘sempre fui muito trabalhadora, você é igual a mim’, mas, às vezes, acho que ela fala isso não para me elogiar, mas para ela própria se valorizar, sacou [entende]?

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Ana: Não, nunca fez.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Ana: Já em relação a dinheiro. Do tipo ‘é preciso ter dinheiro’.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Ana: Não

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Ana: Não!

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Ana: Humm..não mesmo.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Ana: Sim, para mim era como se ela valorizasse mais a outra pessoa do que eu que sou a sua própria filha.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Ana: Não pela minha mãe, mas pelos meus tios. Meu tio por parte da mãe fala na minha cara ‘ah engordou’. E uma vez um amigo de meu ex-namorado me disse que quando eu ficasse velha eu ia ser gorda.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Ana: Sim, por usar decote, por exemplo. E isso me deixa insegura e eu fico meio constrangida.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Ana: Por algumas mulheres sim, até no trabalho.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Ana: Nada, cara.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Ana: Porra... bem, se ele olhar eu fico bem puta [irritada]. Acho que depende do parceiro que eu estou também.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Ana: Quando eu era adolescente eu queria ser magra, igual as modelos. Eu nunca quis ser gostosona, mas sempre quis ter o corpo de modelote. Eu já cheguei a desmaiar na escola, porque não comia direito, porque eu tava [estava] em uma das minhas dietas que consistia, simplesmente, em não comer. Essa época eu media o espaço entre as minhas coxas, porque quanto mais espaço tinha, mais chique era. Eu li isso numa revista, quando era pequena e nunca mais me esqueci. Eu sempre achei que ser magra era uma beleza de rico, e eu sempre quis ‘ter’ isso

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Ana: A minha plástica no nariz foi bem dolorosa, o pós foi pesado, mas era o meu sonho.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Ana: Sim, e foi pra [para] mais. Na época, eu me senti nojenta.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Ana: Acho que piadinha sim. O mais recente foi no trabalho, porque me sacanearam que eu estava comendo pizza e estou gordinha. Mas eu levei na boa, porque aquelas pessoas não me afetam muito, mas tem gente que me afetaria bastante.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Ana: Eu sou bem escrota [grosseira]. Eu penso ‘Caraca!’ Eu acho feio. Me sinto incomodada. Eu sinto pena e tenho até nojo, eu tenho um certo nojo de gordura, entende? Sou meio gordofobia.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Ana: Ai safada! Queria ter essa barriga completamente chapada

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Ana: Quando veio a moda dos shakes que prometiam emagrecer a vida, eu tomei, fiz a dieta direitinho. Mas era horrível, nojento, sempre tinha ânsia de vômito. Cara, eu também cheguei a usar a alça da calcinha aparecendo, porque teve a época que isso era ser sexy, meu Deus, e eu ainda fazia isso quando eu era adolescente achando que tava [estava] abafando [fazendo sucesso], mas hoje eu vejo o quanto eu era cafona

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Ana: Ambiente

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Ana: Sim!

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Ana: Óbvio!

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Ana: Inveja e admiração.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Ana: Sim, principalmente, quando eu era mais nova.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Ana: Sim, assim como já desmereci pessoas que eu achava bonita, também fiz o mesmo com mulheres que eu não achava bonita.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Ana: Sim, várias vezes.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Ana: Não...

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Ana: Sim, além de desconfiar da amiga, já desconfiei da mãe de uma amiga também.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Ana: Sim, na adolescência, principalmente. Tinha uma menina que estudou comigo no jardim de infância e quando estávamos no Ensino Médio voltamos a estudar juntas de novo, que inferno foi aquilo! Eu sempre fui muito competitiva, então, eu competia muito com ela em relação as nossas notas, e eu tava sempre na frente, porque eu sou bem competitiva mesmo. Mas pra me atingir ela dizia pros outros que eu ia ficar para titia, ou seja, nunca ia arrumar ninguém, ainda mais naquela época que todo mundo tinha que ter um peguete, né? Nossa, eu odiava muito essa garota.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Ana: Não, hoje, não.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Ana: Não ... espera, já sim, lembrei! Já culpei sim.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Ana: Não

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Ana: Não

Apêndice I

Entrevistada Jesebel

Entrevistada Jesebel, de 27 anos, de cor parda, Graduada em Ciências da Computação, engenheira da computação, moradora da Zona Norte do Rio de Janeiro, heterossexual, solteira, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Jesebel: Cantavam para mim no jardim de infância, ‘Gorda, baleia, vou te esculachar, bunda de borracha e peito de maracujá’. Foi a partir dessas brincadeiras por meninos e meninas que eu comecei a me incomodar com o meu corpo. E a minha mãe também foi presente nesse processo de entender que eu era uma criança gorda, porque até então eu não tinha noção dessa ideia de peso. Por exemplo, quando o meu avô me levava para comer no McDonalds, ela falava para ele ‘Quer ver a minha filha gorda, é?’

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Jesebel: Sim, minha mãe sempre falava para eu usar presilhas, mas eu não ligava, então, eu sempre esquecia e ela chamava a minha atenção porque dizia que eu precisava sair arrumada e não largada para a rua. Ela não era nem um pouco cuidadosa, sempre agressiva. Acho que

graças a ela, eu vivo em uma briga comigo mesma pelo peso ideal e isso vem de muito tempo, a minha vida toda praticamente

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Jesebel: Olha, sinceramente, eu não tinha uma preferência, a brincadeira que eu gostasse mais eu ia, não importava muito quem tava [estava] brincando.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Jesebel: Não na infância. Mas, na época, de adolescência sim. Era em relação a roupas e a aparelhos celulares novos de última geração.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Jesebel: Sim, sempre, e também sou com as minhas primas.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Jesebel: Beleza e inteligência.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Jesebel: Minha mãe me compara muito com ela, do tipo ‘na sua idade eu tinha um corpão’; ‘eu era a mulher mais bonita do bairro!’; ‘quando eu tive você (...) eu era magrinha, agora imagina você depois de ter filho?!’

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Jesebel: Sim, em relação ao peito, barriga e a gordura em geral.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu? **Jesebel:** Sim sempre, esteticamente, estudo e trabalho, até relacionamento também, tudo!

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Jesebel: Não mesmo... (arregalou os olhos)

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Jesebel: Não.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Jesebel: Não, nunca.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Jesebel: Sim, quando era adolescente, principalmente, porque ela elogiava tanto algumas amigas minha e eu nunca tive isso, sabe? E para minha mãe tudo da minha amiga era melhor do que o meu.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Jesebel: Sempre até hoje. Ela brinca dizendo “Marcelina²² você tá enorme!”. Eu já me incomodei tanto com isso, que o que ela fala não me incomoda mais, de verdade. O que realmente me incomoda é ela repetir por varias vezes a mesma coisa.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Jesebel: Sim, por minha mãe achar que a roupa está larga demais ou alguma que me deixa mais gorda. Pelo meu pai também, eu tenho uma blusa que eu nunca mais consegui usar, porque ele disse uma vez “Nossa, tá [está] parecendo um botijãozinho de gás de vovó”. O meu sentimento é de muita raiva. Eu já tive várias conversas com a minha mãe sobre isso, porque mexe muito com a minha autoestima. Hoje eu acho que não é porque eu sou magra que eu vou ser feliz. Minha mãe é o tipo de pessoa que não me pergunta como eu estou, ela pergunta se eu entrei na academia, ou se eu estou fazendo dieta.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

²² Marcelina é uma personagem do filme ‘Minha Mãe é uma Peça’, a jovem representa uma garota gorda, que retratada uma pessoa gulosa e esfomeada.

Jesebel: Não me sinto julgada pelos outros, só pelos meus pais. Quando eu uso alguma roupa larga, por exemplo, meu pai fala que eu estou usando só roupas de gordinha.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Jesebel: Muito curto eu acho que, às vezes, pode parecer vulgar, mas não me incômodo, mas eu, sinceramente, não sairia assim.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Jesebel: Porra... bem, se ele olhar eu fico bem puta [irritada]. Acho que depende do parceiro que eu estou também.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Jesebel: Se ele olhar eu vou ficar bem puta [irritada]. Se ele não olhar tá [está] ótimo.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Jesebel: Sim, os meus alisamentos de cabelo.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Jesebel: Sim, a minha vida toda.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Jesebel: Sim, na escola quando eu era pequena e até, hoje em dia, quando minha mãe me chama de Marcelina.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Jesebel: Sinceramente, às vezes, eu penso que ela deve se sentir bem assim, se aceitar por mais que a sociedade estipule uma pessoa magra, porque o mais difícil é se aceitar.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra? **Jesebel:** Penso ‘Nossa, quero!’; ‘Queria ser assim!’; ‘Onde eu compro esse corpo?’

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Jesebel: Eu já usei salto, mas eu nunca suportei. Outra coisa é o alisamento, eu nunca gostei do meu cabelo enrolado, então, quando eu era pequena eu já alisava o cabelo. Hoje, eu não consigo me ver sem fazer alisamento, acho que eu seria outra pessoa. Mas é uma sensação esquisita, porque eu gosto do resultado, de como ele fica, mas não suporto o processo da progressiva, acho muito doloroso, o cheiro forte de formol que é péssimo pra [para] minha asma, sem contar que muitas vezes arde o couro cabeludo. Mas é isso, depois que a dor passa e eu vejo que valeu a pena.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Jesebel: Pessoas

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Jesebel: Sim, tipo, Gabriela Pugliese e Mari Gonzalez.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Jesebel: Cara, eu acho que eu gostaria de ser qualquer blogueira que possa o dia todo se dedicando a fazer exercícios físicos e ganha coisas em troca de uma postagem, quem não gostaria de ter essa vida?

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Jesebel: Sinceramente, inveja, porque eu acho que eu queria ter a vida dela, meio que ser ela, porque eu não faço nada para mudar alguma coisa em mim, tipo fazer exercícios físicos e tal. Acho que eu, apenas, gostaria de assumir o lugar dela!

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Jesebel: Sim, me sinto angustiada e apagada.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Jesebel: Nunca.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Jesebel: Ah eu já falei trocentas [várias] vezes ‘Só é bonita porque é loira’, ‘Tira esse peito dela para vê, se é bonita?’ ou eu digo que a mulher não é nada de mais, mas, na verdade, eu achei ela bem bonita, mas não quero falar, sabe?

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Jesebel: Sim, com certeza.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Jesebel: Não.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Jesebel: Sim.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Jesebel: Não.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Jesebel: Não..

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Jesebel: Não ... espera, já sim, lembrei! Já culpei sim.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Jesebel: Sim, foi com uma menina me eu conhecia e que ficou com o meu namorado na época. Então, eu fiquei bem puta [irritada] com ela e culpei ela sim, porque me senti traída por ela também. Meu namorado, na época, não prestava, mas ela me conhecia e foi até na minha casa.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Jesebel: Não

Apêndice J

Entrevistada Victória

Entrevistada Victória, de 27 anos, de cor branca, Graduada em Administração, estudante de mestrado, moradora da Zona Sul do Rio de Janeiro, heterossexual, casada, de classe alta.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Victória: Sim, eu tinha muita preocupação em ser bonita.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Victória: Não fui incentivada. Mas com a convivência eu percebi que queria ser bonita e com 5 ou 7 anos eu era muito feia, então, eu comecei a me preocupar com aparência. Minha mãe é muito vaidosa, mas como eu fui criada pelo meu pai, acaba que eu não ligo muito.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Victória: Depende da fase. Eu tive uma fase do grupinho de meninas. Mas como eu tenho um irmão, acabava brincado muito com meninos. E um momento da minha vida eu achava que eu era mais ‘cool’ e queria está com amigos homens, porque para mim as meninas eram chatas e só falam de cabelo e coisas supérfluas. Já os meninos eram mais radicais e interessantes, por isso, acabava tendo mais amigos meninos. Mas isso aí foi por volta dos meus 10 anos.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Victória: Não que eu lembre.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Victória: Eu era mais comparada com o meu irmão, na verdade, mas eu era tida como o modelo que ele deveria seguir, sabe?

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Victória: Inteligência.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Victória: Não que eu lembre.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Victória: Não, pelo contrário, ela sempre achava que eu era maravilhosa.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu? **Victória:** Não, porque acho que eu sempre fui uma criança e adolescente exemplo, tipo, tirava notas boas, tinha meu emprego, então, ela nunca me exigiu muito.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Victória: Sim e não.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Victória: Em relação a beleza sim. Já quis ser tão bonita quanto..

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Victória: Quando eu era criança sim, porque ela era muito bonita. Quando eu tinha uns 8 anos eu levava umas fotos dela para escola e mostrava para todo mundo, porque queria que todos vissem o quanto ela era bonita, e naquela época eu não me achava nem um pouco bonita, mas eu queria muito ser igual a ela.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Victória: Não, mas eu também não sou uma pessoa ciumenta.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Victória: Na verdade quem faz isso é o meu marido e a minha sogra, mas é porque eles têm uma perspectiva de magreza completamente diferente da minha, provavelmente, porque eles são europeus, mas eu tenho plena noção que a minha sogra me acha gorda, mas, eu sei, que eu não sou gorda.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Victória: Já aconteceu de me chamar atenção, porque poderia ser perigoso ir com uma determinada roupa em determinado lugar. Mas nunca de forma depreciativa, era mais em relação a preocupação. Às vezes, eu mudava de roupa, mas a maioria, das vezes, não.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Victória: Sim, eu não ligo muito quando me julgam. Mas se eu reparo que o homem que a está com ela, está me olhando eu fico com pena dessa mulher e fico mal, porque é culpa minha está causando isso.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Victória: Ah, cara, eu dou uma julgada sim.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Victória: Fico desconfortável e penso ‘Por que a pessoa tem que andar desse jeito? Qual é a necessidade?’

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Victória: Cara, já tentei ser loira, ter cabelo liso, mas hoje a minha preocupação é em ser magra.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Victória: Sim, os alisamentos de cabelo, que me deixaram careca, massagem modeladora, que dói muito e as depilações a cera.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Victória: Sim, eu sinto tristeza, desespero e medo de engordar mais ainda.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Victória: Não.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Victória: Que merda [droga], e que bom que não sou assim! Também fico com pena dela.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Victória: Cara, não acho bonito também...

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Victória: Sim, foi mais em relação ao cabelo com a progressiva, porque era muito doloroso.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Victória: Ambiente

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Victória: Sim, total!

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Victória: Sim, eu quero este corpo e poder fazer o que eu quiser como: viajar muito e ter essa vida incrível dessa pessoa.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Victória: Cara, já tive inveja e admiração. Porque, na hora, eu penso que quero aquele corpo e poder fazer o que eu quiser, tipo viajar muito e ter essa vida incrível igual a essa pessoa. Por isso, que eu acho que são os dois sentimentos

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Victória: Sim, de inveja mesmo, ‘como pode ser tão bonita assim?’

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza? **Victória:** Sim, eu fico grata que eu não sou a pessoa mais feia do grupo.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminui-la?

Victória: Sim. ‘Muito fácil ser bonita assim, se só liga pra [para] isso’.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Victória: Sim! Muitas vezes.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Victória: Sim.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Victória: Sim.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Victória: Sim, tinha uma menina da minha escola que fazia a lista sobre quem era a menina mais bonita da sala. E ela adorava fazer isso, porque ela sempre ganhava. E eu ficava em segundo lugar, mas, mesmo assim, eu a odiava.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Victória: Não.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Victória: Não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Victória: Sim, mas era também porque o parceiro que eu tinha na época me deixava insegura com qualquer menina.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Victória: Sim, já peguei ex de amiga...essas coisas.

Apêndice K

Entrevistada Paula

Entrevistada Paula, de 27 anos, de cor branca, Graduada em Relações Internacionais, acionista, moradora da Zona Sul do Rio de Janeiro, heterossexual, casada, de classe alta.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Paula: Sim, para você vê... eu percebi isso quando eu tinha o cabelo grande e a minha mãe cortou e eu odiei.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Paula: Sim, mas eu demorei para ser. Algumas coisas sim, minha mãe fala que não se sai sem brinco de casa, e eu não consigo sair de casa sem brinco, foi total influência dela.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Paula: Com meninas, porque meu ciclo era feminino, mas eu gostava de brincar com meu irmão e com o meu primo brincadeiras de menino.

**Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha?
(...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?**

Paula: Sim, a sensação era que eu queria aquele brinquedo. Mas eu pensava que de alguma forma, a vida dessa pessoa era pior do que a minha, porque alguma coisa eu devia ser melhor do que ela, uma espécie de competição.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Paula: Meus pais me comparam muitooo (ênfatisou) em relação a minha inteligência e ao meu jeito de ser. Do tipo, ‘você não é dócil como a sua prima’, ‘nossa, seu irmão é tão bonzinho, você podia ser assim também’, ‘você podia ser mais maleável com as coisas’ ou ‘você é muito briguenta, tenta ser mais tranquila, isso não pega bem pra [para] você, minha filha’.

**Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas?
O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?**

Paula: Jeito de ser.

**Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem?
Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?**

Paula: Sim. Falam eu que tenho o corpo igual da minha mãe, e minha mãe diz o mesmo. E acho que ela nem tá [está] me elogiando, mas sim a ela própria. Ela diz ‘você é que nem eu, você não fica gorda na barriga, você fica inchada’.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Paula: Não, porque ela é bem cautelosa quando comenta alguma coisa.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Paula: Sempre, em relação a tudo, de cuidado com a pele, corpo e questões profissionais. Exigência de comportamento e aparência são coisas que a minha mãe faz muito. Eu sei que sou mais exigida do que meu irmão, por exemplo. Acho que meus pais esperam menos do meu irmão. Minha mãe fala que enquanto ela vem pra [para] ajudar, eu mesma resolvo. Há uma expectativa muito maior para nós mulheres do que para os homens na minha família.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Paula: Em algumas coisas sim e outras coisas não. Eu vejo ela como um espelho profissional, por exemplo, acho ela bem resiliente. Mas o fato dela não ter inteligência emocional e de tudo ser um drama... aí não espelho não.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Paula: Não.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Paula: Não

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Paula: Não

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Paula: Sim, meu pai fala com mais doçura, já a minha mãe não. Minha mãe fala de uma forma direta e eu sinto ódio. Penso até que a minha mãe me acha de gorda. Mas eu sempre penso ‘Eu hein, a família é toda gorda, tá [está] falando o que de mim?’. Já o meu pai não fala que eu tô [estou] gorda, ele diz eu tô [estou] cadeiruda, fofa.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Paula: Não, eles até me acham estilosa.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Paula: Cara, se fazem eu nunca percebi.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Paula: Nada..

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Paula: Então, não me incomoda tanto se eu visse uma mulher muito elegante, ou estilosa. Como eu não me identifico com roupas curtas, eu automaticamente acho que meu companheiro também não vai gostar, por isso eu me sinto atingida em ver uma mulher muito estilosa.

Isabella: **Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?**

Paula: Sim, já alisei o cabelo, sem contar nos meus cortes, que era tudo corte estiloso, porque eu tava [estava] seguindo alguma moda.

Isabella: **Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?**

Paula: Já sim, as progressivas foram todas dolorosas. Também já cheguei a fazer depilação com cera fria quando era pequena, nossa... por que? Pra [Para] mim é bem doloroso fazer a sobrancelha, sempre foi, e já sofri bastante fazendo peeling.

Isabella: **Você já se sentiu fora do peso?**

Paula: Sim. Estou me sentido, mas eu acho que eu nunca me senti dentro do peso.

Isabella: **Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?**

Paula: Não.

Isabella: **O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?**

Paula: Eu fico pensando se eu estou assim. Eu estou sempre em comparação com alguém, comparando se estou magra ou gorda que nem aquela pessoa. Eu tenho noção que eu não estou gorda, mas sei que não estou tão magra. Eu, também, não gosto de dizer que eu tô [estou] gorda na presença de uma mulher realmente gorda. Até mesmo porque quando eu vejo uma mulher gorda eu imagino que a pessoa está feliz e que ela se aceitou.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra? Paula: Eu não acho bonito. Não é algo que eu queria ser. Mas ainda prefiro ser Bruna Marquezine do que Alexandra Gurgel²³.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Paula: Não que eu me lembre, eu acho que eu só usava coisas que eu gostava ou achava que eu gostava.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Paula: Conforto.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Paula: Sim, total!

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Paula: Sim, tipo Isabelli Drummond.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Paula: Admiração

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Paula: Sim, acho que você se sente inferior. O que eu faço é procurar algum defeito na pessoa, para não me sentir tão inferior.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

²³ Bruna Marquezine representa um corpo magro, a atriz é fortemente criticada nas redes sociais por apresentar um padrão de magreza excessiva. Já a *influencer* Alexandra Gurgel representa um corpo gordo, que também sofre duras críticas na internet por apresentar um corpo fora do padrão de beleza brasileira.

Paula: Sim, me sentia muito superior, porque eu sempre fui muito magra, então, eu nunca tive problema de me restringir de comer alguma coisa, ou ter que ir fazer academia para emagrecer, eu me sentia até aliviada por não precisar passar por isso.

Isabella: **Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?**

Paula: Acho que hoje em dia não, mas já fiz isso, de julgar a cara da mulher, do tipo, ‘acho que tem cara de enjoada, de metida’ essas coisas.

Isabella: **Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?**

Paula: Sim, vivi isso com um menino que eu ficava mas eu era a a última opção dele. Lembro que ele tinha ficado interessado por varias meninas que não tinham nada de mais, na minha opinião. Então, eu me sentia muito feia, achava que tinha alguma coisa errada comigo, porque ele não me escolhia para ficar com ele, porque pra [para] mim as meninas que ele ficava não eram tão interessantes.

Isabella: **Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?**

Paula: Não.

Isabella: **Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?**

Paula: Não.

Isabella: **Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?**

Paula: Sim, não sei qual sentimento que eu tinha com essa menina, que era minha amiga pra [para] você vê ... mas a gente brigava muito de dar porrada uma na outra.

Isabella: **Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?**

Paula: Não.

Isabella: **Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?**

Paula: Não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Paula: Não.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Paula: Sim, teve uma vez que eu peguei um menino que a minha prima gostava e ali eu senti que trai ela.

Apêndice L

Entrevistada Isabel

Entrevistada Isabel, de 18 anos, de cor branca, cursa a graduação de Direito, moradora da Zona Sul do Rio de Janeiro, heterossexual, solteira, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Isabel: Sim, principalmente, por conta da minha orelha. Eu sempre sofri bullying com isso e queria mudar isso em mim. Eu sempre tive esse incomodo, e quando as pessoas falavam me dava tristeza porque eu me sentia fora do padrão.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Isabel: Sim, minha mãe sempre me perequetou [arrumou] inteira. Mas para mim, depende se eu quero ou não usar, acho que eu sou vaidosa em partes.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Isabel: Os dois, nunca vi uma diferença.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha?
(...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Isabel: Sim, meu sonho era ter a casa da Barbie, mas eu nunca tive.

Isabella: **Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?**

Isabel: Minha mãe me compara muito em relação ao meu estudo, que eu não estou me esforçando tanto quanto uma amiga minha. Ou comparação em relação ao meu corpo. Que uma amiga minha é mais magrinha do que eu, porque eu tô [estou] comendo muito ou porque fulana tem mais corpo do eu, mas é mais nova do que eu. Acho que ela compara bastante o meu corpo, eu não gosto muito não. Só [gosto] quando ela diz que eu tenho mais corpo do que a outra[rapariga], aí eu me sinto melhor

Isabella: **Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas?**

O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Isabel: Acho que beleza e corpo, do tipo ‘Fulana tem mais corpo do que você’, essas coisas.

Isabella: **E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem?**

Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Isabel: Sim, minha mãe mesmo compara, ‘Nossa, você é igualzinha a mim na sua idade, magrinha’.

Isabella: **Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?**

Isabel: Não, minha mãe às vezes fala para eu parar de tomar refrigerante porque eu tenho facilidade de ter estria e aí ela me lembra que eu tenho estria, mas nada muito duro, parece que é mais uma preocupação do que uma repressão.

Isabella: **Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?**

Isabel: Sim, em relação a estudo, a arrumar a casa e a ser mais proativa.

Isabella: **Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?**

Isabel: Sim, ela é muito determinada.

Isabella: **Você já quis ser a sua mãe?**

Isabel: Não.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Isabel: Não

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Isabel: Não

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Isabel: Não na forma de julgamento, mas sim de preocupação. O meu pai que me vê pouco agora, então, sempre que ele me vê fala que eu preciso me alimentar melhor, mas sempre foi de forma cautelosa.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Isabel: Sim, quando eu uso um short muito curto, minha mãe diz pra [para] mim por um casaco na cintura, porque é perigoso sai assim na rua. Ela alerta de uma forma bem cuidadosa.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Isabel: Não que eu lembre.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Isabel: Às vezes, eu olho e penso ‘Nossa, não quer botar uma calça? Tá frio!’.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Isabel: Ah espero que ele não olhe, né?

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Isabel: Não, mas é estranho, porque eu não gosto do meu corpo, mas também não faço nada para mudar.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Isabel: Depilação e progressiva, porque mesmo meu cabelo sendo liso, ele é volumoso, mas é tenso fazer, o cheiro é muito forte.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Isabel: Sim. Estou fora, fora para menos.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Isabel: Já sofri em relação a minha orelha, mas também em relação ao meu corpo. Tipo as pessoas falam que sou magrela e desbundada [sem bunda], aí eu fico meio mal, porque queria ter mais corpo.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Isabel: Se ela fosse muitooo (ênfatisou) gorda eu ficaria preocupada, do tipo, essa pessoa precisa se alimentar melhor, mas se não for algo anormal, de boa.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra? **Isabel:** Eu ficaria preocupada.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Isabel: Não.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Isabel: Conforto.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Isabel: Sim, a todas famosas teens e blogueiras.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Isabel: Sim, mas não de ser ela, mas sim ter as condições financeiras iguais as dela.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Isabel: Admiração

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Isabel: Sim, muitas vezes, eu me sinto triste, insuficiente e chateada.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Isabel: Sim, me sentia muito superior, porque eu sempre fui muito magra, então, eu nunca tive problema de me restringir de comer alguma coisa, ou ter que ir fazer academia para emagrecer, eu me sentia até aliviada por não precisar passar por isso.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Isabel: Sim, mas eu falo mais ‘Nossa, que filha da mãe de linda’, mas faço no tom de brincadeira, tipo admirando.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Isabel: Não

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Isabel: Não.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Isabel: Sim, que situação, muito ruim isso.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Isabel: Sim, não sei qual sentimento que eu tinha com essa menina, que era minha amiga pra [para] você vê ... mas a gente brigava muito de dar porrada uma na outra.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Isabel: Não.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Isabel: Não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Isabel: Não.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Isabel: Não.

Apêndice M

Entrevistada Cissa

Entrevistada Cissa, de 65 anos, de cor branca, servidora pública aposentada, moradora da Zona Norte do Rio de Janeiro, heterossexual, solteira, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Cissa: Sim, eu era bem bonita, era pequena e tinha um corpo escultural, sabe? Eu não me preocupava muito com ele, mas quando eu cresci achei que o corpo era usado para seduzir, como se essa fosse a única função do corpo.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Cissa: A vaidade para mim chegou ainda mais forte quando eu comecei a trabalhar. Eu usava sombras chamativas porque era da moda da época, e eu comecei a me comparar com a mulheres que trabalhavam comigo. Eu passava ferro de passar no cabelo ou pente de ferro quente. Hoje percebo que meu pai era muito vaidoso, já naquela época, ele tirava o pelo de nariz, passava loção na barba e no cabelo, não sei sem.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Cissa: Meu pai proibia brincadeiras com os meninos, então, já viu... eu só brincava com meninas.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha?
(...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Cissa: Sim, eu não tive festa de 15 anos, e ficava em pé no basculante olhando a festa da vizinha imaginando como seria a minha. A inveja me causava dor, sabe? Eu também tinha muita inveja de qualquer jovem que tinha um namorado, não precisava nem ser amiga.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Cissa: Não de maneira direta e era mais em relação a aparência.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas?
O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Cissa: Acho que beleza e corpo, do tipo ‘Fulana tem mais corpo do que você’, essas coisas.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem?
Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Cissa: Não, fazia isso não.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Cissa: Ela não inferiorizava a gente, eu e as minhas irmãs, ela dizia mais como se devia ser.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Cissa: Então, minha mãe era uma mulher muito dura e achava que todas as filhas precisavam ser iguais a ela, sempre se colou como exemplo em tudo. Porque ‘eu sou uma ótima esposa, uma ótima mãe, uma ótima irmã’...ela era muito classuda (tinha classe), educada e dizia que devíamos estar sempre bem maquiadas, iguais a ela, arrumadas, iguais a ela, porque se a gente fosse que nem ela, teríamos sucesso”

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Cissa: Não, pelo contrário, essa dureza dela só nos afastou dela.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Cissa: Não.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Cissa: Não, sentia pena.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Cissa: Não

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Cissa: Não

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Cissa: Sim, eu tinha que usar o mesmo vestido e sandália que era igual das minhas irmãs, uma espécie de uniforme. A gente tinha que esconder as roupas que a gente queria usar na rua e antes de entrar em casa colocávamos o uniforme.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Cissa: No passado sim, eu colocava muita roupa sedutora, mas hoje nem reparo.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Cissa: Não passa nada, cada um tem a sua forma de se vestir, quando eu tô [estou] na vida do outro, eu paro de viver a minha. Posso até não achar bonita, mas é indiferente para mim.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Cissa: Eu conheci mulheres muito sedutoras, que elas faziam questão de seduzir homens acompanhados. Então, se ela não ficar com jogo de sedução, está tudo bem. Mas me afeta se o comportamento dela for influenciar o meu espaço ou o meu companheiro, sabe?

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Cissa: Sim, mas eu sempre tentei respeitar o meu gosto. A moda do cabelo escorrido, eu alisava, mas mantinha no tamanho que eu gostava, sabe?

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Cissa: Não, mas se eu pudesse faria lipo e eu sei que dói bastante.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Cissa: Sim e estou fora do peso.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Cissa: Sim. De fazerem piadinhas como me chamarem de ‘Barril’, ‘Tonel de chopp’, ‘Nossa você com essa roupa tá parecendo um latão de gasolina’. Mas não me afetava, sinceramente.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Cissa: Eu penso em como eu posso ajudar ela.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Cissa: Se eu perceber que é uma doença tentaria ajuda-la, para encaminha-la para um psicóloga, sabe?

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Cissa: Não, porque sempre me respeitei.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Cissa: Pessoas.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Cissa: Sim, acho as roupas da Regina Casé interessantes. Ela é uma famosa que eu sempre fico de olho, porque gosto do estilo dela e ela tem o corpo parecido com o meu.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Cissa: Não, isso não.

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Cissa: Muitas vezes, porque eu tenho um complexo de inferioridade. Eu sentia inveja de qualquer uma, não precisava nem ser amiga.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Cissa: Sim, principalmente, em festas. Eu chegava e as pessoas paravam e me notavam, eu me achava um máximo. Eu tinha muito facilidade para conquistar os homens por causa disso.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Cissa: Não, isso não.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Cissa: Sim, mas eu nunca gostei da competição, mas na minha geração tinha muitas mulheres que usavam da sexualidade para seduzir o cara para ganhar o jogo, sabe?

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Cissa: Sim, já aconteceu, mas eu sempre me afastava e dava um toque no homem.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Cissa: Sim, muitas vezes.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Cissa: Sim, não sei qual sentimento que eu tinha com essa menina, que era minha amiga pra [para] você vê ... mas a gente brigava muito de dar porrada uma na outra.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Cissa: Não, talvez, pela minha criação, porque a gente não podia ter amigos nem conversar com ninguém. Meu pai controlava as horas que nós saíamos para a escola, nunca fui a aniversário de nenhuma coleguinha, nunca tive uma boneca e com sete anos a gente já cozinhou.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Cissa: Não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Cissa: Sim, várias vezes também.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Cissa: Sim, mas já vivi casos diferentes, já trai amizade por influencia do parceiro da minha amiga, mas também pelo meu próprio parceiro, sabe?

Apêndice N

Entrevistada Lourdes

Entrevistada *Lourdes*, de 28 anos, de cor branca, Graduada em Direito, estudante de concurso público, heterossexual, solteira, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Lourdes: Não, não tinha noção disso.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Lourdes: Sim, com certeza, minha mãe, por exemplo, ela não sai de casa sem um batom e sem anel. Hoje, eu não consigo sair sem anel que nem ela ... eu vejo que eu repito a mesma coisa do que ela.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Lourdes: Meninas, mas eu acho que era porque o meu universo era de meninas, sabe?

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Lourdes: Sim, mas eu acho que não era uma inveja, porque acho a inveja é muito negativa, mas era um querer ser igual por achar legal. Queria ter a vida da amiga, naquele momento para ter aquele brinquedo, sabe?

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Lourdes: Pela minha mãe não, mas pela minha vó sim. Porque pra [para] ela a grama do vizinho é sempre mais verde. Mas eu já conheço esse jeito da minha vó, e não me influencia mais. Tinha uma menina lá no prédio que ela mora que era mais mirradinha do que eu e ela era super desenvolta na forma de falar com as pessoas e eu não, então, ela sempre comparava.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Lourdes: Acho que era o jeito de ser.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Lourdes: Já, ela fala muito em questão de trabalho, tipo, na sua idade eu já trabalhava, e você ainda nada.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Lourdes: Não, minha mãe não faz isso não.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu? **Lourdes:** Não. Acho que a minha mãe foi muito exigida pela minha vó, então, ela sempre foi mais

compreensiva, ela me motiva nos concursos públicos dizendo que ‘a sua hora vai chegar, minha filha’, então, acaba que essa compreensão é maior do que o grau de exigência dela.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Lourdes: Em alguns pontos sim. Principalmente, dela ser independente.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Lourdes: Nunca, Deus me livre.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Lourdes: Cara, acho que sim, tipo minha mãe consegue lidar com muita coisa sozinha. No divórcio dela com o meu pai, ela comprou a parta da casa do meu pai, ela trabalhou muito para conseguir as coisas e sempre administrou tudo sozinha, porque meu pai não fazia nada. Ela fez obra sozinha, ela consegue contornar os meus avôs, que são pessoas difíceis. Cara, a vida toda a minha mãe sempre arrumava a casa e trabalhava. Então, ela faz muita coisa! Eu invejo ela nesse aspecto de conseguir dar conta de tudo, sabe?

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Lourdes: Não.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Lourdes: Sim, mas por exemplo, minha mãe é mais sutil quando fala do meu peso. Ela pode reclamar, mas não me coloca pra [para] baixo, sabe? Vejo que ela tem mais preocupação com a minha saúde. Do tipo, ‘filha, come mais um pouquinho’; ‘filha, você não vai comer nada?’; ‘você precisa de alimentar melhor para não ficar resfriada’. Já o meu pai, fala de uma forma mais dura, ‘ahh você tem que ter mais carne!’ ou ‘o tipo de mulher que o homem gosta tem mais corpo, hein!’. Mas, hoje em dia, confesso que levo mais de boa quando se trata da opinião dos meus pais. Agora se for a opinião de um parceiro, alguém que eu esteja no momento, nossa, eu levo muito em consideração

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Lourdes: Não, pera, talvez, a minha vó, mas é porque nada para ela é bom ou de qualidade.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Lourdes: Sim, acho que existem olhares de muita reprovação, não só de mulheres, mais de homens mais velhos também.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Lourdes: Tipo uma mulher de roupas curtas não me diz nada, mas se eu estiver na presença do meu namorado, eu sei que vou me senti ameaçada.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Lourdes: Sim, essa questão de ser magra é muito presente para mim. Quando eu era pequena eu queria ser modelo, tipo magra que nem uma modelo, sabe?

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Lourdes: Cara, para mim a depilação completa é bem dolorosa, mas eu faço. Mas acho sinistra.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Lourdes: Não, só queria ter um pouquinho menos de barriga.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Lourdes: Mais ou menos, meu pai era quem brincava comigo principalmente em relação as minha pernas, tipo, ‘vai pescar?’, e quando eu era pequena não gostava, né... nem um pouco.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Lourdes: Eu, sinceramente, não acho natural, mas posso achar legal se elas têm a consciência corporal do tipo ‘não me importo com o manequim que eu visto’, mas eu tentaria mudar.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Lourdes: Dependendo de tão magra é...tipo caveira eu não acho legal, mas se for a magra modelo eu gosto, tipo, eu acho que a Marquezzine tá [está] bonita, apesar do que tão [estão] falando. Ela tem um corpo de modelo e modelo é assim, gente!

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Lourdes: Acho que eu só aceitava, sem refletir muito o que eu gostava e o que eu não gostava.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Lourdes: Ambiente

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Lourdes: Sim, várias! Tipo Hilary Duff, Giovanna Antonelli, Gisele Bundchen, Jennifer Aniston, ui muitas!

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Lourdes: Sim, total!

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Lourdes: Era mais uma admiração, a inveja seria uma inveja boa, sabe?

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Lourdes: Sim, muitas vezes. Eu me sinto insuficiente, porque eu automaticamente me comparo a ela. Eu realmente tenho a sensação de irrelevância. Parece que tudo se baseia na ideia que o corpo da outra mulher é mais importante do que eu sou.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Lourdes: Fato, até hoje. E eu falo na cara, principalmente, quando é a minha amiga! Eu falo, você é mito legal, mas é feia que dói.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Lourdes: Sim, provavelmente, tipo, ‘também não faz mais nada da vida’ ... essas coisas.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Lourdes: Sim, com o meu namorado atual, inclusive.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Lourdes: Acho que sim.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Lourdes: Não.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Lourdes: Não.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Lourdes: Ai... acho que não. Tenho não.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Lourdes: Não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Lourdes: Não.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Lourdes: Não que eu me lembre.

Apêndice O

Entrevistada Raquel

Entrevistada Raquel, de 56 anos, de cor branca, graduada em Administração, bancária aposentada, moradora da Zona Norte do Rio de Janeiro, heterossexual, solteira, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Raquel: Eu me sentia mal porque eu era gordinha. Eu me sentia recalcada mesmo. Depois na adolescência que eu comecei a me preocupar mais com a aparência. Quando eu tinha 15 e 16 anos, eu comecei a me preocupar mais. E aí com uns 12 anos eu emagreci. E eu não queria mais engordar, eu só queria conservar.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Raquel: Não. Minha inspiração foi as minhas amigas na escola quando eu tinha uns 13 anos, porque a minha mãe não era e não é vaidosa em nada.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Raquel: Quando eu era criança eu não tinha muitas amigas, então, eu só brincava com uma menina que morava na minha vila. Eu também brincava com meu primo que era como se fosse meu irmão. Mas eu não tinha muita gente para brincar.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Raquel: Sim, porque eu não tinha muitos brinquedos, minha infância foi bem pobrinha, mas não sei se era uma inveja. Era mais em relação ao objeto do que a pessoa em si.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Raquel: Sim. Sempre comparava, e até hoje compara. Ela gosta muito de menosprezar quem é da família dela. Quando eu era criança eu gostava de aniversário, e ela achava que era besteira, e eu ficava magoada. Minha mãe é muito seca, sempre foi comigo e eu sempre fui muito carinhosa. Minha tia, a irmã dela, era mias carinhosa, então ela tentava me agradar, já que a minha mãe não fazia.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Raquel: Sim, era mais o jeito de ser.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Raquel: Fisicamente não, mas me comparava com outras pessoas da minha idade que sabiam fazer algumas coisas, como costurar e cozinhar, ou de ser proativa ... ‘Poxa, a fulana já chegou em casa e já lavou a roupa’. Ela comparava que as outras estudavam mais do que eu, que sabiam bordar e eu não sabia fazer nada. Eu me sentia inferiorizada. Quando virei adulta eu parei de ouvir essas comparações, que na verdade é porque ela própria se sente inferiorizada, e por isso, ela cobra tanto de mim.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Raquel: Não em relação a aparência, sempre foi mais voltado a minha capacidade.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Raquel: Já, Eu não gostava de estudar e ela que exigia que eu estudasse, estudar inglês, fazer faculdade, algo que eu vejo que foi positivo até. E ela também me exige muito com a casa, casa tem que tá um brinco.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Raquel: Vejo ela como um bom exemplo, porque procurou sempre trabalhar, ela mesmo não trabalhava fora, mas ela costurava, então, era uma forma dela ajudar a família e ter seu próprio dinheiro. Ela é exemplo de perseverança para mim. Ela sempre disse pra mim [para] ‘Trata de ter seu dinheiro, para não depender de marido’. E eu tive a minha dependência financeira muito graças ao que ela me ensinou.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Raquel: Ah isso não, Deus que me livre.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Raquel: Não.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Raquel: Não, eu sou muito tranquila nesse aspecto.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Raquel: Sim, minha mãe mesmo. Ela falava no soco, de forma bem dura ‘Tás com as costas gordas, postura errada, toda torta’, essas coisas.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Raquel: Já, do tipo ... ‘com essa idade vai com short na rua’. Antigamente, eu ficava mais chateada, mas depois eu passei a não ligar mais.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Raquel: Não sinto, porque não sou de usar roupas curtas, nunca percebi que estava sendo julgada.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Raquel: Eu penso que quer se exibir, mas depende onde a pessoa esteja. Não tem necessidade disso, podia tá [estpa] vestida de uma maneira mais legal sem mostrar tanto o corpo.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Raquel: Ai rola aquele ciúmes, porque a pessoa automaticamente olha e eu não gosto. Penso logo, ‘aquela piranha quer estragar meu dia’. Dá aquela insegurança e ciúmes.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Raquel: O que eu tento me encaixar é na questão de tentar ser magra, ou seja, comer menos. Isso é uma coisa que eu tento me encaixar, não comer muito para não engordar. Afinal,

ninguém quer ser gordo. Acho que eu sou assim porque quando eu era pequena eu era bem gorda, bem gorda mesmo e, nossa, me sacaneavam muito. Então, ser magra é um cuidado que eu tenho. Não dá para você por um biquíni bonito se você é gorda por exemplo, eu acho de mal gosto.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Raquel: Eu tomava injeção de colágeno na cara, mas diferente do botox, essa doía muito! Eu fiquei devendo duas sessões, paguei, mas não fui mais, porque doía muito. Essa injeção servia pra [para] revigorar o colágeno que quando a gente vai ficando velha vai perdendo, né?!

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Raquel: Sim, eu tô [estou] fora do peso, sinto que não tô [estou] bem, de não gostar o que eu tô [estou] vendo, mas é aquilo ... força de vontade de fechar a boca.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Raquel: Sim, na infância principalmente, na escola me chamavam de elefante, baleia, bolota. Mas eu acho que isso não foi negativo pra [para] mim, foi algo positivo, porque quando eu emagreci depois que cresci, eu percebi que eu não queria voltar a ser gorda, e isso me incentivou a mudar.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Raquel: Eu penso, coitada, será que ela não consegue emagrecer. Acho que as pessoas não são gordas porque querem, acabo tendo sentimento de pena, nada fica bem nelas. Coloca a roupa na menina magrinha, tudo fica bonitinho, já na gorda não fica.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra? Raquel:
A também penso coitada, deve ter algum problema. Também não acho bonito.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Raquel: Olha, eu já estiquei o cabelo, mas não gostei, fiz uma vez e detestei. Eu tento me adaptar a moda, quando eu acho que é bonito. Porque tem coisas que eu não consigo acompanhar a moda, roupas que eu acho bonitas, mas não ficam bem em mim.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Raquel: Pessoas, quem vai tá [está] lá.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Raquel: Sempre.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Raquel: Eu achava a Vera Fisher muito bonita, eu sempre reparava como ela se vestia e usava umas roupas que disfarçavam a idade dela e valorizavam o que ela tinha de bonito. E ela sempre teve uma postura elegante, e sempre de boa aparência.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Raquel: Admiração

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Raquel: Claro, me sinto inferiorizada total! Aí fico pensando o que dava para melhorar em mim, né, pra [para] ficar igual a bonitona lá, mas até eu chegar no pensando de ‘pô, legal (fixe), como faço pra [para] ser assim’, eu primeiro me sinto bem mal

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Raquel: Sim, eu procuro não me exhibir, mas fico feliz.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Raquel: Sim. Eu acho que a gente tira conclusões sem conhecer a pessoa. Às vezes, a pessoa é bonita, então, te dá inveja e você pensa que é piranha. Às vezes, a pessoa é legal, mas gosta só de chamar atenção.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Raquel: Sim, e pensava que eu tinha que vencer, tinha que conseguir, era tipo um troféu.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Raquel: Não.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Raquel: Sim, e foi traição mesmo. Ela já dava em cima dele e tudo, mas eu achava que esse meu namorado na época não seria capaz de ficar com ela, mas dito e feito, eles ficaram enquanto a gente ainda namorava.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Raquel: Sim, eu era uma criança gorda e tinha algumas garotas que debochavam de mim. Tipo assim, eu gostava de um menino e ele gostava de outra menina, porque ela era mais bonita do que eu, então, virava a minha rival na hora! Ou seja, todas meninas que ele gostava eram minhas rivais, ui eu tinha muitas rivais (riu).

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Raquel: Não.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Raquel: Sim, acho que todo mundo faz, mas depois passa o tempo, e você percebe que a culpa é do cara também. Porque tem mulher que gosta da disputa, mas depois você vê que ele é o ocupado, porque ele deu margem ou deu abertura.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Raquel: Sim, não era muito amiga, mas já tive amiga que descobri que ela tava [estava] dando em cima do cara que eu estava na época.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Raquel: Não. Eu sempre dei muito valor a amizade.

Apêndice P

Entrevistada Alice

Entrevistada Alice, de 30 anos, de cor negra, graduada em Administração, Representante de Vendas, moradora da Zona Norte do Rio de Janeiro, heterossexual, solteira, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época? Alice:

Sim, sempre gostei de moda, desde que eu me conheço por gente. Então, ficar ligada nos padrões de beleza sempre foi algo prazeroso para mim.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Alice: Sim, unha feita, cabelo, roupa e eu tinha que tá [está] sempre muito mais bonita, porque eu sou a preta, né. Eu tinha que tá sempre impecável porque eu podia parecer uma mendiga, né?

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Alice: Brincava mais com menina, porque eu gostava de brincar de cosias de meninas.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha?

(...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Alice: Já com certeza, eu me sentia triste e chateada.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Alice: Não...

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas?

O que mais era levado em consideração – beleza, jeito de ser ou inteligência?

Alice: Sim, tudo era levado em conta.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem?
Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Alice: Não

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Alice: Não, ela nunca fez isso.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Alice: Já, em relação aos estudos e ser funcionaria publica.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Alice: Mais ou menos. Ela é muito batalhadora. Isso eu admiro ela.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Alice: Não.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Alice: Não.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua? **Alice:**
Não.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Alice: Já. Mas foi de uma forma sutil. Minha mãe me chama atenção pela saúde. Acho que ela tem duas preocupações porque eu sou negra e também porque ela é muito fitness.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Alice: Não, minha mãe nunca me chamou de piranha... essas coisas aí que um monte de mãe faz. No máximo ela dizia, ‘Pra [para] mim você poderia andar assim, mas pelos outros não’. Mas sempre me alertou de uma forma cuidadosa.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Alice: Sim, mas eu não tô [estou] nem aí (não liga).

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Alice: Nada, penso em nada.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Alice: Nada, se ele não fizer nada a ela, não sinto nada é claro.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Alice: Sim, magreza, por exemplo, pra [para] mim não dá pra ser gorda. As pessoas te olham diferente, eu me sinto mal se eu tô [estou] acima do peso. Eu sempre tive ligação com a moda.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Alice: Sim, alisamento de cabelo e cera. O alisamento foi bem doloroso porque eu era totalmente refém de algo que não era eu.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Alice: Sim, me sentia impotente e não tinha condicionamento físico nenhum. Eu sentia algo mais emocional também, por causa da ansiedade.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Alice: Já, já me apelidaram de *chuby*, gordinha, ou aquela piada sem graça ‘Ta ocupado muito espaço’.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Alice: Indiferente pra [para] mim.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Alice: Aí eu fico mais preocupada porque ela pode está sofrendo, pode tá [está] doente.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Alice: Sim, as calças de cintura baixa e alisamento.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Alice: Conforto.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Alice: Sempre.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Alice: Sim, a várias! Tipo Rhianna, Kelly Kie, Sandy Junior, a personagem Pata das chiquitchitas, e, claro, a musa Beyonce.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Alice: Admiração

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Alice: Sim, pô, fico pensando que tenho que emagrecer, que minha maquiagem não tá [está] boa o suficiente quanto a dela.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Alice: Nunca.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminui-la?

Alice: Sim, mas é quando falta o intelectual, ou a pessoa é racista, ou machista.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Alice: Sim, já aconteceu sim. Inclusive se eu tenho namorado hoje é por causa disso, porque eu competi com outra mulher lá, sabe? Mas venci.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Alice: Não.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Alice: Já, era uma menina que era muito piranha, uma pessoa complicada, na verdade. Ela morava na frente do meu ex.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Alice: Várias, amigas que não tinha afinidade eram minhas rivais na certa, sempre. E também quando rolava (acontecía) uma inveja por não ter um bem material que a outra tinha.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Alice: Não, tenho não.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Alice: Não, porque eu estou me relacionando com o homem e não com a mulher.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Alice: Não.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Alice: Não.

Entrevistada Thamiris, de 29 anos, de cor negra, graduada em Letras e Espanhol, Promotora de Eventos, moradora da Zona Norte do Rio de Janeiro, bissexual, solteira, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Thamiris: Sim. Mas a minha preocupação era muito mais de pertencimento. Eu estudava em uma escola de classe média e com poucas crianças negras. Então, existia a questão de não ter ninguém parecida comigo. Além disso, eu também não tinha um referencial em casa, porque minha mãe que é branca nunca soube como poderia cuidar do meu cabelo. Então, o cabelo passou a ser uma preocupação para mim desde sempre, não é à toa que eu comecei a fazer relaxamento no cabelo antes dos 10 anos, pelo menos.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Thamiris: Na infância muito pouco, porque a minha mãe já foi uma pessoa mais vaidosa, mas foi perdendo com o tempo. Quando eu mudei de escola, nos meus 10 anos de idade, eu percebi uma outra realidade. Reparei que as meninas todas iam arrumadas, faziam unha, cabelo, usavam maquiagem e só se vestiam com roupa de marca. Então, aos poucos fui aderindo. Eu fui muito influenciada pela minha mãe de leite também, porque ela sim era bem vaidosa. E eu já fui tão vaidosa ao ponto de fazer unha toda semana no salão, de querer tá [está] sempre bem arrumada.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Thamiris: Com meninos. Acho porque as brincadeiras eram mais dinâmicas. Para mim era mais sobre o que a gente ia brincar do que com quem eu estava brincando.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Thamiris: Sim, se fosse uma amiga que eu tivesse intimidade e deixasse eu brincar tudo bem. Mas quando não, eu ficava chateada, porque a amiga não queria emprestar.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Thamiris: Sim, muito sempre por desempenho escolar, para ela as minhas notas, por mais que fossem boas, não eram o suficiente.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, jeito de ser ou inteligência?

Thamiris: Sim, inteligência.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Thamiris: Não, mas já vi amiga delas comentando. Porque a minha mãe era muito bonita quando ela era mais jovem, e hoje ela é totalmente diferente, já que ela está gorda e usa o cabelo raspado.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Thamiris: Não.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Thamiris: Sim, sempre em relação ao meu desempenho intelectual. Eu tinha que passar para universidade pública, por exemplo. Ela não se importava em qual curso eu faria, ou se eu queria fazer aquele curso que eu passei, era mais por ser uma universidade pública e eu tinha que passar.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Thamiris: Para certas coisas sim. Eu acho ela muito trabalhadora e independente. Mas certos comportamentos eu não quero ter que nem ela.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Thamiris: Não.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Thamiris: Não.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Thamiris: Não.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Thamiris: Sim, com muita gente, inclusive. A minha mãe sempre foi a tia legal que resolvia as cosias e falava abertamente de tudo com as minhas primas, por exemplo. Mas comigo era bem diferente, porque ela não era tão aberta assim. Não conversava das coisas íntimas que eu tinha dúvida. Tenho ciúmes dela com o meu tio mais novo, porque ela se comporta como se ele fosse uma criança. E, sem contar, que com ele, ela senta e conversa, já comigo não. Tinha ciúmes, na minha época de escola, porque as mães dos melhores alunos tinham o direito de tomarem um café da manhã com a diretora, e minha mãe me comparava com uma menina que sempre era chamada e eu tinha muito ciúmes disso.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Thamiris: Não. Até porquê a minha mãe é muito mais sem noção do que eu em relação a roupa.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Thamiris: Sim, total.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Thamiris: Depende do curto e do ambiente. Por exemplo, aqui no Rio, no carnaval a regra era maiô enfiado no cu, mas o que os homens vão se sentir no direito de fazer com isso? Entende a minha preocupação. Eu não acho ok ir para o trabalho com o vestido super curto, ou decotado, porque sempre vão descredibilizar a mulher.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Thamiris: Eu acho que não necessariamente pela roupa, mas se eu achar que ela é mais bonita do que eu, eu vou me sentir ameaçada.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Thamiris: Sim, alisamento de cabelo porque foi uma constante na minha vida por muitos anos, até por conta dos episódios de racismo que eu sofria na escola. Já fiz tanta coisa que já perdi o cabelo várias vezes.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Thamiris: Sim, alisamento como eu já falei. E depilação, porque dói e é invasivo. Eu sempre volto e me pergunto “Por que?”.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Thamiris: Sim, várias vezes. Mas hoje eu não acho que estou fora do peso, mas tenho consciência que o meu peso não é padrão, porque o meu corpo não é o padrão.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Thamiris: Não exatamente, porque o meu biótipo não é magro, mas também não é gordo. Mas senti uma reprovação das pessoas quando eu dançava ballet, porque meu corpo não se encaixava nos padrões dessa dança. As meninas magras ficavam na frente, e aquelas que não estavam dentro do padrão não recebiam destaque. Acho que foi a única época que eu pensei em fazer dieta, eu só tinha 14 ou 15 anos.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Thamiris: Hoje em dia, passa menos coisa. Depende muito do ambiente e do contexto também. A primeira coisa que eu penso é que eu tenho muito medo de ser uma pessoa obesa por uma questão de acesso. Você não consegue dividir um acento no ônibus com alguém, não passa na roleta, não consegue se locomover e se você tem mais de 250kg, não existe balança humana que posso medir seu peso. Então, eu tenho medo de ficar assim. Também fico pensando se for uma pessoa gorda que não está se sentindo confortável naquela situação, eu me sinto mal por aquela pessoa. Mas se for aquela pessoa empoderada, eu acho incrível, é isso aí! Acho que depende como eu sinto a pessoa.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Thamiris: Eu penso que a pessoa pode estar doente. Eu tendo achar que ela tem algum distúrbio alimentar.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Alice: O alisamento, porque no começo eu queria passar despercebida, depois fiquei refém daquilo.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Thamiris: Ambiente.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Thamiris: Sim, tipo Beyoncé.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Thamiris: Sim!

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Thamiris: Admiração.

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Thamiris: Sim, acho que depende do que eu achei bonito naquela pessoa, que normalmente é corpo. Aí, geralmente me vem o sentimento que eu queria ter o corpo mais parecido com o dela, ou o que eu faço para ter o corpo igual ao dela, mas eu também não faço nada para mudar. E, claro, penso que os caras vão preferir ficar com ela do que comigo.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Thamiris: Sim, no primeiro momento é um julgamento raso. ‘Nossa, a fulana engordou muito, tá [está] com o cabelo esquisito’. Mas no segundo momento, eu volto atrás e penso que não é da minha conta.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Thamiris: Sim, com certeza.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Thamiris: Sim, já perdia as contas.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Thamiris: Sim.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Thamiris: Não, isso não.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Thamiris: Na infância não, mas por volta dos 12 anos sim. E não era apenas uma pessoa específica era um grupo de rivais na escola.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Thamiris: Cara, hoje não. Óbvio que eu não tenho afinidade com várias mina [mulheres] que conheço mas não é nessa ideia de rivalidade.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Thamiris: Não, mas já fui a mulher culpada.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Thamiris: Não.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Thamiris: Sim, quando fiquei com o ex namorado de uma amiga. Sinto que traí a amizade dela, mas foi uma situação muito confusa, porque ela tinha falado que eu podia ficar (beijar)

com ele, fiquei com ele, ela ficou puta (irritada) comigo, mas mesmo assim sinto que eu traí ela.

Apêndice R

Entrevistada Fabiana

Entrevistada Fabiana, de 61 anos, de cor branca, Faxineira Aposentada, moradora do subúrbio do Rio de Janeiro, heterossexual, casada, mãe de dois filhos, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Fabiana: Olha, eu sempre tive vontade de me arrumar. Eu queria me apresentar bonita, ter o cabelo arrumadinho, unha e cabelo feitos. Mas eu só pude me arrumar mais quando vim para o Rio. Então, isso veio depois de adulta. Principalmente, depois que tive o meu primeiro filho, eu comecei a me cuidar mais. Quando o pai do meu segundo filho apareceu eu comecei a me pintar mais, porque a gente saía para o baile e para o forró. E ele fala para mim hoje ‘Naquele tempo que eu conheci você, você era toda pintada e arrumadinha, agora...’ Mas mesmo assim eu me sinto feliz, porque eu tô [estou] do lado dele.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Fabiana: Minha mãe nunca falou essas coisas. Eu aprendi mesmo quando eu cheguei aqui no Rio, na empresa que eu fui trabalhar. E lá as mulheres andavam sempre muito maquiadas, e aí eu comecei a ver que eu tinha que melhorar, tinha que me cuidar um pouco, então, eu me cuidava. Andava toda perfumada e com roupas bonitinhas.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Fabiana: Meninas, porque eu fui criada na roça e meu pai não queria que eu brincasse com meninos. Meu pai sempre me ensinou, menino brinca com menino e menina com menina.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Fabiana: Com meninos. Acho porque as brincadeiras eram mais dinâmicas. Para mim era mais sobre o que a gente ia brinca do que com quem eu estava brincando.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Fabiana: Nunca tive.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas?
O que mais era levado em consideração – beleza, jeito de ser ou inteligência?

Fabiana: Acho que beleza.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem?
Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Fabiana: Não, não.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Fabiana: Não.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Fabiana: Não, tadinha, ela não tinha estudos, então, nunca exigiu muito da gente.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Fabiana: Sim, ela era uma pessoa muito boa.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Fabiana: Assim, eu achava ela muito bonita. Ela tinha uns olhos claros, era muito bonita mesmo. E eu queria ser bonita que nem ela.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Fabiana: Não, imagina.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Fabiana: Não.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Fabiana: Não, a nossa preocupação era se a gente tava [estava] comendo direito.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Fabiana: Não.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Fabiana: Nunca percebi nada, mas, às vezes, tenho vergonha.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Fabiana: Eu acho bonito para quem gosta, beleza é pra [para] se mostrar. Eu nunca gostei, mas acho bonito nos outros.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Fabiana: Eu não tenho ciúmes, mas já tive no início do meu relacionamento. Hoje eu dia, eu posso até sentir alguma coisa, mas eu não mostro para ele, de jeito nenhum.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Fabiana: Sim, como pintar o cabelo e a unha. Não fico sem pintar o cabelo.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Fabiana: Ah já depilei o rosto e doeu muito, muito mesmo! Hoje eu não faço mais essas coisas não.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Fabiana: Sim, estou fazendo dieta, mas ainda não cheguei ao peso ideal.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Fabiana: Não graças a Deus.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Fabiana: Coitadinha, eu tenho pena, fico pensando o que ela pode tá [estar] passando de ruim, a pessoa gorda tem dificuldade pra [para] tudo. Pra [para] pegar um transporte, comprar uma roupa e ainda zombam da cara da pobre coitada.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Fabiana: Eu tenho dó, eu penso ‘Será que ela se cuida?’

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Fabiana: Eu tentava encachear o cabelo, mas nunca dava certo. Uma vez também fiz a escova progressiva, não gostei, foi horrível. Cruz Credo!

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Fabiana: Conforto.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Fabiana: Sim, eu me inspiro em várias.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Fabiana: Não, nunca nem pensei nisso.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Fabiana: Admiração.

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Fabiana: Sim, tinha uma colega minha que eu achava ela muito bonita de corpo ... aí eu me sentia diminuída.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Fabiana: Não.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Fabiana: Não, eu não falo mal das pessoas.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Fabiana: Não, nunca, sempre fiquei na minha. Agora, se o moço viesse falara comigo ... eu falava com ele, só.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Fabiana: Não, não.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Fabiana: Sim.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Fabiana: Sim, já tive, mas prefiro não falar disso.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Fabiana: Não, eu me dou bem com todo mundo.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Fabiana: Sim, que foi esse caso que aconteceu.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Fabiana: Sim, essa moça aí que eu não quero falar.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Fabiana: Não, não.

Apêndice S

Entrevistada Sara

Entrevistada Sara, de 53 anos, de cor branca, graduada em odontologia, dentista e servidora pública aposentada, moradora da Zona Norte do Rio de Janeiro, heterossexual, casada, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época? Sara: Nem um pouco, só na adolescência.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Sara: Sim, minha vó era super vaidosa e minha mãe também. Mas quando eu era pequena eu gostava só de pintar as unhas, mas era incentivada a andar sempre arrumadinha e bonitinha.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Sara: Quando era pequena brincava com meninas, só na escola que eu brincava com meninos.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Sara: Sim, eu não me lembro especificamente o que, porque eu não era pobre, mas também não era rica. E não era comum as crianças terem muitos brinquedos, na minha época, você tinha um e outro, pronto.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Sara: Não, ela nunca fez isso não.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Sara: Depende. Na faculdade era em relação a inteligência, eu sentia uma invejinha das minhas amigas comigo, porque eu era boa aluna.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Sara: Sim, minha mãe sempre foi muito bonita e de cabelos bem lisinhos, já eu nasci com cabelo bem ondulado e volumoso. E esse cabelo sempre deu muito trabalho pra [para] minha mãe quando eu era pequena e acabavam me comparando com ela, porque eu tinha o cabelo bem diferente do dela ‘como assim meu cabelo saiu daquele jeito...’

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Sara: Mais ou menos, mas sempre foi em relação ao cabelo. Quando eu tinha sete anos e fui fazer natação cortaram o meu cabelo curtinho, por isso, hoje eu tenho trauma de cabelo curto, e cortaram porque não sabiam o que iam fazer com ele. E, claro, nunca mais tive o cabelo curtinho.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Sara: Sim, apesar de estudar e tudo, minha mãe me exigiu muito pra [para] eu passar para a policia, pagou cursinho e tudo. Ela sempre foi muito exigente com os meus estudos.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Sara: Sim, ela sempre foi muito trabalhadora e pegava no nosso pé, porque sabia que o estudo e trabalho era a melhor solução.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Sara: Não.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Sara: Já no sentido financeiro, em relação ao que ela conseguiu conquistar.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua? Sara: Não, somente com os meus irmãos.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Sara: Não, porque eu era bem magra. Às vezes, falavam que eu só tinha joelho, mas eu também era muito ruim de comer.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Sara: Não que eu saiba.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Sara: Nunca percebi nada.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Sara: Depende do corpo da mulher e da idade. Assim, eu não me incomodo, mas você vê uma mulher bem gordinha aparecendo a bunda e o peito, eu acho horrível. Eu tô [estou] com 50 anos e uso cropty, ai dá para ir pra[para] rua. Se eu fosse obesa eu não usaria, eu tentaria usar uma roupa que disfarçasse.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Sara: Assim, olhar não arranca pedaço, porque homem olha mesmo, não adianta.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Sara: Eu aliso o cabelo, mas é porque eu gosto, não porque a sociedade exige. Fiz abdominoplastia porque eu estava incomodada com a minha barriga, mas não foi para seguir um padrão.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Sara: Sim, a abdominoplastia e a drenagem são bem dolorosas. Fiz também microagulhamento que... doi, esse doi mesmo, mas o resultado é muito bom.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Sara: Sim. Eu fazia academia e a barriga não diminuía, meu braço é muito gordo e não tem o que fazer, porque é genético, por isso, fiz a cirurgia. Mas quando eu me sinto acima do peso eu fecho a boca e emagreço. Ahh sou feliz sim, quer dizer, sempre dá para melhor algo, mas tento levar em consideração a minha idade e tudo que já passei.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Sara: Não.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Sara: Sinceramente, sinto pena, pena se for muito gorda e acho que tem que se tratar. Mas se a pessoa for só gordinha, acho até bonitinho, se ela for arrumadinha, bonitinha. Nossa, tem tanta gorda bonitinha por aí, eu fico impressionada. Mas, assim, gorda demais aí eu já acho complicado, porque eu acho que gordura é uma questão de saúde, se não a pessoa sai rolando. Não porque seja feio ou bonito, vejo por questões de saúde mesmo.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Sara: A mesma coisa da gorda. Eu ainda acho pior do que a gorda, porque parece uma pessoa doente.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Sara: Então, eu cheguei a tentar a usar unhas postiças, mas não gostei, tentei, porque fica bonita, mas desisti.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Sara: Conforto.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Sara: Não

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Sara: Não, tem mulheres que eu admiro, mas eu nunca quis ser ninguém.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Sara: Admiração

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Sara: Já, é uma inveja branca. Eu tinha uma amiga que se candidatava para Miss Piscina, da minha época. Em termos de beleza geral eu me achava até mais bonita do que ela, mas ela ganhava todos esses concursos, então, eu tinha uma certa inveja, mas eu também nunca quis participar dessas coisas.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Sara: Sim, quando isso acontece eu me sinto bem, não me acho a melhor, mas é uma sensação boa.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminui-la?

Sara: Não.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Sara: Sim, o sentimento é de você querer se sentir merecedora ou superior a outra.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Sara: Sim, mas eu não quis.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Sara: Não.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Sara: Não lembro bem o que eu pensava na época, mas hoje eu acho que era admiração que eu sentia por uma amiga minha do colégio e não rivalidade. Acho que eu confundia esses sentimentos na época, sabe?

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Sara: Não.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Sara: Não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Sara: Não

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Sara: Também não.

Apêndice T

Entrevistada Marina

Entrevistada Marina, de 27 anos, de cor negra, Graduada em Engenharia Civil, Assistente Técnico, moradora da Zona Norte do Rio de Janeiro, heterossexual, solteira, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Marina: Não, zero ligava.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Marina: Minha mãe é muito vaidosa. Está sempre de brinco, joias, maquiagem e está sempre com uma roupa bonitinha, então, eu acabo me cobrando por não ser mais vaidosa como ela meio que me ensinou.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Marina: Meninas, porque era o que tinha mais.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha?
(...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Marina: Não, não que me lembre.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Marina: Amiga não, mas irmã sim. Mas era uma comparação em relação à minha irmã comigo.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas?
O que mais era levado em consideração – beleza, jeito de ser ou inteligência?

Marina: Sim, beleza. Do tipo, ‘Fulana é mais bonita ou mais feia do que eu’, essas coisas.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem?
Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Marina: Cara, não, mas me comparam com ela em relação a gente ser parecida uma com a outra.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Marina: Sim, muitas vezes. É um sentimento ruim, é como se eu não me aceitasse.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Marina: Sim, em relação a beleza e de me cuidar mais.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Marina: Em algumas coisas sim, em relação a caráter e a força feminina dela.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Marina: Em alguns momentos sim, não gostaria de ser a pessoa, a minha mãe, mas de ter algumas qualidades que ela tem, mas não necessariamente ser a minha mãe.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Marina: Tenho inveja dela conseguir emagrecer, ela é uma pessoa muito determinada e focada para dietas.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Marina: Não.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Marina: Sim, diria que ela me chama atenção sobre o meu peso de forma sutil e agressiva, depende do humor dela. Ela fala que eu tô [estou] gordinha, que precisava comer menos e que precisava fazer atividade física, outras vezes joga na minha cara que eu sou gulosa e tal.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Marina: Já, mas já percebi que eu faço mais o meu próprio julgamento do que ela própria, sabe? Acho que ela me acha que não estou sendo vaidosa o suficiente, mas nunca cheguei a mudar de roupa pelos comentários dela, ou por me sentir mal.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Marina: Já me senti mais julgada, hoje ainda me sinto, mas ligo menos. Acho que é porque eu aceito mais o meu corpo.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Marina: Nada.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Marina: Também nada, de verdade.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Marina: Sim, praticar esporte, ou usar algum tipo de roupa que estava na moda.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Marina: Sim, alisamento de cabelo e depilação que para mim dói horrores.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Marina: Sim, eu sou fora do peso, eu sou gorda. É um sentimento de não pertencimento. Dá a ideia de que eu não tô [estou] no padrão, que eu não me encaixo e de que algo está de errado comigo

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Marina: Sim, dentro da família inclusive, e são piadinhas do tipo ‘Jogou a água toda para fora da piscina’ ou ‘vai sair rolando, hein’, essas coisas bem idiotas.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Marina: Pô, legal, também sou!

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Marina: Que de repente ela pode está passando por algum problema, porque não é normal.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Marina: Sim, já fiz de tudo um pouco ‘porque tinha que fazer’, né! O que mais me incomodava era o alisamento, porque teve um tempo que eu passei a fazer, mas não era eu, era como se eu não me aceitasse. Como se eu me escondesse. Aí depois parei.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Marina: Ambiente.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Marina: Sim, a qualquer protagonista da Malhação.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Marina: Sinceramente, acho que não.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Marina: Inveja.

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Marina: Sim, é um sentimento ruim, é como se eu não me aceitasse.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Marina: Sim, não é um prazeroso, mas me enaltece, é um sentimento atrelado a culpa, porque não é positivo, entende?

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminui-la?

Marina: Sim, com certeza.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Marina: Sim, todo o tempo.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Marina: Não.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Marina: Não, porque eu nunca tinha um parceiro fixo, então, não tem como te responder.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Marina: Não.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Marina: Não.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Marina: Cara, não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Marina: Não.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Marina: Pô, não.

Apêndice U

Entrevistada Nina

Entrevistada Nina, de 18 anos, de cor parda, Ensino Médio Completo, moradora da Zona Oeste do Rio de Janeiro, heterossexual, solteira, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Marina: Quando pequena não. Eu era muito gastada na escola, porque eu era muito magra e tinha um orelhão. Eu me sentia inferiorizada. Foi aí que eu aprendi que eu não era padrão.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Nina: Sim, por exemplo, quando eu era pequena me ensinaram a fazer as unhas e é uma coisa que eu gosto de fazer até hoje, é impressionante. Mas eu faço no tempo que eu quero, sem me sentir pressionada. Na minha época, eu não tinha celular, então a influencia era menor. Na minha família é assim: minha é era muito vaidosa, cabelo feito e unhas bonitinhas. Mas, já a minha tia não. Ela não liga muito pra [para] isso, e ela não se sente pressionada.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Nina: Meninas, porque as meninas brincavam com meninas com coisas de meninas. Mas, hoje em dia, tenho mais amigos homens, porque a mulher é meio fresca, acho que a vida interfere um pouco nessas escolhas. Menina também tem esse negócio de fulaninha é falsa e tal.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Nina: Sim, tinha mesmo. Me sentia menor, rebaixada. Era mais aquela vontade de ter igual.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Nina: Sim. Em relação a estudo, que eu não estou me esforçando tanto quanto uma amiga minha ou em comparação em relação ao meu corpo. Que uma amiga minha é mais magrinha do que eu, por exemplo. Mas a comparação é mais voltada para os estudos.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, jeito de ser ou inteligência?

Nina: Inteligência.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Nina: Sim, todos os dias, tanto por ela quanto por meu pai. Entrei na faculdade com 40 kg e hoje você já tem 60kg, você deveria está chocada com isso'. Mas eu não me choco.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Nina: Não. Só do meu pai. Ele diz que meu peito é caído e que eu vou tropeçar neles quando crescer. Isso me magoa bastante, mas não sinto a necessidade de mudar nada em mim, mas se pudesse mudar, mudaria para melhorar por mim e não por ele, principalmente, se isso fosse melhorar a minha saúde.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Nina: Sim, mas uma exigência normal. Porque sinto que poderia ter me dado melhor se eu, de fato, tivesse me esforçado mais.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Nina: Nós somos muito parecidas. Minha mãe adora se arrumar muito e eu não sou tão assim, mas eu me espelho nas conquistas dela, tudo que a gente tem aqui em casa foi graças a ela.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Nina: Em relação a grana sim, minha mãe ganha bem, e por tudo que ela conquistou e por não depender do marido.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Nina: Não.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua? **Nina:** Não.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Nina: Eu já fui muito magra, então, eu era chamada de varapau na escola direto! Mas de alguns anos pra cá, fui chamada atenção pela minha mãe, do tipo, ‘filha, você tá gordinha!’, mas a partir do momento que eu fiz os exames e ela viu que tava [estava] tudo bem comigo, em termos de saúde ela foi parando de chamar a minha atenção. Essa cobrança de corpo vem muito mais do meu pai. Ele já é o tipo de pessoa que me diz ‘nossa, tá gorda!’; ‘vai rolar; ‘o seu homem não vai te querer!’ (...) Ele diz que meu peito é caído e que eu vou tropeçar neles quando crescer. Isso me magoa bastante.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Nina: Sim. Talvez porque o meu pai influencia ela achar que uma roupa não estava apropriada. Mas minha mãe me chama atenção de uma forma sutil. Já o meu pai fica falando que filha dele não sai de joelho de fora, não obedeço, porque acho tudo isso bobeira.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Nina: Eu nunca ouvi, mas dá pra [para] perceber no olhar. Mas eu que paguei a minha roupa, então, eu tô [estou] vestindo porque eu quero.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Nina: Nada, ela usa o que ela quer.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Nina: Como assim? Cara, nada também.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Nina: Não, porque eu sou muito de vontades. Eu só não sei se eu quero emagrecer, porque eu quero, ou se é para seguir um padrão. Eu já pensei em por silicone porque é algo que me incomoda, mas decidi que não vou fazer a cirurgia plástica, porque eu quero ter filhos e a prótese pode atrapalhar.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Nina: Sim, limpeza de pele, não porque eu quis, mas porque minha mãe mandou eu fazer, eu senti muita dor. Além disso, para os meus 15 anos, eu fiz uma drenagem linfática e achei que fosse ficar sem costela.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Nina: Sim, eu tenho muita facilidade de emagrecer e engordar. Ontem fui no espelho e vi que eu tava magra, e amei. Acho meus braços gordos, mas isso é genético.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Nina: Faziam mais bullying comigo por ser muito magra, por ter um problema no dedo do pé e das minhas orelhas grandes. Mas, hoje em dia, meu pai que faz e é sempre em relação ao peito e por estar fora do peso.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Nina: Eu penso muito mais na saúde do que no biótipo dela. Eu não queria ser assim, porque eu me sinto bem com o corpo que eu tenho hoje. Minha vó é obesa, e não quero ser assim. Penso que essa pessoa tem dificuldade de achar roupas pra [para] ela e imagino a vergonha que ela deve sentir quando passa na roleta do ônibus, por exemplo.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Nina: Eu penso na saúde, eu acho que ela não tá [está] bem de saúde. Eu estranho, mas não repulso.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Nina: Sim, já tomei shakes, pior coisa da minha vida, você emagrece porque você vomita e por isso que emagrece. Além disso, já fiz a massagem linfática coisa que eu não me senti confortável.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Nina: Conforto.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Nina: Sim, com certeza.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Nina: Humm, não exatamente famosa, mas uma blogueira famosa sim.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Nina: De admiração. Prefiro no meu insta gente real, do que gente famosa.

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Nina: Então, diminuída não. Tenho mais vontade de ter uma barriga que nem a dela ou umas coxas iguais a dela.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Nina: Eu nunca me senti superior por questão de beleza, mas eu já vi as pessoas olhando de forma diferente para [para] mim e pra [para] uma amiga minha, porque ela tem o cabelo black.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Nina: Cara, devo ter feito sim, mas agora não lembro, na boa.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Nina: Não.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Nina: Sim, mas eu não quis, porque eu não queria de verdade e também porque eu não faria isso com uma amiga minha.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Nina: Já, o sentimento é desesperador! Algo relacionado com raiva, vontade de atacar uma cadeira na menina, várias coisas.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Nina: Sim. Mas na verdade, acho que se tratava muito mais de uma inveja que ela tinha por mim e eu tinha por ela. Sei lá, porquê. Pode parecer não fazer sentido, mas acho que era isso que eu sentia de mim e dela também. Estranho lembrar isso, mas eu me sentia muito inferior a ela. Porque ela me chantageava o tempo todo, tipo, se você não me emprestar essa boneca, eu não sou mais sua amiga. Sem contar às vezes que ela me rebaixava, falava que eu não era tão bonita ou que ninguém ia querer ser mais a minha amiga, porque eu era chata.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Nina: Não, graças a Deus.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Nina: Não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Nina: Não.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Nina: Não.

Ruth V

Entrevistada Ruth

Entrevistada Ruth, de 60 anos, de cor branca, Ensino Médio Completo, empresária, heterossexual, divorciada, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Ruth: Não, era preocupada em brincar.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Ruth: A minha vó sempre se arrumou e eu vivi com ela por 8 anos, acho que isso me influenciou de alguma forma. A minha mãe também se arrumava bastante. E a minha sogra também. Ela era super vaidosa. Eu lembro também que a minha sogra falava que a mulher tem que tá [está] sempre arrumada, porque nunca se sabe quem vai bater na porta. Imagina se um príncipe encantado batendo aqui em casa, uhuull!(riu em seguida) Acho que é por isso que hoje eu não fico um dia sem me arrumar, mas eu não faço isso por homem não, faço porque eu gosto e me sinto bem

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Ruth: Os dois, quem tinha ... na verdade para brincar na rua.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha?

(...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Ruth: Não.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Ruth: Não, mas com pessoas da família sim, a minha cunhada é melhor do que eu em tudo, e ela é super mau caráter.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas?

O que mais era levado em consideração – beleza, jeito de ser ou inteligência?

Ruth: Jeito de ser.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem?

Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Ruth: Não, mas eu fiz muito isso com a minha filha mais velha.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Ruth: Sim, foi em relação as minhas estrias, como ela nunca teve, ela sempre me comentava que eu estava cheia de estria e também não me ajudava em como resolver.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Ruth: Sim, em relação a trabalho, ela queria que eu trabalhasse com 16 anos de idade, mas eu teria que largar a escola, então, foi bem marcante para mim essa época porque eu não queria parar de estudar, mas ela me exigia que eu trabalhasse. Então, quando eu fiz 17 anos, passei a estudar de noite e consegui conciliar com o trabalho que arrumei na época.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Ruth: Em algumas coisas, ela lutou muito para pegar a gente da minha vó.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Ruth: Não.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Ruth: Não.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua? **Ruth:** Sim, de todos os relacionamentos.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Ruth: Sim, foi de uma forma passiva agressiva. Ela diz ‘Que bunda enorme, hien’, que não me incomoda tanto. Mas, às vezes, ela fala ‘Nossa tá gorda, hein!’. Hoje em dia, eu dou risada, não ligo.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Ruth: Sim, ela fala se eu tô usando uma roupa que me deixa mais gorda, ou me chama de bunduda, ou que o decote está indecente. Mas eu não ligo.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Ruth: Não.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Ruth: Se estiver bonito o conjunto...roupa e corpo, eu acho bonito. Agora, tem gente que não se importa quando a roupa não está em harmônica. Por exemplo, nesse carnaval tinha umas meninas nos blocos com umas banhas pra [para] fora que eu olhava e pensava ‘tá [está] feio’, mas outras estavam bonitas, porque o conjunto era bonito.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Ruth: De boa, a não ser que ela se insinue para ele, ou ele fique olhando para ela, aí vai dar problema.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Ruth: Já coloquei o silicone no peito, fiz lipo duas vezes, abdominoplastia, botox e todos os procedimentos estéticos que eu pude pagar, eu fiz. Mas sobre a lipo, foi o seguinte, eu precisava fazer. Não tava [estava] feliz comigo. Eu tava [estava] muito gorda e ficava muito pra baixo quando me via no espelho, me sentia uma tribufu [feia]

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Ruth: Já fiz umas aplicações de enzimas que dizia que rejuvenescia o rosto e isso doeu muito. A própria lipo é muito dolorosa. Já fiz também um implante dental que pelo amor de Deus, achei que ia morrer de dor.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Ruth: Sim, estou.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Ruth: Sim, eu lembro que uma vez na loja que eu fui dona, a funcionária vendeu conjunto G e a mulher do homem que comprou era P. E ela ligou porque se sentiu ofendida, e eu tentei contornar a situação perguntando como poderia reparar esse erro, além de enviar o tamanho correto. Então, no final da ligação ela disse que o marido dela disse que eu vendi o tamanho errado, porque eu era mais gordinha, então, por isso eu me confundi. Eu fiquei tão mal, fiquei arrasada e percebi que ela fez isso para me atingir, e não é à toa que isso faz tanto tempo, mas eu me lembro exatamente desse dia.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Ruth: Eu penso, eu não quero ficar assim! Meu deus, não me deixe ficar assim!

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Ruth: Também não quero ficar assim tão magra, Deus.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Ruth: Não, eu só uso se ficar bonito para mim, então, nunca usei algo que eu não me sentisse confortável.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Ruth: Ambiente.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Ruth: Sim.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Ruth: Claro, uma cantora famosa.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Ruth: Admiração.

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Ruth: Sim, a gente fica com raiva da pessoa para sempre.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Ruth: Sim, é bom, ótimo, ainda mais quando é de uma ‘amiga rival’, sabe?

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Ruth: Uii, muito!

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Ruth: Sim, total, se a gente não toma conta, vem uma pega o homem da gente.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Ruth: Sim.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Ruth: Sim.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Ruth: Na adolescência sim. Eu sentia que ela queria pegar os meus namorados, porque ela era uma piranha, mas o cara que eu tava [estava] também era um galinha²⁴.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Ruth: Acho que tenho umas inimigas, não rivais, rival é muito forte.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Ruth: Não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Ruth: Eu não, mas já fizeram comigo.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influência do parceiro dela?

Ruth: Sim.

Ruth W

Entrevistada Cecília

Entrevistada Cecília, de 19 anos, de cor parda, Ensino Médio Completo, bissexual, solteira, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Cecília: Sim, não é a toa que eu comecei a fazer progressiva com 11 anos. Eu tinha acabado de trocar de colégio e eu tinha o cabelo crespo, e as pessoas de lá ficavam me olhavam estranho, então eu tentei me encaixar naquele padrão pra [para] ser mais aceita mesmo.

²⁴ Expressão que caracteriza um homem que se relaciona com muitas meninas ou mulheres em um curto período de tempo. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/homem+galinha/>

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Cecília: Sim, eu procurava em me arrumar e colocar uma roupa mais bonitinha, mas hoje eu nem ligo.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Cecília: Não tinha preferência.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Cecília: Sim, era um sentimento ruim de inveja da pessoa mesmo, não era nem inveja pelo brinquedo.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Cecília: Sim, fisicamente e de personalidade, por exemplo, ‘Fulana é muito educada’.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, jeito de ser ou inteligência?

Cecília: Beleza.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Cecília: Ela fala mais dela do que nos compara. Do tipo ‘Na sua idade eu sai com vários garotos, na minha idade ela era muito magrinha’.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Cecília: Acho que ela já me colocou pra baixo, de olhar para mim e achar que não tá [está] bom, de dar a entender nas entrelinhas.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Cecília: Sim, em relação a estudos e de fazer tarefas de casa. Reparo que ela cobra muito mais de mim e da minha irmã, do que o meu irmão e meu pai.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Cecília: De certa forma sim.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Cecília: Sim, quando eu era pequena eu falava que ia ser igual a ela. Mas hoje não me vejo mais igual a ela.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Cecília: Não.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Cecília: Sim, mais com relação a minha irmã.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Cecília: Eu sempre fui muito magra e minha mãe chama a minha atenção pra [para] isso a vida toda, pelo menos, desde que eu me conheço por gente. Aí acho que essa pressão que eu sempre sofri reflete numa insegura que eu tenho em relação ao meu próprio corpo. Tipo, tem roupas que eu não consigo usar, porque acho que dá pra [para] ver que eu sou muito magra e acabo não me sentindo à vontade

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Cecília: Sim, toda hora. ‘Você vai sair assim?’, ‘Não tá muito pelada não?’. Minha mãe acaba me colocando pra [para] baixo e me deixa na dúvida. E já mudei de roupa por causa dela, mas hoje em dia, é mais difícil.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Cecília: Às vezes sim, dependendo da situação eu me sinto exposta.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Cecília: Nada, até porque eu uso

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Cecília: Se está comigo é porque quer, então não ligo.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Cecília: Sim, o alisamento, por exemplo.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Cecília: Progressiva e depilação.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Cecília: Sim, estou neste momento.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Cecília: Sim. ‘Nossa, não tem corpo nenhum!’, ‘Não sei como tem coragem de usar essas roupas’, e foram coisas que eu ouvi de garotas e de garotos. ‘Nossa como vc tá [está] magra’... e cara, eu sei que eu sou, e às vezes, eu fico mais magra ainda, e eu não precisa de ninguém para ficar me lembrando disso.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Cecília: Nada, uma mulher.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Cecília: Também nada.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Cecília: Eu me arrependo muito de ter começado a fazer progressiva, hoje tá [está] sendo um processo pra [para] eu tentar parar.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Cecília: Ambiente.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Cecília: Sim, a qualquer blogueira.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Cecília: Não.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Cecília: Admiração.

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Cecília: Sim, é ruim...você se sente inferior, como se ela merece mais do que você.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Cecília: Não, porque eu sempre me senti inferior ou neutra.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminui-la?

Cecília: Acho que não, ainda mais que hoje eu tento me controlar em relação aos meus pensamentos para não serem preconceituosos.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Cecília: Sim, isso é bem comum até, mas nunca tinha parado para pensar.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Cecília: Sim, mas nunca quis.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Cecília: Sim

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Cecília: Não.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Cecília: Não também.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Cecília: Não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Cecília: Não exatamente, porque na época eu tentei conversar com os dois.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Cecília: Não.

Apêndice X

Entrevistada Penélope

Entrevistada Penélope, de 59 anos, de cor branca, graduada em Biologia, Professora do Ensino Fundamental, moradora da Zona Norte do Rio de Janeiro, heterossexual, casada, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Penélope: Eu me sentia mal porque eu era gordinha. Eu me sentia recalcada mesmo. Depois na adolescência que eu comecei a me preocupar mais com a aparência. Quando eu tinha 15 e 16 anos, eu comecei a me preocupar mais. E aí com uns 12 anos eu emagreci. E eu não queria mais engordar, eu só queria conservar.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Penélope: Não. Minha inspiração foi as minhas amigas na escola quando eu tinha uns 13 anos, porque a minha mãe não era e não é vaidosa em nada.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Penélope: Quando eu era criança eu não tinha muitas amigas, então, eu só brincava com uma menina que morava na minha vila. Eu também brincava com meu primo que era como se fosse meu irmão. Mas eu não tinha muita gente para brincar.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Penélope: Sim, porque eu não tinha muitos brinquedos, minha infância foi bem pobrinha, mas não sei se era uma inveja. Era mais em relação ao objeto do que a pessoa em si.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Penélope: Sim. Sempre comparava, e até hoje compara. Ela gosta muito de menosprezar quem é da família dela. Quando eu era criança eu gostava de aniversário, e ela achava que era besteira, e eu ficava magoada. Minha mãe é muito seca, sempre foi comigo e eu sempre fui muito carinhosa. Minha tia, a irmã dela, era mais carinhosa, então ela tentava me agradar, já que a minha mãe não fazia.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, caráter ou inteligência?

Penélope: Sim, era mais o jeito de ser.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Penélope: Fisicamente não, mas me comparava com outras pessoas da minha idade que sabiam fazer algumas coisas, como costurar e cozinhar, ou de ser proativa ... ‘Poxa, a fulana já chegou em casa e já lavou a roupa’. Ela comparava que as outras estudavam mais do que eu, que sabiam bordar e eu não sabia fazer nada. Eu me sentia inferiorizada. Quando virei

adulta eu parei de ouvir essas comparações, que na verdade é porque ela própria se sente inferiorizada, e por isso, ela cobra tanto de mim.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Penélope: Não em relação a aparência, sempre foi mais voltado a minha capacidade.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Penélope: Já, Eu não gostava de estudar e ela que exigia que eu estudasse, estudar inglês, fazer faculdade, algo que eu vejo que foi positivo até. E ela também me exige muito com a casa, casa tem que tá um brinco.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Penélope: Vejo ela como um bom exemplo, porque procurou sempre trabalhar, ela mesmo não trabalhava fora, mas ela costurava, então, era uma forma dela ajudar a família e ter seu próprio dinheiro. Ela é exemplo de perseverança para mim. Ela sempre disse pra mim [para] ‘Trata de ter seu dinheiro, para não depender de marido’. E eu tive a minha dependência financeira muito graças ao que ela me ensinou.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Penélope: Ah isso não, Deus que me livre.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Penélope: Não.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Penélope: Não, eu sou muito tranquila nesse aspecto.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Penélope: Sim, minha mãe mesmo. Ela falava no soco, de forma bem dura ‘Tás com as costas gordas, postura errada, toda torta’, essas coisas.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Penélope: Já, do tipo ... ‘com essa idade vai com short na rua’. Antigamente, eu ficava mais chateada, mas depois eu passei a não ligar mais.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Penélope: Não sinto, porque não sou de usar roupas curtas, nunca percebi que estava sendo julgada.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Penélope: Eu penso que quer se exibir, mas depende onde a pessoa esteja. Não tem necessidade disso, podia tá [estpa] vestida de uma maneira mais legal sem mostrar tanto o corpo.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Penélope: Ai rola aquele ciúmes, porque a pessoa automaticamente olha e eu não gosto. Penso logo, ‘aquela piranha quer estragar meu dia’. Dá aquela insegurança e ciúmes.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Penélope: Sempre gostei de ser loiro, só isso mesmo.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Penélope: Eu tomava injeção de colágeno na cara, mas diferente do botox, essa doía muito! Eu fiquei devendo duas sessões, paguei, mas não fui mais, porque doía muito. Essa injeção servia pra [para] revigorar o colágeno que quando a gente vai ficando velha vai perdendo, né?!

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Penélope: Sim, eu tô [estou] fora do peso, sinto que não tô [estou] bem, de não gostar o que eu tô [estou] vendo, mas é aquilo ... força de vontade de fechar a boca.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Penélope: Sim, na infância principalmente, na escola me chamavam de elefante, baleia, bolota. Mas eu acho que isso não foi negativo pra [para] mim, foi algo positivo, porque quando eu emagreci depois que cresci, eu percebi que eu não queria voltar a ser gorda, e isso me incentivou a mudar.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Penélope: Eu penso, coitada, será que ela não consegue emagrecer. Acho que as pessoas não são gordas porque querem, acabo tendo sentimento de pena, nada fica bem nelas. Coloca a roupa na menina magrinha, tudo fica bonitinho, já na gorda não fica.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Penélope: Eu acho logo que ela tá [está] com anorexia. Ela pode estar até feliz, mas eu acho que ela tá [está] sendo escrava daquilo. Uma vez eu vi uma atriz com aquelas perninhas da África, ela pode tá [estar] feliz, tudo bem, mas eu sinto pena por causa da neurose da pessoa. Parece uma doença ser tão magra

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Penélope: Olha, eu já estiquei o cabelo, mas não gostei, fiz uma vez e detestei. Eu tento me adaptar a moda, quando eu acho que é bonito. Porque tem coisas que eu não consigo acompanhar a moda, roupas que eu acho bonitas, mas não ficam bem em mim.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Penélope: Pessoas, quem vai tá [está] lá.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Penélope: Sempre.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Penélope: Eu achava a Vera Fisher muito bonita, eu sempre reparava como ela se vestia e usava umas roupas que disfarçavam a idade dela e valorizavam o que ela tinha de bonito. E ela sempre teve uma postura elegante, e sempre de boa aparência.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Penélope: Admiração

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Penélope: Claro, me sinto inferiorizada total! Aí fico pensando o que dava para melhorar em mim, né, pra [para] ficar igual a bonitona lá, mas até eu chegar no pensando de ‘pô, legal (fixe), como faço pra [para] ser assim’, eu primeiro me sinto bem mal

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Penélope: Sim, eu procuro não me exhibir, mas fico feliz.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Penélope: Sim. Eu acho que a gente tira conclusões sem conhecer a pessoa. Às vezes, a pessoa é bonita, então, te dá inveja e você pensa que é piranha. Às vezes, a pessoa é legal, mas gosta só de chamar atenção.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Penélope: Sim, e pensava que eu tinha que vencer, tinha que conseguir, era tipo um troféu.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Penélope: Não.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Penélope: Sim, uma colega que morava em frente (de casa), muito oferecida. Eu sentia raiva, era demais. Mas o meu namorado na época também não prestava muito, mas ela era oferecida

demais, demais! Ela aparecia na porta de baby doll.... Em qualquer churrasco que nós fazíamos ela ficava se oferecendo, eu me sentia constrangida

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Penélope: Não via como uma rival, mas tinha uma amiga que eu sentia uma certa inveja, porque ela ganhava tanta coisa e eu só tinha uma boneca, então eu sentia uma certa rivalidade até ficar mais velha, sabe? Eu tinha uma ideia de concorrência, como se ela fosse querer as mesmas coisas do que eu ou os meus namorados do que eu

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Penélope: Não.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Penélope: Sim, acho que todo mundo faz, mas depois passa o tempo, e você percebe que a culpa é do cara também. Porque tem mulher que gosta da disputa, mas depois você vê que ele é o ocupado, porque ele deu margem ou deu abertura.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Penélope: Sim, não era muito amiga, mas já tive amiga que descobri que ela tava [estava] dando em cima do cara que eu estava na época.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Penélope: Não. Eu sempre dei muito valor a amizade.

Belém Z

Entrevistada Belém

Entrevistada Belém, de 28 anos, de cor branca, Médica, heterossexual, solteira, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Belém: Eu era muito gordinha quando pequena, e eu não ligava para o meu corpo mesmo. Eu criança era muito feliz, e não tinha noção o quanto era. Não tinha consciência que era uma criança gorda. Mas nas brincadeiras de ‘Cobra, jacaré e elefante²⁵’ eu comecei a ter a consciência que eu era gorda. E isso foi me moldando em ter uma visão, por causa dos outros.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Belém: Sim. Do tipo tem que fazer as unhas e por alguma coisa no cabelo. Minha vó e minha tia que me ensinaram mais sobre vaidade. Eu entendi que era preciso ser uma pessoa no mínimo vaidosa, do tipo tem que fazer as unhas, que por sinal eu não gosto, e minha mãe fica pra [para] morrer, porque eu não faço a minha unha há um ano. Mas eu já gosto de fazer depilação e sobrancelha. Mas eu não sei de onde vem essa influência, se veio da minha família ou da mídia.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Belém: Meninas, porque meu grupo era de meninas, acho que não tive muitos meninos amigos quando criança, na adolescência que foi mudando um pouco.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Belém: Sim, porque quando criança eu não entendia esse sentimento. Eu ficava chateada por não ter aquilo.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Belém: Sim, em relação a namoro, que eu precisava namorar, que até agora nada e as minhas amigas já estavam namorando há tempos, menos eu.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, jeito de ser ou inteligência?

Belém: Acho que era inteligência.

²⁵ Brincadeira infantil cantada quando três meninas andavam juntas, em trio. A terceira criança era representada por um elefante, o que associava a criança ser gorda.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Belém: Sim, em relação a aparência e minha mãe compara muito em relação a relacionamento também. ‘Na sua idade eu tava [estava] saindo com alguém’. ‘Impossível você não ter ninguém!’.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Belém: Já sim. Tipo, ‘Tá cheia de espinha na cara’... Mas assim, normalmente, ela tenta introduzir de uma forma sutil até... mas depois começa a ser agressiva.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Belém: Sim, muito de tudo. Em estudar principalmente. Mas não foi no sentido ruim, porque acho que foi a forma dela de expressar amor. Não vejo isso como algo ruim. Acho que é a forma que ela aprendeu a se expressar.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Belém: Sim, em relação a algumas coisas, tipo ela como cuidadora. Como pessoa que cuida dos outros.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Belém: Sim, quando eu era pequena eu falava que ia ser igual a ela. Mas hoje não me vejo mais igual a ela.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Belém: Não.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Belém: Não.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Belém: Várias vezes. Ela sempre foi bem direta, sabe? Falava na cara. ‘Você tá mais gordinha’....Eu ficava triste, até hoje fico e isso me influencia muito.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Belém: Sim, já muito criticada de ficar bem chateada mesmo. E acabo trocando de roupa no final. Eu não consigo levar o comentário dela como indiferente.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Belém: Sim, fico pensando que estão me achando vulgar. Mas se não for uma pessoa conhecida, eu cago, se for alguém importante eu levo muito em consideração.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Belém: Hoje em dia, eu admiro, que bom que ela consegue usar as roupas que ela quer usar, muitas vezes, porque eu queria ter essa coragem.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Belém: Acho que é inevitável a gente não olhar pro [para o] parceiro, para ver se ele vai olhar, mas, em geral, não ligo muito não.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Belém: Sim. Ainda tento seguir, tentar ter o corpo mais magro e a pele mais lisa possível. Ultimamente, essas duas questões têm pegado pra [para] mim, corpo e pele.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Belém: Sim, eu odiava fazer progressiva por causa da minha orelha, porque queimava muito a minha orelha, pra [para] mim é uma coisa insuportável. E, sem falar, que tinha um cheiro horrível.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Belém: Sim, mas tenho a sensação de está sempre tentando encontrar meu peso. Mas assim, hoje eu amo meu corpo, mas se pudesse teria menos barriga, porque a barriga é uma parte do meu corpo que ainda me incomoda”

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Belém: Sim. Quando era mais nova eu achava que não iria conseguir fazer as coisas por ser mais gorda. As pessoas associam que a gordinha não joga bem, então, eu era última pessoa a ser escolhida para jogar, por exemplo.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Belém: Se for no pole dance eu acho muito empoderado. Agora se for na rua, hoje em dia, até pode passar mais despercebido para mim. Mas um tempo atrás, eu pensava ‘Será que eu tô assim?’ ou ‘Espero não chegar assim?’.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Belém: Então, eu já reparo mais do que a gorda, porque me comparo mais. Também penso ‘Caraca, essa mulher é muito magra!’ e acho bonito não.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Belém: Usei calças de cintura baixa e eu não gostava, odiava mesmo porque sempre aparecia a minha calcinha [coeca]. As depilações também, acho que eu faço porque minha mente entende que eu preciso fazer porque é ‘moda’ e eu preciso fazer.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Belém: Ambiente.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Belém: Sim, a qualquer blogueira do meu *Instagram*.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Belém: Não...

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Belém: Admiração.

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Belém: Sim, eu penso ‘Porque eu não consigo ser igual a ela?’ Mas não penso que ela não deveria existir, ou morrer para eu poder aparecer mais.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Belém: Não, porque eu sempre me senti inferior ou neutra.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Belém: Não, inclusive, no meu grupo de amigas não é uma coisa que acontece porque eu aprendi a entender que cada uma tem seu espaço.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Belém: Sim, isso é bem comum até, mas nunca tinha parado para pensar.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Belém: Sim, várias vezes estive nesse ‘lugar’ de competir com outra garota pra [para] ficar com um menino.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Belém: Sim, mas não era muito amiga.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Belém: Não.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Belém: Não sei se era, propriamente, uma rival. Lembra da época do colégio que tinha aquele caderno de perguntas. E uma das meninas, da minha turma, me colocou como a menina mais

feia da turma. E eu fiquei muito puta[irritada], e a partir daí eu comecei a não gostar dela, ela era minha arqui-inimiga.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Belém: Não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Belém: Não.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Belém: Não.

Apêndice AB

Entrevistada Eloá

Entrevistada Eloá, de 53 anos, de cor branca, Ensino Fundamental incompleto, dona de casa, moradora do subúrbio do Rio de Janeiro, heterossexual, casada, de classe baixa.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época? Eloá: Sim, sempre fui muito vaidosa, sempre gostei de unha pintada, batom e brinco. Pensando aqui, acho que sempre me importei em estar em um padrão de beleza.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Eloá: Sim, porque minhas irmãs sempre foram bem vestidas, maquiadas e bem arrumadas. Como eu fui criada por elas, elas me mostraram como tinha que ser.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Eloá: Quando eu era criança eu não tinha muitas amigas, então, eu só brincava com uma menina que morava na minha vila. Eu também brincava com meu primo que era como se fosse meu irmão. Mas eu não tinha muita gente para brincar.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha?
(...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Eloá: Com os dois. Não tinha preferência, porque brincava na rua, mas também gostava de brincar de boneca.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Eloá: Olha, desde muito cedo a gente tinha que correr atrás dos nossos [sonhos, trabalho, sustento], então, não a gente não tinha muito tempo para essa comparação.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas?
O que mais era levado em consideração – beleza, jeito de ser ou inteligência?

Eloá: Sim, era mais o jeito de ser.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem?
Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Eloá: Só comparação física, que eu e ela temos o mesmo sorriso.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Eloá: Não, nunca.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Eloá: Não.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Eloá: Exatamente isso, vejo ela como um espelho. Espelho de caráter, de respeito e de muita capacidade. Ela era muito batalhadora, um ser humano que metia a cara e fazia.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Eloá: Acho que eu quero ser a minha mãe até hoje.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Eloá: Não, somente admiração.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua? **Eloá:** Não.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Eloá: Não, porque eu sempre cuidei bastante do meu corpo.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Eloá: Não.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Eloá: Se olharam, falaram para os outros e não para mim.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Eloá: Se ela tá [está] se sentindo bem com o que ela tá se vestindo problema nenhum, não se vulgarizando não tem problema nenhum.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Eloá: Assim, eu não tenho ciúmes não, mas acho que respeito é tudo. Eu devo respeito a ele do mesmo jeito que ele me deve, agora, se ele me faltar com respeito...olhando pra ela e tal, aí fica complicado, né?!

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Eloá: Não, eu aliso o cabelo, mas é porque eu gosto e não pra seguir moda.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Eloá: Sim, fiz um tratamento de carbox na barriga pra [para] nunca mais. Dói demais! Até vi resultado, realmente, acho que dei uma emagrecida, mas dói demais, eu pedi pra [para] parar no meio do procedimento

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Eloá: Sim, neste momento estou fora do peso uns 6 quilos.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Eloá: Não, graças a Deus.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Eloá: Ah é complicado, é o que eu falo para as minhas filhas. Por que vocês estão ficando gordas desse jeito? Eu brigo com elas, porque elas podem melhorar, mas eu sou cautelosa, porque não quero magoar ninguém, principalmente, minhas filhas, mas eu fico injuriada.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Eloá: Eu acho estranho, se torna feia também. Não acho bonito não.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Eloá: Calça de cintura baixa, usava porque era o que tinha.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Eloá: Conforto

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Eloá: Com certeza, quero me vestir igual a várias.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Eloá: Não, isso não.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Eloá: Admiração

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Eloá: Nunca senti isso não, acho que cada um tem uma coisa especial. E, assim, pra [para] idade que eu tenho, o que? Eu tenho um corpão! Eu me cuido muito, sei a hora de parar de comer, de fechar a boca, por isso, tô [estou] muito melhor do que muita mulher mais nova do que eu, que eu olho e fico espantada

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Eloá: Sim, várias vezes. É o que eu falei, eu tenho várias amigas minhas que são mais novas do que eu que estão completamente acabadas. Eu brigo o tempo todo com elas, vocês não se olham no espelho não.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminui-la?

Eloá: Sim, mas foi sem querer. Ah falava ‘com o dinheiro até eu fico bela também’ (gargalhou).

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Eloá: Sim, várias vezes.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Eloá: Não.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Eloá: Não, isso nunca.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Eloá: Não.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Eloá: Não, imagina.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Eloá: Nunca a culpa é dos dois

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Eloá: Nunca por motivos de parceiro.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Eloá: Não, eu sou muito fiel as minhas amigas.

Melissa AC

Entrevistada Melissa

Entrevistada Melissa, de 40 anos, de cor branca, dona de casa, moradora da Zona Oeste do Rio de Janeiro, heterossexual, casada, uma filha, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Melissa: Sempre gostei, até hoje, me considero meio fanática pela aparência. Eu era muito mais encanada no corpo, como em querer ser muito magra, mas hoje eu acho que não. O que eu ligo bastante é rosto, cabelo e unha. Na verdade, a vida inteira eu cuidei muito disso. Sempre procurei usar o cabelo da moda e se tem um procedimento estético eu tô [estou] fazendo.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Melissa: Eu sempre fui, talvez, de observar a minha mãe sempre com roupa bonita. E a minha irmã sempre foi muito estilosa, então, eu sempre fui muito incentivada em tá [está] na moda e ser vaidosa.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Melissa: Meninas, eu achava as brincadeiras dos meninos muito bruta, e eu gostava de brincar de escolinha, dança e casinha.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Melissa: Não.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Melissa: Não.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, jeito de ser ou inteligência?

Melissa: Jeito de ser.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Melissa: Sim, ‘eu na sua idade dançava pra caramba e tinha um corpo maravilhoso’, mas nunca achei que ela fizesse isso para me atingir.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Melissa: Não, é ao contrário, ela sempre fala que tá bom.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Melissa: Não.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Melissa: Sim, com certeza.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Melissa: De cabeça sim, o jeito dela responder as coisas de forma calma e com resiliência. Quero muito chegar um dia com essa capacidade.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Melissa: Não.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Melissa: Não.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Melissa: Sim, mas foi de uma forma cuidadosa, ‘Olha se você não tomar cuidado, você vai engordar muito!’ Até porquê nunca ninguém avisou a ela como cuidar do corpo, então, ela sempre tentou me alertar sobre isso. Até por uma questão de saúde, mas numa boa. E meu pai também, sempre foi cuidadoso.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Melissa: Sim, já muito criticada de ficar bem chateada mesmo. E acabo trocando de roupa no final. Eu não consigo levar o comentário dela como indiferente.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Melissa: Sim, mas sempre vi como se fosse uma dica, do tipo, ‘o peito tá aparecendo’, ‘coloca essa blusinha que não marca tanto quanto essa’. E na maioria das vezes eu concordo, porque eu sempre levei na boa.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Melissa: Nada. Eu uso, né.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Melissa: Eu fico um pouco enciumada, não por conta dela, mas por conta dele, do meu marido, que não vale nada.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Melissa: Não, nenhum, eu só faço o que eu realmente quero. A sobrancelha, por exemplo, ninguém mandou eu fazer, mas eu fiz porque era algo que me incomodava. Você acaba vendo um monte de mulher ficando mais bonita do que você e pensa que tem que fazer alguma coisa também.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Melissa: Lipo eu nunca mais faço na vida! A dor depois da cirurgia é horrível, sem contar que você tem que ficar um mês sentada numa cadeira sem poder se mexer, alguém tem que te ajudar a ir no banheiro e tomar banho. Mas pra [para] mim, o pior foi aguentar a dor, porque mexe muito com o seu corpo. Mas ao mesmo tempo não me arrependo de ter feito, mas se soubesse como seria não faria (gargalhou). Eu fiz porque o meu corpo ficou com aquela gordurinha depois da gravidez. E eu também sempre tive uma boia na cintura, então, acabou que eu passei pelo procedimento por causa da minha autoestima.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Melissa: Várias vezes, eu agora estou fora do peso, uns 5 quilos a mais.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Melissa: Não.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Melissa: Nada, eu respeito, eu tenho um monte de amiga gorda desde criança. Mas eu não me aceitaria gorda, até porque eu nunca fui. Meu pai, minha mãe e minha irmã são magros. E eu gosto de me cuidar. Eu tento ir para academia...fechar a boca. Então, eu não me aceitaria.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Melissa: Nada, acho normal. Porque minha irmã é muito magra, então, tô [estou] bem acostumada.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Melissa: Sim, as calça de cintura alta, eu fico ridícula.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Melissa: Ambiente.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Melissa: Não.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Melissa: Também não...

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Melissa: Sim, quantas vezes! Eu penso ‘nunca vou ser assim na vida, meu, só nascendo de novo’.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Melissa: Sim, você percebe que você tá [está] num momento bom, mas, depois, você desencana.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminui-la?

Melissa: Em tom de brincadeira sim, mas eu não gosto de fazer... tipo, ‘Ah lá aquela garota de shortinho, de bunda de fora, esqueceu o resto do short em casa?’ ou ‘É piranha, mas é gata [bonita], hein!’

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Melissa: Sim.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Melissa: Sim, ui, muitas vezes.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Melissa: Sim, tenho amiga pinha, pesando o que? [riu]

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Melissa: Simmm [diz de forma enfática], eu tinha uma rival, mas era sem maldade, porque eu gostava dela. Acontecia a rivalidade por causa de menino, porque toda vez que eu gostava de alguém e dizia para ela, ela roubava meu boy'. Isso a gente tinha uns 13 anos, tá? E ela era a minha melhor amiga na época. Teve uma vez que foi assim, ela já estava namorando há um tempo um rapaz que eu gostava na adolescência, mas ela ficou com um cara, mesmo namorando, que eu tinha dito que estava gostando. Tipo, como assim?! (riu) E era difícil competir com ela, ela era uma morenaça com cabelão até a cintura e de olho azul. Mas eu nunca deixei de falar com ela por isso, mas eu sentia que eu não podia falar para ela de quem eu estava gostando na época.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Melissa: Não, nada sério. Tem mulheres que eu não vou com a cara! Mas não são minhas rivais.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Melissa: Não, sempre acho que culpa é dele, ele que o comprometeu.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Melissa: Não, eu sempre tentei resolver.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Melissa: Não.

Entrevistada Mônica

Entrevistada Mônica, de 30 anos, de cor branca, Graduada em Jornalismo, Produtora de TV, moradora da Zona Sul Rio de Janeiro, heterossexual, solteira, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Mônica: Acho que eu não ligava, mas eu me lembro que um dia eu cortei o cabelo curtinho e me achei um homenzinho, foi horrível. E isso foi um problema para mim durante muito tempo.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Mônica: Mais ou menos, minha mãe é muito pouco vaidosa. Mas minhas irmãs são extremamente vaidosas, então eu comecei a ter mais noção quando eu tinha meus 13 ou 14 anos por causa delas.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Mônica: Eu brincava com todo mundo.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Mônica: Não.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Mônica: Não, ela sempre disse que cada pessoa é uma pessoa. Nem com as minhas irmãs ela me comparava, porque nós todas somos muito diferentes umas das outras também.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, jeito de ser ou inteligência?

Mônica: Sim, Beleza. E isso me incomoda muito comparar ‘A fulana tá [está] gata, né! Ela tem mais peito do que você, né’

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem?
Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Mônica: Sim, ‘Na sua idade eu era mais gordinha do que você’; ‘Com trinta anos eu estava tendo você, e já tinha 3 filhas, hein...’; ‘Com 19 eu já estava casada’. Eu, sinceramente, não ligo mais, sempre digo que os tempos são outros.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Mônica: Não, pelo contrário, ela tentava levantar a minha autoestima para resolver o problema. Me levava no médico pra [para] ver as minhas espinhas, então sempre foi de uma forma cuidadosa para me alertar, nunca negativa.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Mônica: Sim, em relação a estudo, na época do vestibular, principalmente. Em relação a namoro também, meu pai me cobra muito para eu arrumar um namorado. Ele sempre brinca dizendo ‘Cadê o namorado?’, ‘Quando eu vou conhecer?’, ‘Filha, por que você não me apresenta seu namorado?’. Chega a ser chato! Mas na minha adolescência isso era algo que me incomodava mais, porque era como se todo mundo namorasse e eu não. Hoje não ligo muito, mas que dá vontade de virar pra [para] ele e falar: ‘Homem nenhum presta, por isso não te apresento ninguém!’, dá muita vontade!

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Mônica: Não.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Mônica: Não.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Mônica: Não.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Mônica: Também não.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Mônica: Sim, na época da adolescência, ela dizia ‘Você está gorda, vamos emagrecer!’, mas eu nem achava que ela era agressiva. Na época, eu confesso que levei um choque de realidade, ainda mais na adolescência, porque eu pensava que todo mundo ia me olhar e ia me achar gorda. Eu entendia nessa época que eu não ia ser aceita e que eu tinha que ser magra.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Mônica: Meu pai falava se eu usava roupa muito curta, ‘Vai sair com essa sai?’, mas nada que me afetasse, eu não mudava de roupa não.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Mônica: Sim, total.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Mônica: Seja feliz, minha filha!

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Mônica: Acho normal ele olhar, como eu também olharia um homem bonito, mas acho se está comigo é porque quer, então não me incomodaria.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Mônica: Sim, já tentei ser modelo. Mas meu pai me olhava e dizia que eu não era padrão modelo. Além disso, já tentei emagrecer várias vezes, porque achava que assim eu seria mais aceita.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Mônica: Sim, já fiz luzes, as mechas para ficar loira, para mim sempre arde a minha cabeça. E já fiz uma cagada no meu cabelo, quase fiquei careca. Comprei uma tinta barata na farmácia

e fiquei com o cabelo amarelo, ridículo, e eu tive que consertar depois, nossa, eu perdi muito mais cabelo

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Mônica: Sim, a vida toda, hoje eu me considero fora do peso, mesmo quando eu era esquelética com 15 anos, eu não tinha uma barriga trincada e musculo na perna, então, mesmo nessa época eu não tava [estava] no meu melhor peso, ou corpo.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Mônica: Sim, eu fui da Olivia Palito na escola até ser alertada por amigos que eu estava gordinha. Principalmente, por um amigo homem que me expõem dizendo que eu ‘tô [estou] gordinha e que eu tenho pochete.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Mônica: Hoje em dia, eu penso em saúde. Mas antigamente eu pensava nossa tem que emagrecer e muitas vezes pensava “Nossa, se ela consegue um namorado, eu também tenho que conseguir”.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Mônica: Eu vejo saúde, nossa exagerou um pouquinho, tá precisando comer. Mas é uma opção de cada um. Se tá [está] saudável é o que vale.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Mônica: Não, só a parada do cabelo.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Mônica: Conforto

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Mônica: Com certeza, quero me vestir igual a várias.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Mônica: Sim, Grazi Massafera e a cantora Anitta, fato!

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Mônica: Sim, com certeza.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Mônica: Então, eu sinto admiração pela Anitta e inveja da Grazi, por exemplo.

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Mônica: Sim, o sentimento é muito ruim, até os 26 anos eu posso dizer que eu vivi uma espécie de comparação eterna com outras mulheres, ‘Olha esses olhos verdes e esse corpo’. Sempre vivendo na comparação e na inferioridade de acreditar que os homens não iriam me aceitar.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Mônica: Sim, é muito ruim também.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Mônica: Sim, ‘Não tem conteúdo nenhum’ ou ‘Tem areia na cabeça’.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Mônica: Nossaaaa, muitas vezes! Hoje eu evito muito esse embate por causa de homem. Mas eu acho que quando a gente sai pra [para] pegar (dar beijos) homem, a gente sai como se fosse pra guerra, né, e as outras mulheres são o exército oposto

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Mônica: Sim.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Mônica: Não.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Mônica: Eu meio que desconfiava de qualquer menina. Eu não gostava dela, porque ela me olhava enviesada, ou me olhava de mais. Eu também tinha uma coisa que era que as minhas amigas não podiam gostar dessas meninas que eram as minhas inimigas. Se gostassem delas, elas tinham passado para o outro time.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Mônica: Não, só da paz agora.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Mônica: Sim, mas hoje eu tenho a consciência de que os dois são culpados

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Mônica: Jamais!

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Mônica: Não.

Apêndice AE

Entrevistada Isabel

Entrevistada Isabel, de 18 anos, de cor branca, cursa a graduação de Direito, moradora da Zona Oeste do Rio de Janeiro, heterossexual, solteira, de classe média.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Isabel: Sim, por conta da minha orelha, eu sempre sofri *bullying* e quis mudar isso em mim. Eu sempre tive esse incomodo, e quando as pessoas falavam me dava tristeza porque eu me

sentia fora do padrão, então a beleza chegou pra [para] mim mostrando que eu não poderia ter a minha orelha desse tamanho.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Isabel: Sim, minha mãe sempre me perequetou [arranjou] inteira. Mas para mim, depende se eu quero ou não usar, acho que eu sou vaidosa em partes.

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Isabel: Os dois.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Isabel: Sim, a casa da Barbie, que eu queria ter e eu nunca tive, sempre tive inveja das amigas que tinha.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Isabel: Minha mãe me compara muito em relação ao meu estudo, que eu não estou me esforçando tanto quanto uma amiga minha. Ou comparação em relação ao meu corpo. Que uma amiga minha é mais magrinha do que eu, porque eu tô [estou] comendo muito ou porque fulana tem mais corpo do eu, mas é mais nova do que eu. Acho que ela compara bastante o meu corpo, eu não gosto muito não. Só [gosto] quando ela diz que eu tenho mais corpo do que a outra[rapariga], aí eu me sinto melhor.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, jeito de ser ou inteligência?

Isabel: Acho que beleza e corpo: ‘Fulana tem mais corpo do que você’.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Isabel: Sim, minha mãe mesmo se compara: ‘Nossa, você é igualzinha a mim na sua idade, magrinha’.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Isabel: Não, minha mãe, às vezes, fala para eu parar de tomar refrigerante porque eu tenho facilidade de ter estria, mas só.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Isabel: Sim, em relação a estudo, a arrumar a casa e a ser mais proativa.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Isabel: Ela é muito determinada.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Isabel: Não.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Isabel: Não.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Isabel: Não.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Isabel: Sim, na época da adolescência, ela dizia ‘Você está gorda, vamos emagrecer!’, mas eu nem achava que ela era agressiva. Na época, eu confesso que levei um choque de realidade, ainda mais na adolescência, porque eu pensava que todo mundo ia me olhar e ia me achar gorda. Eu entendia nessa época que eu não ia ser aceita e que eu tinha que ser magra.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Isabel: Tipo se eu uso um short muito curto, ela diz para eu por um casaco na cintura, porque é perigoso sair assim na rua. Ela alerta de uma forma bem cuidadosa.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Isabel: Não.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Isabel: Às vezes, eu olho e penso: ‘Nossa, não quer botar uma calça? Tá frio!’

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Isabel: Espero que ele não olhe.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Isabel: Não, mas é estranho, porque eu não gosto do meu corpo, mas também não faço nada para mudar.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Isabel: Depilação a cera e progressiva. Sou muito sensível, tudo me dói.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Isabel: Eu sou fora do peso, para menos, mas sou.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Isabel: Já sofri em relação a minha orelha. Mas em relação ao corpo, as pessoas falam que sou magrela e desbundada, mas isso tudo bem, porque é verdade.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Isabel: Se ela fosse muitooo [ênfatisou] gorda eu ficaria preocupada, do tipo, essa pessoa precisa se alimentar melhor.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Isabel: Eu ficaria preocupada.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Isabel: Não...

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Isabel: Conforto

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Isabel: Sim, as famosas teens e blogueiras do *Insta*.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Isabel: Nunca pensei nisso.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Isabel: Admiração.

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Isabel: Sim, muitas vezes, eu me sinto triste, insuficiente e chateada.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Isabel: Nunca.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Isabel: Sim, mas eu falo mais ‘Nossa, que filha da mãe de linda’, mas faço no tom de brincadeira, tipo admirando.

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Isabel: Não.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Isabel: Não.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Isabel: Sim, isso sim.

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Isabel: Ah eu tinha sim! Ela me chantageava o tempo todo, do tipo, se você não me emprestar essa boneca, eu não sou mais ser a sua amiga. Sem contar das vezes que ela me rebaixava, falava que eu não era tão bonita ou que ninguém ia querer ser mais a minha amiga porque eu era chata. Mas na verdade, acho que se tratava muito mais de uma inveja que ela tinha por mim e eu tinha por ela. Ai, cara, era uma amizade super tóxica, a gente tentava competir nas mínimas coisas, uma ficava se achando pra [para] outra!

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Isabel: Não!

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Isabel: Não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Isabel: Não.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Isabel: Não.

Apêndice AF

Entrevistada Neide

Entrevistada Neide, de 65 anos, de cor negra, Trabalhadora Doméstica e Aposentada, moradora da região Metropolitana do Rio de Janeiro, heterossexual, solteira, de classe baixa.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época?

Neide: Sim, eu queria me arrumar melhor, ter roupas e calçados, porque na minha infância a gente só ganhava roupa nova quando tinham as festas tradicionais como: festa junina e semana santa. Eu queria ter mais opções, mas minha família era muito pobre, então não tinha como.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Neide: Sim, minha mãe era muito cuidadosa com a gente, não deixava a gente ficar com cabelo muito grande ou bagunçado, então, ela pedia para alguém cortar e sempre penteava para a gente. Ela cuidava muito do nosso cabelo e também sempre tava [estava] preocupada se a gente ia andar suja. Ela dizia que mesmo a gente sendo pobre a gente tinha que andar limpo. Eu lembro disso até hoje. Ela mandava a gente tomar banho e dizia: ‘Se não tomar banho, a pessoa na rua vai passar por você e vai sentir o cheiro ruim’ [riu].

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Neide: Meninas.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Neide: Não.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Neide: Não

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, jeito de ser ou inteligência?

Neide: Sim, jeito de ser.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Neide: Não, não que eu me lembre, já faz tanto tempo.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Neide: Não, imagina, ela nunca fez isso.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Neide: Não.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Neide: Sim, eu admirava o jeito dela e até hoje eu lembro dela. Eu levo da minha mãe vários aprendizados, como: ter que arrumar a casa, não arranjar brigas com as pessoas e não dar problemas para os outros.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Neide: Não.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Neide: Não acho que seja inveja, mas eu achava bonito a maneira dela ser. Ela sabia cuidar muito bem dos filhos, mesmo a gente sendo pobre, ela não deixava a gente andar sujo. Minha mãe foi muito exemplar, não deixava a gente andar com roupa rasgada ou descalço na rua.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua?

Neide: Não.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Neide: Não.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Neide: Não.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Neide: Ai nunca percebi nada.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Neide: Acho que cada um usa o que gosta, o que acha que tá [está] certo.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Neide: Não ligaria.

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Neide: Sim, a moda do cabelo curtinho.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Neide: Eu fazia as unhas da mão, mas teve uma vez que ficou tão inflamada que eu quase perdi a unha inteira, sem contar da dor que eu senti... mais de uma semana com dor. Aí eu fiz uma promessa que eu nunca mais ia fazer a mão e nunca mais fiz.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Neide: Sim, mas hoje eu até consegui voltar pro [para o] meu peso.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Neide: Não, graças a Deus.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Neide: Eu penso que pode ser problema de saúde, outras vezes é que ela não consegue emagrecer que nem uma irmã que eu tenho.... Coitada dela! Mas eu penso assim.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Neide: Eu só acho que o corpo é bonitinho, mas só isso, não discrimino.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Neide: Depois de quase perder a unha da mão, hoje, eu não faço mais, nem que me paguem. Também usei quando estava na moda a calça boca de sino, mas eu detestava.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Neide: Pessoas.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Neide: Com certeza.

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Neide: Não isso não.

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Neide: Admiração pelo jeito de se vestir.

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Neide: Não.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Neide: Também não.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Neide: Oxe... já diminuí muita mulher que eu achei bonita sim. Falava ‘ahh deve ser piranha, né?’, ‘Pra [para] tá ai, é porque deu!’, ihh várias vezes, às vezes, nem percebia [riu timidamente]

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Neide: Não.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Neide: Não.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Neide: Sim e não [riu].

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Neide: Não, sempre fui uma pessoa de paz.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Neide: Não, imagina [riu].

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Neide: Não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Neide: Sim, ela era muito bonita, sabe? E acho que ela não tinha noção disso. Ai me afastei, eu me sentia ameaçada por ela, uma sensação estranha.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Neide: Não.

Apêndice AG

Entrevistada Beta

Entrevistada Beta, de 18 anos, de cor negra, Ensino Médio Completo, moradora da Zona Norte do Rio de Janeiro, heterossexual, solteira, de classe baixa.

Isabella: Durante a sua infância, você era preocupada com a aparência física ou em estar dentro de algum “padrão de beleza” mesmo sem ter a consciência na época? **Beta:** Não. Mas com uns 12 anos eu passei a gostar de ver vídeos e queria tá [está] maquiada para ir para escola.

Isabella: Você acha que foi incentivada a ser vaidosa? Consegue ver os reflexos hoje em dia?

Beta: Sim, como a maquiagem, porque tem certos lugares que só dá pra [para] ir de maquiagem e depois que eu cortei o cabelo, só saio de argolão [brinco grande].

Isabella: Agora no âmbito das brincadeiras, você tinha preferência em brincar com meninas ou meninos? Sabe o por quê?

Beta: Meninas, os meninos eram mais brutos.

Isabella: Já teve inveja de alguma amiga sua por ter um brinquedo que você não tinha? (...) Quais eram os sentimentos que você sentia nessa época?

Beta: Sim, eu queria ter, mas não tinha dinheiro para comprar, era um sentimento de inveja mesmo.

Isabella: Você já foi comparada com alguma outra amiga sua pela sua mãe?

Beta: Sim, em relação ao estudo e a relacionamento também: ‘fulana já tá [está] namorando’. E são duas coisas que eu me cobro muito até.

Isabella: Agora de uma forma geral, você já sofreu comparações com outras amigas? O que mais era levado em consideração – beleza, jeito de ser ou inteligência?

Beta: Inteligência.

Isabella: E você já foi comparada com a sua própria mãe na época que ela era jovem? Em relação a corpo, trabalho ou jeito de ser?

Beta: Em relação a trabalho sim, porque ela na minha idade já trabalhava.

Isabella: Já se sentiu inferiorizada pela sua mãe, ou por algum parente seu, em relação ao seu corpo ou a sua aparência? (...) E o que você sente quando sofre essas reprovações?

Beta: Mais ou menos, porque é mais em relação a postura, mas sempre é de uma forma cautelosa.

Isabella: Você já se sentiu muito exigida pela sua mãe ou por um familiar seu?

Beta: Em estudo, porque ela não teve a oportunidade de estudar e vê a oportunidade em mim.

Isabella: Você vê a sua mãe como um espelho de ser mulher?

Beta: Sim, porque ela é muito guerreira por tudo que ela faz.

Isabella: Você já quis ser a sua mãe?

Beta: Em alguns momentos sim, como poder morar sozinha, ter o meu dinheiro, minha independência.

Isabella: E você acha que já sentiu inveja da sua própria mãe?

Beta: Da minha mãe não. Mas já tive inveja da minha madrinha, ela é muito presente na minha vida. Já quis ser igual a ela, sabe? Porque ela conquistou muita coisa na vida e veio de uma família pobre que nem eu.

Isabella: Você já teve ciúmes do relacionamento da sua mãe com uma amiga sua? **Beta:**

Sim, fica chamando uma amiga minha de filha, eu hein! Mas eu não levo muito a sério.

Isabella: Você já foi alertada por algum familiar seu por estar fora do peso?

Beta: Não, no máximo que eu tinha que comer mais porque tava [estava] muito magrinha.

Isabella: Você já foi julgada por algum familiar por usar algum tipo de roupa? Qual foi seu sentimento?

Beta: Não, isso não.

Isabella: Você se sente julgada por outras mulheres quando faz uso de algum tipo de roupa em espaço público?

Beta: Ah isso, sim [riu].

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas?

Beta: Eu fico com medo do que pode acontecer com ela, em relação a segurança dela.

Isabella: Agora, o que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher com roupas curtas e você esteja na presença do seu parceiro?

Beta: Acho que ela estaria mais segura na presença do meu namorado e eu também ficaria, porque acho que de alguma forma ele poderia proteger ela, sabe?

Isabella: Você já procurou fazer parte de algum padrão de beleza para ser mais aceita na sociedade? O que foi?

Beta: Sim, o cabelo principalmente, porque eu alisava e querer emagrecer.

Isabella: Já passou por tratamentos de beleza que você considerou doloroso?

Beta: Cara, o cabelo para mim sempre foi um karma, porque meu cabelo é crespo e eu alisei por muitos anos e o processo de alisamento é dolorosa, assim como também foi doloroso o meu processo de transição para voltar a ser crespo.

Isabella: Você já se sentiu fora do peso?

Beta: Sim, neste momento inclusive, minha barriga as vezes fica grande.

Isabella: Você já passou por situações constrangedoras em relação ao peso, como: piadas ou bullying? Qual foi o sentimento?

Beta: Não, quando eu era criança era muito magra.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando vê uma mulher gorda?

Beta: Nossa, podia fazer uma dieta e penso que eu não queria chegar a esse ponto.

Isabella: O que passa na sua cabeça quando você vê uma mulher muito magra?

Beta: Eu acho a mesma coisa, coitada, tem que dar uma engordada. Eu gosto de carne.

Isabella: A mídia já ditou alguma moda que você compactuou/ acompanhou, mas não se sentiu confortável – exemplo das calças de cintura baixa, das unhas postiças, das depilações a laser, dos alisamentos de cabelo, dos shakes para emagrecer?

Beta: O salto alto e o alisamento. O alisamento eu achava horrível, mas eu achava necessário. Aí teve uma época que eu estava ficando doente por causa dos procedimentos químicos capilares. E quando mudei o meu cabelo a minha personalidade mudou também.

Isabella: Quando você vai escolher uma roupa para um evento, o que leva primeiro em consideração: o conforto, o ambiente ou as pessoas?

Beta: Ambiente.

Isabella: Você já quis se vestir igual a alguma famosa?

Beta: Sim, fato!

Isabella: Já quis ser alguma mulher famosa?

Beta: Ah quem nunca?

Isabella: O sentimento por essa famosa era de admiração ou de inveja?

Beta: Admiração.

Isabella: Já se sentiu diminuída por uma mulher que fosse considerada mais bonita do que você?

Beta: Sim, eu sinto que eu preciso me tratar mais, emagrecer, tratar da minha pele, parar de comer besteira, eu já tive muito problema com cabelo e isso me afetava muito. Com uns 13 e 14 anos, eu alisava o cabelo para me sentir ‘melhor’.

Isabella: E você já se sentiu superior a alguma amiga por questões de beleza?

Beta: Nunca.

Isabella: Você já xingou, ou menosprezou alguma mulher que você mesma achasse muito bonita na intenção de diminuí-la?

Beta: Sim, mas não lembro de nada em específico [riu].

Isabella: Você já esteve na situação de competição com uma outra mulher para se relacionar com um homem?

Beta: Sim, mas isso é normal, né.

Isabella: Você já foi instigada a trair a própria amiga com a pessoa com quem ela se relacionava na época?

Beta: Não.

Isabella: Já desconfiou de alguma amiga em relação ao seu parceiro ou parceira?

Beta: Ah cara, já desconfiei, mas nunca descobri nada, sabe? Acho que eu desconfiava porque ela era muito gata [bonita].

Isabella: Você já teve alguma amiga na infância que você considerava ser sua rival?

Beta: Não.

Isabella: Mas, e hoje, você vê alguma mulher como a sua rival?

Beta: Não.

Isabella: Você já culpabilizou, apenas, a mulher em algum caso de traição envolvendo seu parceiro?

Beta: Não.

Isabella: Você já se afastou de alguma amiga por motivos de insegurança com seu próprio parceiro?

Beta: Não, não.

Isabella: Você já traiu a amizade com uma mulher por influencia do parceiro dela?

Beta: Não